

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Psicologia – IP
Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura – PPG - PsiCC

O COTIDIANO DO CAPS
INVESTIGAÇÃO DO AMAR, GOZAR, TRABALHAR E COMUNICAR EM
PROFISSIONAIS DE SAÚDE MENTAL

PRISCILA DA SILVA ANTONIO

Brasília - DF
2011

PRISCILA DA SILVA ANTONIO

**O COTIDIANO DO CAPS: INVESTIGAÇÃO DO AMAR, GOZAR, TRABALHAR E
COMUNICAR EM PROFISSIONAIS DE SAÚDE MENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientador: Dr Francisco Martins
Coorientador: Dr Luiz Pasquali

Brasília - DF
2011

PRISCILA DA SILVA ANTONIO

**O COTIDIANO DO CAPS: INVESTIGAÇÃO DO AMAR, GOZAR, TRABALHAR E
COMUNICAR EM PROFISSIONAIS DE SAÚDE MENTAL**

Dissertação apresentada e defendida em _____ para banca examinadora
composta por:

Professor Dr. Francisco Martins
Presidente da Banca – PsiCC/UnB

Professor Dr. Charles Watters
Membro externo - University of Rutgers New Jersey

Professor Dr. Ileno Izídio da Costa
Membro interno - PsiCC/UnB

Professora Dra. Maria de Fátima de Novais Gondim
Suplente – Escola Superior de Ciências da Saúde – FEPECS/ SES / DF

Aos profissionais e usuários dos
Centros de Atenção Psicossocial e a
todos interessados pela saúde
mental.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força nos momentos mais difíceis deste trajeto.

Ao Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília, pela abertura em me receber no programa e pela qualidade do mesmo.

Ao professor Dr Francisco Martins, orientador e mestre, pela dedicação e apoio, sempre acessível, sendo fundamental para a concretização deste estudo, bem como na minha formação acadêmica.

Ao professor Dr Luiz Pasquali, pelo aceite na coorientação deste, pela paciência e dedicação.

Ao colega Daniel Röche, por seu envolvimento e participação no processo de análise dos dados pelo *software* Alceste.

À Secretaria de Saúde de Anápolis, por possibilitar a realização deste.

Aos profissionais e colegas dos CAPS de Anápolis, pela participação e apoio.

Aos colegas do corpo docente da UniEVANGÉLICA, pela compreensão e apoio nos momentos difíceis deste percurso.

Aos amigos Angelina Valverde, Karla Prado e Demian Alves, pelo companheirismo e apoio.

A meus pais, pelo apoio e incentivo, com amor e gratidão.

*“Um dos maiores dilemas do pensamento brasileiro,
no presente, é compreender o homem comum.”*

Octávio Ianni

RESUMO

Entende-se por cotidiano o que se sucede ou se pratica todos os dias ou habitualmente; o que é diário. Trata-se, portanto, de uma representação do ser de cada um, através do movimento do dia-a-dia das pessoas. As categorias dêiticas: tempo, pessoa e espaço, associadas aos verbos amar, gozar, trabalhar e se comunicar por símbolos, representam atividades intrínsecas humanas. Entende-se que as mesmas podem se comprometer em maior ou menor grau, em toda e qualquer crise do indivíduo. O objetivo geral do estudo é conhecer as atividades da vida cotidiana, através dos verbos: amar, gozar, trabalhar e comunicar por símbolos, em profissionais de saúde mental que trabalham em unidades de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), e o objetivo específico é desvelar os sentimentos e percepções da mesma população frente aos verbos referidos. Pesquisa descritiva, coleta de dados através de entrevistas semi-estruturadas, gravadas e transcritas. O local são três unidades de CAPS do interior de Goiás. Realizado entre novembro de 2010 e janeiro de 2011. Participaram nove profissionais das referidas instituições. Estudo aprovado pelo Comitê de Ética da UniEVANGÉLICA sob ofício de n.º 080/ 2010. Análise descritiva foi feita através do *software Alceste*, além da submissão do mesmo *corpus* discursivo à análise temática. Os resultados apontaram três categorias: trabalho e prazer; relacionamento: amar e comunicar, trabalho e desprazer, e quatro classes muito próximas às categorias: trabalho e prazer, amar, comunicar, trabalho e desprazer. A classe ‘trabalho e desprazer’ apontou para a defesa modalizada pela projeção que os levam a duvidar da capacidade de modificar, inovar e realizar um serviço de qualidade. O verbo ‘amar’ trata do compartilhar, sendo necessário intimidade, implicação e empatia nos CAPS na condução do mover para as transformações. Quanto à classe ‘comunicar’, revelam ter dificuldades em se expressar, mesmo sendo este verbo considerado “fundamental”. Na classe ‘trabalho e prazer’, o prazer não está na atividade do trabalho, mas no fruto do mesmo. Gozar a vida não aparece como categoria ou classe isolada, mas distribuído nas atividades mencionadas. Observa-se um dilema no trabalho expresso em mecanismos de negação e projeção. Concluímos tratar-se de uma neurose de dúvida coletiva, evidenciadas pelos verbos páthicos: querer, poder e dever. A dúvida paralisa a pessoa no sentido da concretização dos desejos. Os verbos, aqui elencados, fazem parte do cotidiano de todos nós, o que não é diferente no grupo pesquisado, sendo discutidos em detalhe ao longo da dissertação.

Palavras-chave: Atividades Cotidianas. Serviços de Saúde Mental. Saúde Mental. Psicopatologia.

ABSTRACT

By the everyday it is understood what occurs or what is practiced every day or habitually. It is, therefore, a representation of the being of each one, through the day-to-day movement of people. The deictic categories: time, person and space, associated to the verbs love, enjoy, work and communicate by symbols, represent intrinsic human activities. It is understood that the same can be involved to a greater or to a less degree, in every and any crisis of the individual. The main objective of this study is to understand the activities of the everyday life, through the verbs: love, enjoy, work and communicated through symbols of mental health professionals that work in units of the *Centros de Atenção Psicossocial* (CAPS), and the specific objective is caring for the feelings and perceptions of the same population in the light of the verbs mentioned. Statistical research was collected from data through semi-structured, recorded and transcribed interviews. The locations are three CAPS units in the countryside of Goiás. It was carried out in November 2010 and January 2011. The participants included nine health professionals of the mentioned institutions. The study was approved by the Ethic Committee of *UniEVANGÉLICA*, under the official letter nº 080/ 2010. Descriptive analysis was done through *Alceste* software in addition to the submission of the same discursive body for thematic analysis. The results pointed to three categories: work and pleasure, relationship: love and communicate, work and displeasure; and four classes closely relate to the categories: work and pleasure, love, communicate and work, displeasure. The class 'work and displeasure' pointed to a modalized defense through the projection that leads them to doubt the capacity to modify, innovate and realize quality service. The verb 'love' is relevant to sharing, being necessary intimacy, implication and empathy in the CAPS in the conclusion of the movement towards transformations. As for the class 'communicate', they reveal difficulties in expressing themselves, albeit being this verb considered "fundamental". In the class 'work and pleasure', pleasure is not found in work activity, but in the recompense of the same. To have pleasure in life is not found as an isolated category or class, but it is distributed in the activities mentioned. A dilemma is observed at work explicit in negation and projection mechanism. We conclude that we are dealing with a neurosis of collective doubt, evident by the affective verbs: want, can and should. Doubt paralyzes the person relevant to instantiating the desires. The verbs listed here make-up a part of the everyday of all of us, which is no different in the researched group, being discussed in detail throughout the dissertation.

Key words: Activities of Daily Living. Mental Health Services. Mental Health. Psychopathology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I - O COTIDIANO E SUAS ATIVIDADES	12
1.1 O cotidiano e sua importância na clínica	12
1.2 Verbos como atividades típicas da vida cotidiana: gozar, amar, trabalhar e comunicar por símbolos.....	13
1.3 A comunicação simbólica e a vida cotidiana	28
CAPÍTULO II - OS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL E O COTIDIANO NESTE CONTEXTO	41
2.1 A reforma psiquiátrica	41
2.2 Os Centros de atenção Psicossocial	44
CAPÍTULO III – A INVESTIGAÇÃO	49
3.1 A pesquisa: análise e discussão dos resultados	49
3.2 Aspectos éticos e legais	50
3.3 Tratamento dos dados	51
3.4 Análises de Correspondência: relação entre as Classes	88
CONCLUSÃO.....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
APÊNDICES	
Apêndice I - Lista de tabelas e quadros	
Apêndice II - Lista de siglas e abreviaturas	
Apêndice III - Característica dos CAPS (infantil; álcool e drogas e CAPS II)	
Apêndice IV - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	
ANEXO	

INTRODUÇÃO

O cotidiano trata do que é habitual e ordinário, que faz parte do dia-a-dia do homem comum. As rotinas e atividades fazem parte do cotidiano e são imprescindíveis para a vida em sociedade, e a sua compreensão possibilita adentrar aos interesses e aflições, por isso a importância que este conhecimento traz para estudiosos e clínicos em psicopatologia. Neste estudo daremos importância a quatro atividades cotidianas específicas: amar, gozar, trabalhar e comunicar por símbolos. Acreditamos que estas atividades, além de fazer parte da vida de todos os homens, podem se comprometer, em maior ou em menor grau, em toda e qualquer crise vivida. O cotidiano, portanto, não é comum por ser banal, mas por fazer parte do humano, assim assinala Vergote (1978) e Martins (2005); que o conhecimento do cotidiano nos faz participar da interação e produção de significados.

Os verbos, em geral, designam atividades. Quando estão ligados aos variados dêiticos (pronomes demonstrativos, expressões definidas e nomes próprios, por exemplo) e nas categorias de pessoa, tempo e espaço, eles se implicam com o sujeito em ato. Neste caso, é o sujeito que enuncia a frase. Os quatro verbos (amar, gozar, trabalhar e comunicar) estão interarticulados. Cada um tem uma característica especial que detalharemos neste estudo. Assim, o verbo amar faz parte das preocupações mais antigas expressas em obras da mitologia grega. Platão e Aristóteles permanecem vivos no modo do homem comum pensar até hoje (quem não conhece a expressão “amor platônico”?). O amor está presente na clínica diária, onde tantas pessoas que sofrem por amor buscam ajuda. Gozar vem de desfrute, atividade relacionada ao prazer, sentida no corpo próprio e presente nas paixões, nas quais a pessoa se revela e se move. No caso do mover-se na vida em busca dos seus ideais, desejos e conquistas, comumente encontrados no universo do trabalho. É a pulsão que nunca deixa de pulsar e que torna vivo o homem para continuar na caminhada da vida, sempre desejante, não apático ou passivo frente às vicissitudes da vida.

O trabalho em nossa sociedade é fundamental até mesmo para concepção de pessoa e construção do seu papel social. O trabalho, porém, pode ser também fonte de insatisfação e adoecimento, como vemos na obra de Dejours (2008 a) sobre a psicopatologia do trabalho. O trabalho faz parte do ser humano e é capaz de trazer autonomia e reinserção social em meios que não eram possíveis, por isso seu valor. A comunicação por símbolos, ou seja, a linguagem, tem a particularidade de unir pessoas e de ser um meio em que podemos compartilhar mundos. A linguagem é, também, um meio socializador e deve ser valorizada

em instituições que tem o objetivo de inserir outros em um meio onde antes eram privados. Neste caso, porém, o cotidiano é dos profissionais, aqueles responsáveis pelas mudanças neste novo paradigma. Cremos que as mudanças se iniciam nas pequenas coisas, no dia-a-dia destas unidades.

O presente trabalho trata de atividades do cotidiano em profissionais de saúde mental, de unidades dos Centros de Atenção Psicossocial. O interesse por estas unidades de saúde cresceu por constituírem modelo de assistência em saúde mental no Brasil, sendo mencionados como serviços substitutivos de assistência nos manuais do Ministério da Saúde, em suas diretrizes e estratégias de atenção. As discussões sobre a reforma psiquiátrica praticamente giram em torno da autonomia e da reinserção social do paciente. Porquanto, nada mais adequado que o estudo do cotidiano.

A psiquiatria clássica, com todas as classificações, através do levantamento de índices, ou seja, sinais e sintomas, evidenciam as síndromes diferenciando o normal do patológico. Porém, estas avaliações não são capazes, por si só, de contemplar as questões inerentes à vida cotidiana dos pacientes, bem como seus desejos e caminhos a percorrer no curso da vida (MARTINS, 2005). O conhecimento do cotidiano nos auxilia a adentrar na vida das pessoas, nos tornando próximos, já que também fazemos parte deste mundo humano, ao invés do olhar distante de um “objeto de estudo” ou de um “paciente” etiquetado de um diagnóstico. Para a compreensão do que se passa na vida das pessoas se faz, por evidência, a linguagem. A mediação em seu principal instrumento, a linguagem, se implica com um processo que necessita de empatia na clínica diária. Ora, entende-se por empatia a capacidade de se colocar no lugar do outro, “sentir na pele” o sofrimento, com participação no processo e não como um mero observador (transferência). Conhecer o ser humano e suas atividades no cotidiano, no comum, no dia-a-dia, ao invés de focar a assistência no patológico, fará a intervenção, tão somente, mais “humana”. Portanto, para lidar com as questões dos outros, seres humanos, é necessário primeiramente lidar com as próprias questões. Quanto mais distantes, mais fácil não nos envolver ou sentir compaixão. De qualquer forma, não temos como nos esquivar. Já estamos implicados, reafirmando a frase de Martins (2005, p.45): “[...] na simpatia ou na antipatia, nestes dois casos estamos implicados com o sujeito”.

Situemo-nos sobre o que será apresentado acerca do vivido por trabalhadores de saúde no seu contexto profissional. Nosso objetivo geral é conhecer as atividades da vida cotidiana, através dos verbos: amar, gozar, trabalhar e comunicar por símbolos em profissionais de saúde mental que trabalham em unidades de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). O

objetivo mais específico é desvelar os sentimentos e percepções da mesma população frente aos verbos referidos.

Nossa dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo traz uma reflexão sobre o cotidiano e suas atividades expressas pelos verbos no infinitivo: amar, gozar, trabalhar e comunicar por símbolos. Uma vez associados aos dêiticos, os verbos se tornam fundamentais para a construção das frases. Para que sejam, também, transmitidas com maior clareza e que a linguagem cumpra seu papel, possibilitando a produção de sentido e levando a compreensão. No segundo capítulo, buscamos situar o leitor no modelo de atenção em saúde mental que ora se consolida em nosso país. No início, um breve esclarecimento sobre a reforma psiquiátrica será feito e, posteriormente, clarearemos sobre o funcionamento e as características dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Por último, o capítulo terceiro tratará da investigação propriamente dita e a leitura do cotidiano na vida dos profissionais de CAPS, que tanto nos interessa.

CAPÍTULO I

O COTIDIANO E SUAS ATIVIDADES

O cotidiano nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) é o tema de investigação neste capítulo. O cotidiano trata do que é comum do dia-a-dia, por isso é tão importante no caminhar da vida. Neste caso específico, pretendemos conhecer o cotidiano ligado às atividades amar, gozar, trabalhar e comunicar por símbolos nos profissionais destas unidades. Os serviços de CAPS são modelo no processo da reforma psiquiátrica brasileira, apontados como serviços substitutivos, com o objetivo de reinserir seus usuários no meio social, por isso, nada mais adequado do que estudar o cotidiano nestas instituições. Neste caso nos deteremos ao cotidiano dos profissionais, uma vez que são estes os responsáveis por adequar os serviços a esta nova realidade da assistência.

O cotidiano envolve rotinas e as atividades amar, gozar, trabalhar e comunicar por símbolos. Estes constituem largamente a rotina de vida de todos nós. Em toda e qualquer crise, uma destas atividades será afetada. Este capítulo traz uma reflexão do cotidiano e suas atividades (verbos do estudo), além de uma discussão sobre a comunicação e a sua importância na clínica. Neste último, uma atenção especial ao dêitico na linguagem será dada.

1.1 O cotidiano e sua importância na clínica

Entende-se por cotidiano o que sucede ou se pratica todos os dias ou habitualmente; o que é diário, ou seja, a vida comum do dia-a-dia (FERREIRA, 1986). Portanto, o cotidiano trata do que é habitual, simples, comum e diário de todos nós. É a vida tal como ela transcorre, sem excepcionalidades.

Paradoxalmente, nem sempre o comum do dia-a-dia foi aceito como conhecimento relevante. Foi mesmo desqualificado e considerado, ironicamente, fonte de equívocos e distorções. Mas para aqueles que se interessam pelas questões do humano e da clínica, a compreensão do cotidiano possibilita adentrar no mundo dos sujeitos em suas relações sociais e conseqüentemente na realidade vivida (MARTINS, 2000). O que é extraído da experiência de vida de cada um, em um período de tempo, é essencial para a compreensão do cotidiano que neste caso é considerado um mundo cheio de detalhes a ser desvelado, de interesses tanto da Sociologia quanto da Filosofia, História e também de profissionais de saúde mental. Portanto, este conhecimento “comum” não o é por ser banal, mas por ser vivido por todos,

inclusive pesquisadores. Desta forma, torna-se mais complexo por estarmos envolvidos e sujeitos às mesmas variáveis da vida cotidiana.

Spink (2004, p.19) reforça a importância do *sensu comum* na pesquisa para não correr o risco em manter a distância da realidade vivida e aí, sim, ocorrer o equívoco pela análise distanciada dos fenômenos, e afirma ainda que “[...] é muito difícil fazer ciência de portas fechadas”. Ainda Spink (2004) explicita que o conceito do cotidiano não é apenas o que é comum, habitual, usual ou ordinário, mas aquilo que pertence a todos os mundos, ou seja, o que é compartilhado, tornando comum. O senso comum é, portanto, o “conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social”. O compartilhar, através da linguagem, possibilita aos participantes da interação a produção de significados, já que o significado é reciprocamente experimentado pelos sujeitos.

Esta forma de pensar, segundo Moscovici (1976), considera tanto os contextos sociais sobre os comportamentos, quanto os fenômenos psicossociais e a ação individual na construção da realidade social. Cria o termo representações sociais como teorias do senso comum, que através da comunicação torna comum o significado de parte da existência da vida cotidiana. Segundo Sá (1995)

Nessa perspectiva, o processo de gênese das representações tem lugar nas mesmas circunstâncias, e ao mesmo tempo, em que se manifestam. Ou seja, por meio da mesma “arte da conversação” que abrange tão extensa e significativa parte de nossa experiência cotidiana.

É importante ressaltar que neste contexto o conceito de representações sociais está vinculado a uma dinâmica social através do comportamento e da comunicação. Tanto o comportamento quanto a comunicação são influenciadas pelo coletivo social, mas o sujeito da ação é individual. Portanto, o cotidiano se passa no coletivo das relações sociais, tendo, não obstante, singularidade individual, onde a pessoa determina e escolhe seu destino de vida dentro de um contexto social. O estudo clínico contribui nas decisões particulares em como lidar com o cotidiano, através da compreensão e melhor adaptação à vida social dos pacientes e dos profissionais envolvidos.

1.2 Verbos como atividades típicas da vida cotidiana: gozar, amar, trabalhar e comunicar por símbolos

Os verbos podem designar ação, a existência de pessoas, animais ou objetos, além de demonstrar estado e qualidade dos mesmos (FERREIRA, 1986). Os verbos são divididos por suas funções. Verbos nominais, por exemplo, o ser e o ter, não designam atividades como amar, gozar, trabalhar e comunicar. Os verbos estão ligados às categorias de pessoa através,

por exemplo, do uso dos pronomes pessoais e tempo, sendo raro o uso de verbos sem distinção de pessoa (BENVENISTE, 2005). O verbo transmite o significado da ação. Junto com o nome (pronomes) dá a entender quem praticou a ação, bem como quando a mesma aconteceu no modo indicativo (presente, pretérito e futuro) e no subjuntivo do indicativo. Neste caso, nos referimos aos verbos como ativos na ação.

Os verbos designam atividades antropológicas específicas constituindo-os na sua humanidade quando sua atividade se relaciona com o mundo (trabalhar), com o outro (amar), com o prazer próprio (gozar) e com as relações sociais simbolizadas (comunicar). Eles são inter-articulados e têm uma relação dialética entre eles. Interessante notar que como toda a atividade, a ação não é contínua, é temporalizada. Não se pode ter a atividade de amar constantemente (nem gozar, trabalhar ou comunicar), daí ser tão difícil prometer a felicidade. O ideal de felicidade é tão difícil de ocorrer que é impossível de se estabelecer permanentemente. A prova desta descontinuidade é o próprio momento de crise, na qual as pessoas que procuram ajuda reconhecem e reclamam de deficiências em uma ou mais destas atividades medidas pelos verbos. Somos seres mundanizados e isso caracteriza a clínica. O que dá o tempo é o verbo e não o substantivo. A diferença é que queremos ver a vida em movimento.

1.2.1 AMAR: “O maior destes”

*Matrimônio de mentes verazes
Que ao matrimônio de mentes verazes
Não admita eu empecilhos. Amor não é amor
Se se altera quando encontra alterações,
Ou que se inclina para remover o removedor.
Oh não! Mas é um alvo sempre fixo,
Que encara tempestades e nunca se abala.
E a estrela de toda barca ao léu,
Cujo valor desconhece, embora sua altura seja tomada.
O amor não é escravo do tempo, embora lábios e faces rosadas
Apareçam dentro da encurvada foice;
O amor não se altera com as horas e as semanas,
Mas resiste até mesmo à beira da condenação:
Se isso labora em erro, e for provada contra mim;
Nunca escrevi, e nenhum homem jamais ensinou.*

(William Shakespeare)

Aristóteles (2010) fala do amor como uma atividade intrínseca humana, já que o homem é considerado por ele como um “animal político”, ou seja, difere dos animais por viver em sociedade ou na *pólis*. Em *Ética à Nicômaco* é discorrido sobre a ética e como as ações e escolhas do homem interferem no seu destino. O verbo amar, portanto, trata de uma

atividade que deve ser escolhida pelo homem em amar ou não amar e sofrer as consequências desta escolha. É uma atividade e não apenas um sentimento como pensam muitos, sempre associada a atitudes que demonstram o amor. A maneira de o homem ocidental pensar estas atitudes, bem como o viver em sociedade e o conceito de cidadão, está relacionada ao pensamento grego-romano. Por esta razão, apresentamos mais o “amar” e suas diferenças na língua grega.

O grego tem quatro palavras diferentes para amar:

1. **Erōs:** frequentemente usada para indicar o amor apaixonado e sexual, é caracteristicamente o amor entre os sexos (BARCLAY, 1985, p.60). Aristóteles diz que *erōs* sempre começa com o prazer dos olhos, que ninguém se apaixona sem primeiramente ficar encantado pela beleza, e que o amor não é amor, a não ser que se anseie pelo amado quando ele está ausente, desejando ardentemente sua presença (ARISTÓTELES, 2010).

Platão (1983), em sua obra *O banquete* faz um elogio ao *erōs*. Sócrates é o convidado de honra à casa de Agatão para um banquete em comemoração à sua vitória em um concurso de tragédias. Como costume da época, nestes jantares, bebia-se muito mais do que se comia e os presentes se embriagavam e entregavam-se aos prazeres carnis. Neste banquete, em especial, decidem que permanecerão sóbrios, e, para distração, fazem discursos sobre o amor, no caso, elogio ao *erōs*.

Várias explicações sobre a origem do amor foram feitas, embasadas na mitologia. Deteremo-nos em algumas delas. Na concepção Platônica, a humanidade era formada por três gêneros: o masculino, o feminino e o andrógino (comum ao feminino e masculino, tendo dois sexos). Seus corpos eram de forma inteiriça formados com duas cabeças, quatro braços, quatro pernas. Os deuses, então, partiram estes seres ao meio de forma que vagavam pelo mundo à procura da sua metade. Os que buscavam a “cara-metade” do sexo oposto são heterossexuais e os que buscavam seres do mesmo sexo, homossexuais. Interessante notar a procura do homem a alguém que o complete para a busca da felicidade. O trecho abaixo demonstra essas afirmações.

É então de há tanto tempo que o amor de um pelo outro está implantado nos homens, restaurador da nossa antiga natureza, em sua tentativa de fazer um só de dois e de curar a natureza humana. Cada um de nós portanto é uma tésseira complementar de um homem, porque cortado como os linguados, de um só em dois; e procura então cada um o seu próprio complemento (PLATÃO, 1983, p.24).

Vejamos a declaração de uma das entrevistadas sobre o amor:

“eu posso até amar a mim mesma, num modo geral, no termo de amizade, de família, mas no companheirismo, na parte conjugal e emocional não, porque eu sou solteira, estou solteira no momento, então, não estou completa” (Sujeito 9)

Esta fala nos mostra como o pensamento do homem comum ainda se assemelha à literatura grega mencionada. Dando continuidade ao banquete, o discurso mais esperado era o de Sócrates, que afirma seu conhecimento vir de Diotimia (uma sacerdotisa). Em seu discurso, afirma que se buscamos algo é porque não temos. Portanto, se buscamos o amor é porque nos falta. Sócrates então pergunta onde está o amor, no amado ou no amante? Se estiver no amado, é provável que seja belo e bom, uma vez que não apreciamos o feio ou mau. Mas ao contrário, o amor está no amante, portanto não é belo nem bom, nem feio e mau. O amor não está nos extremos, mas no olhar do amante. A leitura de Rocha (2006) sobre esta obra afirma que o amor é intermediário. O amante ama o que belo lhe parece e, sendo bom, o atrai. Se observarmos por esta ótica, o ser humano é interesseiro e ama segundo suas necessidades e ao que bem lhe parece. Quanto ao amado, provavelmente, oferece algo que atrai o amante. “De fato, só se ama o que é amável, por isso ninguém pode ser amado se não for primeiramente amável” (ROCHA, 2006, p.67).

Outra explicação mitológica para a origem do amor é que Pobreza, que não possuía as qualidades da Sabedoria, nem da Riqueza, desejava conceber um filho com um destino diferente do seu. Desta forma, procura Recurso que estava a dormir no jardim e concebe Amor. Amor, por sua vez, possui um pai rico e sábio e uma mãe nem rica e nem sábia, de maneira que vaga pelo mundo, destituindo-se de sua riqueza e sabedoria, entregue ao sofrimento, dormindo ao relento e descalço. Talvez seja esta a explicação na mitologia para a analogia entre o amor e o sofrimento. Segundo a obra, sua natureza não é mortal, nem imortal, pois pode num dia germinar, viver e enriquecer e no outro morrer, tal como muitos pensam ser o amor.

Para Sócrates, o homem tem a preocupação em se manter imortal. Desta forma, o amor pode contribuir para estes objetivos. O homem, quando deseja conceber, procura a melhor parceira aos seus olhos, a que lhe agrada, geralmente mais jovem e bela. A descendência continua seu legado. Esta é outra evidência dos interesses humanos. Mesmo Alceste, que entrega sua vida pelo marido, segundo a tragédia de Eurípedes, o faz de maneira que será sempre lembrada por seu desprendimento, amor e altruísmo, sendo imortal na mitologia. O homem é interesseiro e seu grande desejo é a imortalidade. O *erōs* permite isso.

Aristóteles (2010) trata de outra forma de amor, mais “elevado” que o *erōs*. Para ele este amor é egoísta e interesseiro e pode trazer sofrimento, quando se espera algo em troca, como o prazer ou a utilidade, e o amado deve possuir as qualidades que dele se espera. Por este motivo, não é difícil ouvir a expressão “o amor acabou” de pessoas desiludidas com o *erōs*, pois se o amado não possui as qualidades dele esperadas, não tem mais utilidade.

Para os amantes, a contemplação do amado é o que maior prazer lhes causa e, neste caso, o amor se associa ao prazer (ARISTÓTELES, 2010). A palavra *erōs* é utilizada para expressar um amor possessivo empregada parcialmente para expressar o amor físico, conforme Elwell (1993).

A escolha em citar Aristóteles com tanta ênfase no texto se deve ao fato de ser um autor tão voltado para o senso comum, o qual valorizamos. As falas dos profissionais dos CAPS vão de encontro ao pensamento aristotélico em muitos momentos, como na fala do entrevistado quando é perguntado para ele “o que é amar?”. A fala reforça a questão da utilidade e dos interesses do humano, até no amor. Mas a preocupação com o altruísmo, “amar pelo que é e não pelo que se faz” também está presente.

“Considerar o outro como alguém próprio de opiniões, decisões, e o não gostar do outro pelo que ele pode ser pra mim porque é muito fácil dizer amar: eu te amo, mas eu não te amo, eu amo o bem que você me faz, então o amar seria gostar de você pelo que você é e não gostar de você pelo que você faz”. (Sujeito 5)

O amor, segundo Jaspers (1971), é responsável por trazer significado de vida ao homem, mas quando se pergunta “o que é, afinal, o amor?” diz que não é possível trazer uma definição. Ao mesmo tempo, Platão afirma ser o *erōs*, a força para a filosofia. A atenção que a ele é colocada em nossa sociedade vai muito além do amor carnal. O homem não é apenas biológico e o amor não tem significado (não tem a menor graça) se for apenas físico. Para Jaspers (1971), isso se dá porque o homem “conhece o pudor”, e se constitui como um ser social, ordenado por regras, que controlam, inclusive, a sua sexualidade. Aqueles utilizados, como objetos exclusivos de prazer, sentem-se ofendidos. O autor traz um olhar diferente sobre o amor e as suas diferentes formas, as quais representam realidades vividas: A sexualidade é comum a todos os seres vivos, realidade de vida; o erotismo é a forma que o espírito empresta à sexualidade (ato sexual como uma arte), ou seja, realidade do espírito aplicada à sexualidade e o casamento, a realidade de ordem política e moral, como forma de ordenar as realidades eróticas e sexuais, para a criação do universo familiar. O casamento é um elemento estrutural da sociedade. Para o autor, o amor não reside no tempo, mas suas formas são modificadas no decorrer do mesmo. O *erōs* está na juventude, voltado para um objeto único e ligado ao gozo

(paixão). O amor carrega consigo o dever de “durar para sempre”, se desemboca no casamento, “[...] mais do que pedem a moral e a lei civil” (JASPERS, 1971, p.123). Envolve decisão e promessa. O amor na velhice se aproxima do *phileo*, amizade e o companheirismo que o casal tem um com o outro, mesmo que a beleza física e a juventude não existam mais.

2. **Philia:** Descreve o relacionamento caloroso, íntimo e tenro do corpo, mente e espírito. Inclui o lado físico do amor, pois o verbo *philein* pode significar beijar ou acariciar, mas inclui muitas coisas mais. A palavra *Philos* quer dizer amigo e *philia* significa amizade. Este é um amor caloroso e merecido.

Philia descreve um tipo mais nobre do amor humano se comparado ao *erōs*, mas também é verdade que a luz da *philia* pode diminuir e o calor esfriar (BARCLAY, 1985, p.61). Este amor; amizade, segundo Aristóteles (2010), é merecido; se ama o outro pelo que é. Define como amigo aquele que deseja e faz o bem ou o que seja de interesse ao seu amigo. Desta forma, é mais duradouro e mais virtuoso, uma vez que não se busca apenas o interesse ou prazer, mas o compartilhamento de uma amizade. Amizade é uma disposição de caráter que leva a pessoa a considerar seus semelhantes com estima, respeito, justiça e compaixão. Desta forma é mais duradoura, por isso é essencial para o viver em sociedade, uma vez que a justiça e o respeito envolvem a renúncia (CHANPLIN, BENTES, 1997; ARISTÓTELES, 2010). O homem capaz deste amor é considerado bom, já que suas qualidades são cheias de virtudes. Aqueles “amantes de si mesmos” ou “egoístas”, incapazes deste amor, são criticados por isso. Outras atitudes necessárias para praticar este amor são a benevolência e a intimidade. Aristóteles (2010) afirma que a benevolência é o início da amizade, assim como o prazer nos olhos é o início do *erōs*. Esta amizade quando se prolonga e se consolida, chega ao ponto da intimidade, a qual é considerada pelo autor a amizade verdadeira.

Platão (1995) discorre sobre a amizade em *Lísis*. Sócrates dialoga com jovens e Hipótales está apaixonado por Lísis, que chama a atenção não apenas por ser de origem aristocrática, mas por ser belo e “perfeito”. Sócrates inicia a discussão questionando sobre o conceito de amigo. Os amigos compartilham suas vidas, de modo que um não é melhor nem pior do que o outro, já que são comuns. “Ora, diz-se que os bens dos amigos são comuns. Deste modo, em nada sois desiguais, se não mentis acerca da vossa amizade” (PLATÃO, 1995). Aristóteles, também em *Ética a Nicômaco*, faz a seguinte declaração: “É na comunhão que reside a amizade” (1159 a-b). Na amizade, portanto, necessariamente existe uma implicação entre os amigos, intimidade, envolvimento e compartilhamento. Sócrates

prossegue sobre os interesses. A obra de Aristóteles representa o senso comum, o pensar a vida e o amor. Em nosso estudo, uma entrevistada utiliza a mesma palavra “intimidade” nas relações sociais e afetivas.

“[...] gozar a vida na amizade só tem que ter intimidade com a minha profissão, intimidade com os meus amigos, intimidade com a minha família, intimidade com o meu marido, no caso que eu sou casada, pra ter esse prazer nessas relações todas” (Sujeito 5).

Outro pensamento aristotélico, presente no senso comum, é que o ser humano é interesseiro por natureza, mesmo na amizade mais sincera. Esta só é possível se for útil para os envolvidos, caso contrário, não tem motivos para existir. Para haver amizade é necessário um motivo, que segundo Sócrates é do desejo. Além do desejo, como mencionado, a utilidade. Não é possível ser amigo do mal ou amá-lo. Também o bem não tem motivos para amizade, uma vez que é bom e não necessita se completar. Portanto, a amizade ocorre entre o que não é nem bom, nem mau, com o bem. O bem é definido como passivo, uma vez que não se ama o mal e o que ama, ou seja, o amigo, é o sujeito ativo, “declaro ainda, como por inspiração, que o que não é nem bom nem mau é amigo do belo e do bom” (p.52). Para que exista amizade é necessário dedicação e acrescentamos o compartilhar. Desta forma, a amizade não pode ser unilateral, senão não é amizade. Deve ser compartilhada por ambos, diferente do *erōs*, que existe enquanto o amante contempla o amado e o deseja. Rocha (2006, p.69) faz esta afirmação:

Quando se trata do amor-desejo, do amor erótico, pode-se conceber que ele seja unilateral. São inúmeros os casos na história da literatura de grandes paixões amorosas incorrespondidas. No caso da amizade, porém, isto seria inconcebível. Não pode haver uma verdadeira relação de amizade sem reciprocidade.

Aristóteles entra ainda em uma discussão maior, questionando se “o homem feliz necessita de amigos”. Ora, se este homem é auto-suficiente, não precisa de ninguém: “quando a fortuna nos sorri, para que precisamos de amigos?” (2010, p.209). Mas chega a conclusão de que um homem feliz não pode ser solitário, uma vez que o relacionamento interpessoal é intrínseco do “homem político” e está em sua “natureza viver em sociedade”, e conclui que o homem feliz é aquele que possui amigos.

O amor é mencionado próximo ao prazer, mesmo que este tenha um sentido de “doar-se” pelo outro. Como já mencionado, o homem foi feito para viver em contato com outros, socialmente, e isso envolve a ética, a renúncia, o acolhimento, a amizade. Apesar de parecer “ilógico”, doar traz prazer. A vida não teria o menor sentido ou graça se não tivéssemos com quem dividir as alegrias e tristezas, as conquistas e até o dinheiro. O homem não se sente feliz

sozinho, por isso, o amor traz prazer, conquista a amizade de outros homens, possibilitando a convivência. Esta convivência permite que os amigos façam coisas em comum que lhes dão prazer, como atividades lúdicas e recreativas. Desta forma, a amizade se relaciona com o prazer e, conseqüentemente, a felicidade.

- 3. *Estorgē*:** Traz a idéia de amor ou afeição dentro da família. Esta palavra é mais limitada na sua esfera, porque no grego secular é a palavra do amor no lar, do amor dos pais para com os filhos e dos filhos para com os pais, para o amor entre os irmãos, irmãs e parentes (BARCLAY, 1985, p.61).

Apesar das obras de Platão citadas não se dirigirem a este amor específico, Sócrates, ao indagar o jovem Lísias, fala dos limites que seus pais lhe impõem, por amor. Questiona o jovem se seus pais o amam, porque não permitem que faça o que tem vontade, se não o querem ver feliz. O jovem entende que, por amor, seu pai delimita regras e que assim que estiver pronto poderá cuidar dos negócios da família e ter o poder de decisão.

- 4. *Agapē*:** O verbo correspondente é *agapan*. Seu significado é benevolência invencível, a boa vontade que nunca é derrotada. Este amor, em pelo menos um dos seus aspectos, é a capacidade, o poder e a determinação de amar pessoas das quais não gostamos. O amor é prático e resulta em ação (BARCLAY, 1985, p.61-75). *Agapē* é um amor pronto para dar. Um amor maior e o mais nobre de todos; procura dar o supremo bem à pessoa amada, ainda que seja indigna. Um amor altruísta e sacrificial; não espera o mesmo tratamento em troca (ELWELL, 1993).

Aristóteles (2010) menciona o *amor* como uma atividade de grande virtude, segundo o pensamento bíblico-cristão, a maior delas, pois este amor não depende de circunstâncias ou interesses próprios. Este amor é nobre e veraz, como no poema de Shakespeare “amor não é amor se se altera com as alterações...”. A obra de Aristóteles mencionada reflete o momento de vida do filósofo, que desiludido com a democracia, pela corrupção dos homens, escreve sobre a ética e a moral, sendo o amor uma atividade responsável por trazer à tona as virtudes necessárias para o resgate da cidadania. Diferente de seu mestre Platão, que vive outro momento da história da democracia em Atenas, Aristóteles vive a decadência da democracia e da ética e dos valores e virtudes que devem estar associadas ao caráter deste homem social.

O amor ágape é o amor bíblico-cristão, o primeiro e grande mandamento. “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento e o

segundo semelhante a este amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes “dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas” (Mt 22:37-40). Solo onde brotam todas as virtudes (Gál. 5:22-23). Segundo o Evangelho de Mateus e a Epístola de Gálatas citados, o amor é responsável pelo cumprimento de toda a lei. Este amor mencionado como o “maior destes” se refere ao amor *agapē*, que no grego é o amor mais sublime e virtuoso e tem todo o alcance possível de significado que a nossa palavra amor exhibe; e mediante o uso dessa palavra, não se pode estabelecer a diferença entre o amor divino e o amor humano, em contraste com o *phileo*. É um elemento essencial em todo relacionamento humano. Este amor é o mais virtuoso, pois não se acaba com o tempo ou se altera com as circunstâncias, pois não depende delas. Este amor não vem naturalmente ao homem, mas demanda de um esforço e desprendimento. Por isso, é considerado como amor divino e “nele se cumpre toda a lei”, já que amar inimigos ou quem não gostamos, não é uma prática humanamente fácil. Este amor é o maior deles. Mesmo o *philia* sendo virtuoso e também altruísta, não se pode comparar a este. Amar é diferente de gozar no sentido de que vai além das pulsões do corpo próprio e que não se esgota com a saciedade. O amor se compromete com a ação e não apenas com o sentir, como no prazer momentâneo, envolve o reconhecimento do outro, do compartilhar e do conviver.

1.2.2 GOZAR

"Os prazeres perdem em duração o que ganham em intensidade."

Jacinto Octávio Picón

Gozar pode ser entendido como desfrutar, fruir, possuir, aproveitar, regozijar-se, ter satisfação, entre outras (FERREIRA, 1986). O gozo, necessariamente, implica na experiência do próprio corpo. Gozar é algo próprio dos sentidos humanos, logo, é individual. O gozo é aqui entendido como algo desejado no presente, sentido no corpo próprio e, uma vez satisfeito, desaparece. É efêmero.

Na paixão o sujeito se revela, vindo à tona sua subjetividade e sua impotência em face da verdade e da realidade (MARTINS, 2005). A paixão é a busca pelo gozo. As paixões dominam o sujeito, geralmente exageradas e, segundo o mesmo autor, leva à “subordinação de toda a existência do mesmo”, agindo de forma espontânea e impulsiva. “A paixão é algo que passa a controlar o sujeito em direção a um destino inexorável” (MARTINS, 2005, p.42). O apaixonado é levado pela impulsão, “o automatismo é seu pré-requisito, a inconsciência

acompanha esse sujeito essencialmente submetido às paixões” (MARTINS, 2005, p. 43). A pulsão, ainda segundo Martins, leva a um movimento da pessoa, determinando suas ações. A pulsão tem o objetivo de satisfação de um desejo, do prazer a ser vivenciado pelo corpo. Geralmente, quando se fala em prazer, vem à mente o prazer sexual, e a experiência da vida amorosa leva à satisfação total, que vem a completar-se. A pulsão é um movimento para satisfação e obtenção de prazer e vai muito além da pulsão sexual, como, por exemplo, a pulsão da fome, da sede, de vencer, dentre outras. Após a satisfação ou desfrute do prazer, o homem se acalma.

Será então o mundo movido pelo amor e fome? É possível que sejam os desejos de conquista que fazem o ser humano assumir atitudes e movimentos para o alcance destes objetivos. Como também é possível que a vida tome sentido quando se tem sonhos, que são os desejos e anseios das pessoas. Quando estes desejos são frustrados advém o sofrimento.

Somos complexos, pois comunicamos os nossos desejos através da linguagem. Desta forma a sexualidade não é apenas vista como pulsão de vida. Está muito além, sendo necessário um envolvimento afetivo das partes, caso contrário, não tem a menor graça. Esta forma de pensar leva as pessoas a sofrerem por amor, pela não satisfação dos seus desejos em viver uma grande paixão, por exemplo. Daí a sexualidade, ao invés de consistir em um mecanismo para a conservação da espécie, torna-se a causa de destinos infelizes em que a perda do objeto amado faz com que pessoas percam o sentido de suas vidas. A felicidade é o que muitos almejam e se esforçam para alcançar. Vemos como a felicidade está vinculada à satisfação dos desejos, e quando estes não são possíveis vem o sofrimento. É complicado pensar que a satisfação deve ocorrer sempre de forma plena, pois isso não é possível, uma vez que vivemos em sociedade e devemos ajustar nossos desejos às possibilidades e às exigências sociais. São tantas cobranças e controle de condutas, que muitas pessoas consideradas “normais” e com uma vida “aparentemente perfeita”, podem ser extremamente infelizes, ao conhecê-las a fundo.

O ser humano tem o desejo de se locupletar, satisfatória e plenamente, o que é impossível em uma sociedade civilizada, uma vez que as regras, a moral e a ética nos impedem, além dos frutos das consequências de nossos atos, que remetem à culpa e ao remorso. Outro fator que reafirma a impossibilidade da locupletação é que os desejos se modificam e o prazer é momentâneo e vivido no presente, quando se dá conta, já passou, está no passado e nas recordações. O que ocorre é que o ser humano muda a cada instante, bem como seus desejos e anseios da vida, portanto, satisfação plena não há.

É difícil encontrarmos literaturas que falam do prazer sem associá-lo a atividades vivenciadas no corpo próprio. O prazer é ligado aos cinco sentidos (diferente do amor). Em *Diário de um Sedutor*, obra de Kierkegaard (2002), o autor mostra o que acabamos de mencionar acima: o gozo e o *erōs*. Um homem se encanta por mulheres jovens e belas e as deseja. Parte em busca da conquista e as cerca de maneira que não possam escapar, como uma presa. Ele, então, pensa em cada detalhe e utiliza de todos os mecanismos que está a seu dispor para a realização do seu desejo: conquistar a jovem. Tudo o que pensa ou faz, desde então, é para atingir seus objetivos e a conquista o faz mover-se. Cada detalhe é saboreado e a expressão usada é uma taça de champanhe que deve ser saboreado vagarosamente, cada gole. Sua intenção é a satisfação dos próprios desejos, no caso, a conquista. Uma vez conquistada, a presa perde seu encanto e ele a abandona. Podemos classificá-lo como um perverso. Usa pessoas para atingir seus objetivos sem qualquer tipo de remorso ou culpa. Logo se interessará por outra donzela e tudo se repetirá. Outra obra semelhante a esta é a ópera de Mozart, *Don Giovanni*. Um sedutor de mulheres que se torna noivo de suas vítimas para depois abandoná-las. Intrigante este texto de Kierkegaard sobre alguém que se interessa apenas por si mesmo, justo ele, que abnega-se dos prazeres para uma vida de deveres e solidão. Uma ironia da vida. A mesma filosofia, preocupada com a liberdade, exalta o dever e a sabedoria, muito mais nobres do que o gozo, tão momentâneo.

O champanhe é associado ao prazer em outras literaturas, como faz Onfray (1999) na filosofia do gosto. O prazer no paladar. O champanhe se difere de outros tipos de vinho pela leveza e prazer que proporciona. Vinho sem defeito proporciona prazer, alegria sem vulgaridade, combinando com todos os pratos e molhos. Uma bebida que mistura variedades de uvas, feita com muito zelo e sempre buscando a perfeição; um método caro de fabricação. É, portanto, usada em momentos especiais e muito saborosa. Muito bem colocada pelo autor como bebida do prazer. O prazer da gula. O prazer, ou gozo, como decidimos chamar neste estudo, se relaciona às sensações do corpo. Podemos levantar vários outros exemplos de gozo na literatura, mas paramos por aqui.

O gozar nas timopatias (humor) está fora da curva normal, como um distúrbio do indivíduo, uma incapacidade de aproveitar a vida com o corpo que tem. O amar e o trabalhar estão problematizados nas perversões e neuroses. Na perversão a moral está comprometida, pois não existe uma preocupação com as regras sociais, se ama e trabalha conforme o querer sem pensar nas conseqüências. Uma frase que pode explicar o pensamento perverso é que “para atingir os fins, não importam os meios”, ao contrário das neuroses onde “os meios

fazem toda a diferença no final”. A neurose é o negativo da perversão (é o dito freudiano que relaciona neurose e perversão).

As paixões, segundo Descartes (1999, p.130), exercem uma função de estímulo para a ação, seja o medo a fazer fugir, seja a ousadia a fazer lutar. Portanto, a paixão faz o mover do mundo e está integrada à ação. A glândula mencionada por Descartes representa a alma, e os verbos mencionados por Martins (2005) são expressões da vida cotidiana. A vontade tem o poder de mover a vida, traçar destinos, atingir alvos. A alma e o corpo devem estar unidos para este mover-se, pois o simples fato de querer não leva à ação, mas o estímulo, juntamente com o corpo e a alma, são capazes de efetuar este movimento.

Consideramos a vontade diferente do desejo, neste caso, a vontade será definida como querer. As “almas fortes”, citadas por Descartes, dominam o desejo através da vontade. Chamaremos de renúncia ao impulso das paixões, comum em casos de neurose. A renúncia não ocorre em casos de perversão, onde o querer sobrepuja os obstáculos da ética e da moral. O domínio do desejo permite a socialização, pela imposição de limites. Aqueles incapazes de renunciar, e que sempre se submetem aos impulsos ou às paixões, estão condenados à escravidão dos próprios impulsos, podendo impedir a conquista de sonhos maiores e conseqüentemente do gozo, pois se perdem no percurso em direção ao objetivo maior, em detrimento de pequenos prazeres momentâneos, afastando-se da meta principal. Descartes fala de “almas indecisas”. Estas, segundo ele, nada “querem” ou almejam que necessite de esforço maior, pois nestes casos é necessário renunciar pequenos prazeres que podem se tornar obstáculos neste caminho. Kierkegaard fala da consciência e que não existe um Eu sem a consciência humana, e quanto maior for a consciência maior será a vontade. Talvez estas “almas fortes” sejam as que maior consciência possuem. Por isso nosso interesse em estudar o gozo.

1.2.3 TRABALHAR

“Se nas entranhas riqueza desejar teu ânimo, assim fase: trabalho sobre trabalho trabalha”.

Hesíodo

Trabalhar é inerente do ser humano. Dejours (2008a) aponta duas funções do trabalho: social e psíquica. A função social do trabalho proporciona a integração a determinado grupo, ou seja, integração social e autonomia financeira. A função psíquica permite a constituição do sujeito e da sua identidade. Portanto, o trabalho, tanto em sua função social quanto psíquica, é

fonte de prazer. Quem não trabalha, geralmente sofre com a falta da rotina, pois o trabalho traz sentido e significado de vida (mesmo quando almejamos não precisar mais dele). O trabalho ocupa o tempo, traz status social, estimula a concretização de sonhos e conquistas.

Apesar de o trabalho ser extremamente benéfico ao ser humano, pode também ser a causa de muito sofrimento psíquico. “O campo específico da psicopatologia do trabalho é o campo do sofrimento, de seu conteúdo, de sua significação e de suas formas” (DEJOURS, 2008a, p.145). Conforme o pesquisador mencionado, o trabalho é necessário ao ser humano, mas é ambíguo; fonte de prazer e sofrimento ao mesmo tempo. O sofrimento pode estar relacionado ao próprio trabalho, suas atividades e cobranças ou aos colegas na interação social. A competição e excesso de cobrança ao trabalhador são visíveis fontes de sofrimento relacionado ao trabalho, que apresenta ainda outras fontes de estresse como a falta de estabilidade. A grande procura por trabalho e a pequena oferta leva as empresas a exigirem qualificações profissionais que nem sempre serão utilizadas no trabalho, no cargo proposto. Desta forma, Dejours (2008b, p. 50) afirma categoricamente que “trabalhar é suportar o sofrimento” dos constrangimentos sociais de dominação e humilhação e explica que as pessoas sofrem com a falta de valorização da experiência do trabalho. Aponta o descarte de pessoas experientes, com a justificativa de que são velhas e mais lentas para o desempenho da função, embora o mesmo autor fale da melhor utilização deste tempo no trabalho por pessoas mais experientes. A mídia mostra a realidade do emprego em relação à idade do trabalhador, onde os anúncios sobre emprego exigem pessoas jovens (entre 20 e 30 anos), com experiência (o que nem sempre é possível, principalmente quando se trata do primeiro emprego) e uma qualificação profissional impecável. Ao mesmo tempo, esse mercado exclui trabalhadores em torno de 40 anos, com a justificativa de que estão fora dos parâmetros exigidos (este indivíduo não encontra emprego). Por outro lado, o governo em seu programa de previdência social, exclui esta faixa etária para aposentadoria, por considerarem estes indivíduos jovens e aptos para o trabalho, causando sofrimento psíquico e social.

A individualização e competitividade no ambiente de trabalho são consequências da desvalorização do trabalhador e da pouca oferta, sendo motivos para o adoecimento. A falta de autonomia e a subvalorização das pessoas no trabalho também são fatores geradores de sofrimento, uma vez que a satisfação vai além dos salários recebidos. O reconhecimento é muito importante. Dejours (2008b) aponta mecanismos de defesa contra o sofrimento no trabalho. Para ele a sublimação, em casos de trabalhos mais qualificados, é vista como forma de desejos. Para trabalhadores menos qualificados, a repressão dos impulsos é o principal mecanismo de defesa. A desvalorização no trabalho é responsável por muito sofrimento e

adoecimento, e atinge os espaços da vida privada. O indivíduo apresenta seus próprios mecanismos de defesa contra a angústia, mas a valorização do trabalho e do trabalhador causa um grande impacto na saúde mental e repercute diretamente na produtividade. Estes mecanismos de defesa permitem a adaptação deste trabalhador, apontados por Dejours (2008a) como um triângulo: sofrimento – defesa – alienação, preparando-o para uma nova crise de identidade.

A falta do trabalho ou a sua mudança gera transformações no espaço privado da sociedade. A falta de emprego (no caso de pais de família) leva à fragilização das relações familiares e mudanças no status social, inclusive humilhação no espaço familiar. Em famílias onde a mulher é a provedora, o homem é visto como desocupado, inútil e até omissos. A causa de muitos divórcios em nossa sociedade é decorrente desta falta de trabalho. Se por um lado a falta de trabalho para o homem trouxe tantas perdas, as transformações deste mesmo mercado acolheu as mulheres e trouxe novo significado: a emancipação das mulheres (DEJOURS, 2008a).

Outro infortúnio deste sofrimento no trabalho explorado é a construção de projetos empresariais que renunciam o confronto direto do sofrimento e, através de projetos utópicos e promessas de melhorias e aumento da produtividade, dão visibilidade ao desejo coletivo e à renúncia aos desejos individuais, como se estes não fossem importantes, considerados da esfera particular e dignos de culpa.

1.2.4 *COMUNICAR POR SÍMBOLOS*

“As palavras servem para estabelecer laços entre as pessoas e para criar a beleza”

Moacyr Seliar

Comunicar envolve estabelecer entendimento, transmitir e propagar. Também pode ser entendido como fazer saber (FERREIRA, 1986). O verbo comunicar pode ser utilizado no sentido de unir pessoas, espaços e objetos. Para que ocorra a comunicação é necessário o relacionamento entre as partes. Por esta razão, a comunicação é vista, por muitos, como uma arte e, segundo Moscovici (2001), aqueles que se comunicam bem, se saem melhor no trabalho em equipe de maneira que este se torna mais satisfatório e com melhores resultados. “Há pessoas que chegam ao topo da escala não pelo que são capazes de fazer com as coisas, mas pelo que podem fazer com pessoas, através da comunicação” (p.xvi).

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), as “regras das trocas comunicativas não são universais”, ou padronizadas, variando de acordo com o contexto e cultura daqueles que falam. Estas diferenças podem gerar mal-entendidos durante o processo de comunicação, por mais que todos os participantes dominem gramaticalmente a língua. A comunicação, ainda segundo a autora referida, não acontece apenas através das palavras (linguagem falada ou escrita), mas também pela postura, gestos, mímicas, entonação da voz e troca de olhares, que podem trazer significados tão importantes ou mais que as próprias palavras. As diferenças culturais em diversos aspectos na comunicação, a polidez ou educação, são vistas de forma diferente não apenas entre as culturas, mas também nos diferentes sistemas familiares. A polidez é importante no sentido de restaurar o equilíbrio e a harmonia que a comunicação truncada pode interferir. A comunicação tem a capacidade de modificar situações, de estabelecer relações, vínculos e produzir sentidos na vida cotidiana. Para que a comunicação flua é necessário negociação entre as partes, de modo que a mesma ocorrerá de maneira satisfatória apenas através das relações interpessoais.

A linguagem, segundo Benveniste (2005, p.80), é importantíssima na comunicação, pois através dela os homens podem transmitir de maneira mais precisa o pensamento, uma vez que, para ele, pensar “é manejar os símbolos da língua”.

O aparelho psíquico não adoece, e quanto mais a síndrome caminha para o psiquismo, maior será a chance de ocorrer o equívoco, com a dependência da linguagem, da estética e da moral (Descartes, 1999). Neste caso o sintoma necessita de uma interpretação e caberá ao clínico a complexa interpretação do mesmo. A síndrome é o desenvolver sintomático do paciente no tempo e no espaço, também a relação dele consigo mesmo e com os outros na vida cotidiana.

Os signos relacionados com a natureza fisiológica foram observados e catalogados e estão disponíveis como uma linguagem única. Martins (2005) chama estes casos que convergem entre o psiquismo e a cultura de “equívoco”, pois podem ser compartilhados com menores “chances de erros”. O pensar sindrômico possibilita um prognóstico do curso da síndrome e seu tratamento pela capacidade de relacionar os sintomas com outras situações semelhantes. Em situações de emergência é eficaz pela agilidade das intervenções. A síndrome apresenta os indicadores do problema, com uma descrição dos sintomas apresentados no tempo e no espaço.

Um grande problema nas intervenções em saúde mental está na diferença entre o Soma e o Psiquismo. O psiquismo não adoece e as síndromes caminham para o psiquismo, e Martins (2005) chama estes casos de “equívoco”, pois não existe uma linguagem única e o

profissional dependerá da mediação (linguagem) para compreender o que se passa. Estes casos são complexos, pois o sintoma precisa ser interpretado e a interpretação dependerá do olhar daquele que escuta. As síndromes e os testes imitam a vida ou tentam representá-la. O equívoco promove o engano se não houver colaboração daquele que fala.

A medicina e a enfermagem lidam constantemente com indicadores de saúde e doença para avaliar, tratar ou cuidar dos pacientes, mas neste caso o sintoma está relacionado com o modo de ser do indivíduo e como este pode ser problemático. Os verbos amar, gozar, trabalhar e comunicar por símbolos representam atividades da vida cotidiana do ir e vir na vida de cada um, sendo necessária a compreensão destes verbos para as práticas dos atendimentos nos Centros de Atenção Psicossocial, uma vez que estes lidam e têm interesse na socialização de seus usuários. As síndromes timótípicas, neuróticas, perversas e psicóticas implicam variações do humano, e por isso expressam-se em uma semiologia da equivocidade.

Os critérios estatísticos de avaliação das psicopatologias utilizam a curva normal, que significa que o fenômeno avaliado está dentro da norma, ou fora do desvio padrão. O que está fora do desvio padrão, no caso da psiquiatria, faz parte do anormal; se não, do exótico. Se pensarmos pelo critério antropológico, todas as culturas humanas reconhecem o normal como sendo algo do grupo, o comportamento e o pensamento conforme a cultura do grupo. Aqueles que não agem como a norma, são exóticos ou fora do grupo e podem sofrer consequências por isso. Consideramos neste estudo as ações gozar, amar, trabalhar e comunicar por símbolos, como critérios da vida cotidiana do próprio sujeito e do grupo.

1.3 A comunicação simbólica e a vida cotidiana

Benveniste (2005) traz uma reflexão e discussão sobre a natureza do signo linguístico e seu papel na comunicação, diferenciando o significado e o significante do mesmo. Entende-se por significado o conceito da palavra e o significante o som da mesma, sendo que nem sempre se apresentam relacionados de maneira lógica, mas por convenção. A linguística apresenta um papel fundamental para os estudiosos do aparelho psíquico humano, o que é o nosso caso, pois segundo este autor existe uma “[...] adequação completa entre signo e realidade[...]” (p.57). A comunicação por símbolos permite aos participantes da locução compartilhar o pensamento e ao que fala transmitir seu mundo interior. Não que outras formas de comunicação não sejam capazes de transmitir uma mensagem, como gestos, postura, tom de voz, dentre outros, mas a comunicação por símbolos, ou seja, a linguagem, é a maneira mais eficaz de se transmitir o complexo pensamento humano com seus desejos, sentimentos, sonhos, por isso nosso interesse particular. A linguagem, segundo Benveniste (2005, p.64), é

específica do humano, pois só ele tem a “[...] capacidade de formular e interpretar um signo que remete a certa realidade, a memória da experiência e a aptidão para decompô-la[...]”, transmite ou substitui uma experiência independente do tempo e do espaço, onde as experiências podem ser transmitidas e, por mais abstratas que sejam, podem expressar o pensamento. Para os psicopathologistas e todos aqueles interessados em compreender o aparelho psíquico, a linguagem constitui o humano e o mundo humano constituído de sentido, capaz de nos remeter ao mundo do outro, ligando-nos à organização da sociedade e da cultura e conseqüentemente à compreensão do outro.

A linguagem é um instrumento socializador e através dela se pode transmitir e receber mensagens, compartilhar mundos tornando-os comuns, ou seja, comunicar é tornar comum. No atendimento em saúde mental, a comunicação por símbolos é o principal meio articulador entre profissional e paciente. A linguagem não faz parte da *res extensa* propriamente dita, mas se coloca como um meio onde ocorrem ações significativas. Ela (linguagem) é uma ação, podendo provocar mudanças no pensar e agir daquele que ouve, sendo que as mudanças no ir e vir da vida cotidiana é o principal objetivo na terapia.

Para compreendermos uns aos outros é necessário a comunicação, que é a forma como os seres humanos podem efetivar seus pensamentos e sentimentos. Segundo Martins (2005), a comunicação é a capacidade de tornar comum o mundo e também como os seres humanos o pensam e sentem, e não apenas a compreender a mensagem. Nem sempre as pessoas conseguem se “fazer entender” facilmente, pois sabemos que a mensagem ou símbolos serão reinterpretados pelo receptor, o que pode não ocorrer de maneira satisfatória (seria suficiente lembrar o que as falhas de comunicação podem levar). Comunicar, portanto, é uma atividade diferenciada, uma vez que cada pessoa no processo da comunicação pode interpretar de acordo com o seu mundo próprio, seus referentes. Kerbrat-Orecchione (2006) fala da importância da “competência comunicativa”, muito mais importante no ato da comunicação do que a competência linguística, pois elaborar frases gramaticais impecáveis não é suficiente quando empregadas em momentos inoportunos ou fora de contexto. Por esta mesma razão, por mais que conheçamos as palavras do dicionário, se as utilizarmos de maneira solta, sem produzir frases que façam sentido (inclusive para a cultura do receptor da mensagem), a comunicação não poderá ser efetiva. São “[...] signos sem valor referencial” (DUCROT; TODOROV, 2001, p.230).

A capacidade de ser compreendido e ao mesmo tempo entender o outro é fundamental para aqueles que se interessam pelas questões do sofrimento humano e que se propõem a entender as dimensões humanas.

Benveniste (2005) apresenta categorias da linguagem, levantadas por Aristóteles, que servem como mediadoras da construção do pensamento. A categoria “o quê” indica o objeto, podendo ser conceitos ou indivíduos. Acrescentam-se as categorias “quantidade”, “lugar” e “tempo”, sendo estas as categorias nominais. Além das categorias nominais, as verbais dão estrutura e significado à frase, denominam ação além de indicarem o tempo e o objeto da mesma.

Poética significa criação, a arte de fazer versos, a arte estética do ato de escrever (ARISTÓTELES, 2007). Neste texto, Aristóteles nos remete à arte de escrever e em como escrever uma tragédia. A *Poética* de então tinha seu objetivo na estética literária e de como levantar o interesse, a curiosidade e ao mesmo tempo tocar a alma daquele que se colocava diante da obra. É interessante notar que para tocar o outro é necessário a identificação com a tragédia. Neste caso, Aristóteles utiliza a imitação. Acreditamos que seja a imitação da vida e das tragédias, ou sofrimentos vividos no decorrer dela, que o homem comum do dia-a-dia esteja sujeito, e não pode se desvencilhar. Para tocar afetivamente o outro, no caso da obra literária, são utilizados os recursos da harmonia e do ritmo. O que mais nos chama a atenção na tragédia clássica é a imitação do cotidiano e do sofrimento humano. A tragédia provoca compaixão e temor. Neste caso, envolve uma ação da personagem (que imita a *personae*), levando ao sucesso ou o fracasso. Ora, a vida cotidiana é assim, envolve o tempo e o espaço, as pessoas envolvidas e a ação das mesmas frente à vida. É como a história da vida de cada um, onde nem sempre o sujeito da ação determina ou controla seu destino, podendo ser levado ao sucesso ou ao fracasso (ou nem um, nem outro). A infelicidade pode estar à mercê de outros fatores que não se controla, por isso, o sofrimento.

A palavra *pathos* é de origem grega, que significa disposição afetiva fundamental. O conceito não é anormal ou patológico, mas de sofrimento, que acompanha o humano no decorrer da vida em que se está sujeito. Claro que a ação também tem o poder de influenciar os destinos, pois não somos tão passivos assim, mas a impossibilidade de controle de todos os fenômenos é fato. Bem, na clínica diária chegam pessoas em sofrimento por amor, por falta de sentido e significado de vida, falta de prazer ou gozo, dificuldades no trabalho (ou pela falta dele), dificuldades em se comunicar e de se relacionar com outros (o problema da solidão). Vemos a vida como uma tragédia grega com seus infortúnios e sofrimentos, mas também com vitórias e alegrias (se bem que a tragédia é voltada para o infortúnio). É como

um filme da vida, que se processa em capítulos e para o qual todos desejam um final feliz. Aqueles interessados no cotidiano humano não podem negar a importância do enredo da vida daquele que fala. Na entrevista, para a coleta de dados, se faz um levantamento da “história da doença atual”, com dados cronológicos dos fatos ou dos sintomas apresentados, com objetivo de descobrir as causas e seus efeitos, o prognóstico da síndrome e as condutas a serem tomadas. Neste caso, o olhar se amplia para além da frase ou palavras, para o parágrafo, ou seja, o contexto, de maneira que a compreensão se torne o mais fiel possível.

Aristóteles (2007), em *Poética*, já trazia uma reflexão sobre a comunicação e a importância dela como meio de mediação. Uma tragédia grega para ser realmente “boa”, deve despertar compaixão e temor nos expectadores e leitores, ou seja, teria a capacidade de transferência. A tragédia grega traz em sua essência o sofrimento humano, provocado por uma ação (verbo), ou seja, uma ação da personagem que leva como consequência o sofrimento.

Para que a trama discorra é necessário um enredo em um tempo e espaço específico. O tempo pode ser o presente, o passado ou futuro, além dos caracteres, dentre eles destaca-se a *personae*, ou a *personagem*. O protagonista (personagem≠protagonista) faz uma ação que leva à tragédia, ou seja, ao sofrimento. Interessante notar que esta ação, ou erro, não deve ser intencional ou proposital, mas pelo acaso, de maneira que os expectadores se compadeçam, ao invés de sentir repulsa ou raiva da personagem. Via de regra, a tragédia grega envolve uma disputa entre os deuses que terminam por provocar tragédias. Outras vezes envolvem uma determinada ação que ocorreu a um antepassado e teve consequências para o presente vivido pela personagem. Muitas vezes está associada ao destino da personagem, que se realizará de qualquer maneira. A personagem não é boa nem má, mas homens comuns, vindo à tona o sofrimento cotidiano do remorso e da perda, que fazem parte de todos nós. A identificação é fundamental para que ocorra o sentimento de compaixão e temor (sofrer da mesma maneira). Uma das soluções para a tragédia da vida é a ironia fina (humor, choro e riso ao mesmo tempo).

Na clínica, a empatia é fundamental e deve ser acompanhada da compreensão da mensagem, tanto para o que fala quanto para o que ouve, pois não temos controle sobre o entendimento do outro. O que emerge na mente de cada um é diferente, com representação e significado próprio, não físico; o produto de um efeito mental, sendo um fenômeno da cogitação (estou considerando o conceito da palavra cogitação na tradução da palavra latina *cogito*, que significa pensar, ao invés de especular, como no significado em português). Do ponto de vista de Descartes (1999), os desejos fazem parte da *res cogitans* e não da *res extensa*, ou seja, a efetividade material das coisas físicas que diferencia da *res cogitans* por ter

extensão, resistência, peso. A linguagem vivida em forma de pensamento e sentimento é então mais que um monólogo interior. Ela carrega a vida mental vivida em ato.

A condição da civilização e da consciência humana é a linguagem. A linguagem é um sistema de signos seriados, em ordem. Ela tem a capacidade de trazer conteúdos extremamente específicos, necessários para se chegar ao mundo do “invisível” através da mediação. Ela se articula e constitui a realidade humana. No processo de constituição da realidade, certos termos são essenciais. É o caso dos dêiticos, tais como os pronomes demonstrativos, as expressões definidas.

Segundo o dicionário Aurélio, o termo dêixis significa:

[Do gr. Dêixis, “modo de provar”, “demonstração”]. (...) Propriedade que têm alguns elementos lingüísticos, tais como pronomes pessoais e demonstrativos, de fazer referência ao contexto situacional ao próprio discurso (5), em vez de serem interpretados semanticamente por si sós; referência [A melhor forma para esse voc. é díxis, mas a f. dêixis é a usual. V. anáfora (2), catáfora (2), endófora e exófora]. (FERREIRA, 1986, p. 617)

Dubois (1973) considera dêixis a todo enunciado que se realiza numa situação definida pelas coordenadas espaços-temporais. A dêixis serve para situar o enunciado, no momento em que o sujeito o expõe. Define-se dêitico a

[...] todo elemento lingüístico, que num enunciado faz referência à situação em que o enunciado é produzido; ao momento (tempo e aspecto do verbo); ao falante (modalização), constituindo aspectos indiciais da linguagem. (p.168)

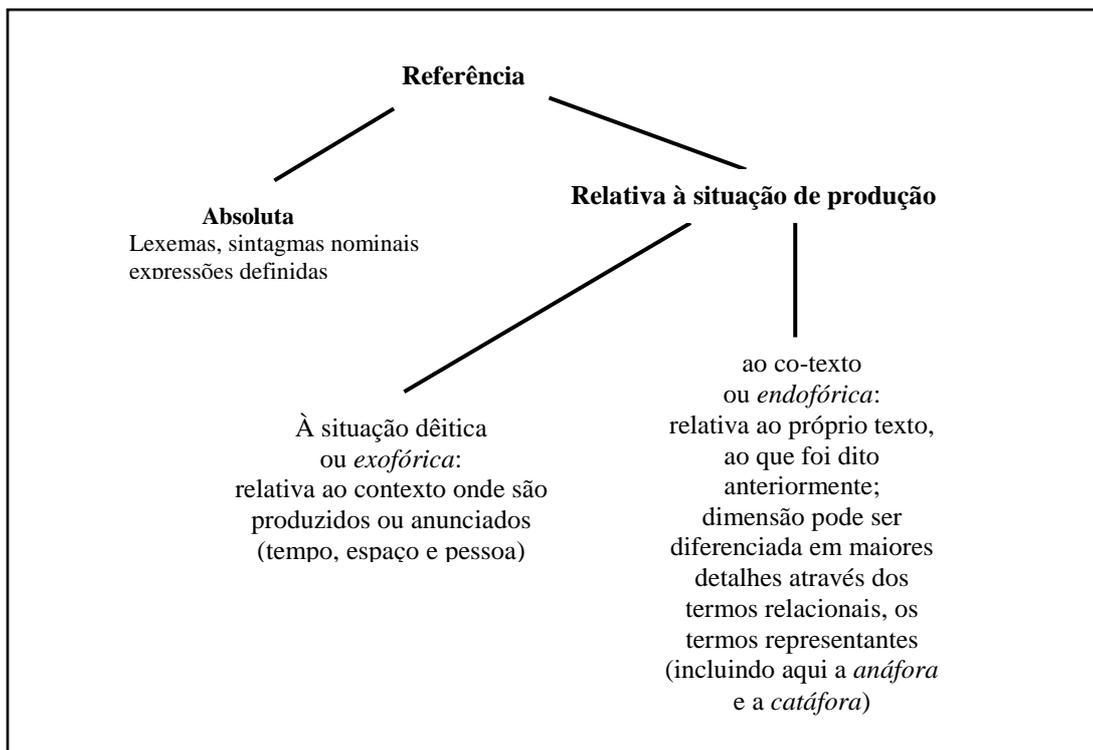
Ducrot e Todorov (2001), afirmam que a linguagem tem a capacidade de produzir “universos no discurso imaginário”, compreendendo-se por dêiticos “expressões cujo referente só pode ser determinado em relação aos interlocutores (p.168).

Como se pode ver, o dicionário refere como dêitico pronomes pessoais e demonstrativos. Ducrot e Todorov (2001) atribuem a estes a denominação aos elementos da língua que variam conforme a situação do discurso em que estão empregados, e quando se distingue e designa o referente, é possível a produção de sentido levando à compreensão. A preocupação dos estudos da linguagem para a enunciação, destes elementos particularmente, no campo da clínica, tem o objetivo de resgatar o sujeito, possibilitando sua compreensão por meio da sensibilidade e percepção daquele que escuta.

As categorias dêiticas que diferenciam tempo, pessoa e espaço estão associadas aos verbos que Martins (2005) aponta como atividades próprias do homem. Amar, gozar, trabalhar e comunicar por símbolos designam ações e, conseqüentemente, a maneira como cada indivíduo se refere aos verbos, informa sobre o sentido de sua vida e permite o acesso do interlocutor à estrutura psíquica daquele que fala. Os verbos amar, gozar, trabalhar e comunicar por símbolos demonstram atividades específicas do humano e são critérios que

expressam a realidade vivida pelo sujeito, pois geralmente aqueles que buscam ajuda apresentam dificuldades em uma dessas atividades da vida cotidiana, como se fossem a expressão do sofrimento vivido na experiência diária. Estes movimentos se apresentam no tempo, pessoa e espaço, ou seja, no dêitico, e a linguagem nos permite conhecer as experiências de cada pessoa. São verbos efetivadores da antropologia nossa de cada dia, da realidade psíquica.

Estamos então falando de “referência” ao tocar o assunto do que é a realidade vivida no cotidiano atualizado. Implica, em nosso estudo, designar o referente da fala, de maneira que esta se torne comum aos participantes da locução. Existe uma diferenciação entre referência absoluta e relativa de um ponto de vista da linguística. Esta diferença é demonstrada de maneira clara e objetiva por Kerbrat-Orecchione (s/d, p.51) no processo a seguir:

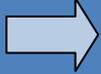


Quadro 01- Referência absoluta e Referência relativa em linguística. Kerbrat-Orecchione (s/d, p.51).

A referência, como demonstra o quadro acima, pode ser absoluta ou relativa. Entende-se por referência absoluta as expressões ou léxico (acervo de palavras de um determinado idioma) que são determinados por convenção, sem relação com o tempo ou espaço, diferentemente da referência relativa dependente do tempo, do espaço, do contexto e da cultura. Ela, referência relativa, não depende da lógica da língua. As palavras não podem ser analisadas isoladamente, pois dependem do conjunto da frase ou do parágrafo para que

tomem sentido (significado) ao que ouve, de maneira que o que fala transmita, da melhor maneira possível, o que realmente quer dizer. Por isso, o uso da anáfora (figuras de linguagem), e catáfora (termo utilizado para designar uma unidade verbal que remete antecipadamente para outra que aparece posterior ao mesmo texto).

Avançamos de imediato ao quadro seguinte, o entendimento acerca do sentido, logo que os verbos citados se conectam com os termos dêiticos. A noção de sentido é essencial para a compreensão do cotidiano. A palavra “sentido” possui vários significados. Sentido como **direção** (*direction* em inglês) do ir e vir da vida cotidiana; sentido como **sentir em ato** (*feeling*); sentido como **sentimento** (*feeling of*); sentido como **significado** ou sema (*meaning*), parte de um signo lingüístico; sentido como **significação** (*signification, significação* no plano da frase e do texto) e não mais somente no plano de uma palavra tal como no item anterior; sentido como **conceito**; sentido como modalidades da experiência **sensorializada** (*sensation*) dos diversos tipos de sensações (visão, audição, tato, olfato, paladar); sentido como **bom senso** (conformidade com o costume usual) e sentido como **sensibilidade** na base da empatia (*Sensibility*).

EXEMPLOS DE PRODUÇÃO DE SENTIDO NA VIDA COTIDIANA			
	TEMPO	PESSOA	ESPAÇO
<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block;">Referências dêiticas</div>  <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; display: inline-block;">Verbos</div>  GOZAR	<p>Presente, passado e futuro, ou seja, agora e não agora. As conjugações verbais indicam o tempo.</p>	<p>Se refere ao Eu e ao não Eu, que pode ser tu, vós ele/eles, a gente, nós, você(s). A conjugação do verbo, neste caso, também explicita ao ouvinte da frase, a quem se refere à ação.</p>	<p>Neste caso pode ser real ou imaginário. Real, como um espaço físico ou pela função e o imaginário experiências vividas no corpo próprio.</p>
	<p>Muitos indivíduos se preocupam com o gozar (sentir prazer) como algo a ser almejado, ou vivido. Ocorre que gozar pode ser simplesmente o usufruir a existência da vida, sem, por exemplo, constar no aspecto orgástico.</p>	<p>Experiência vivida no corpo próprio, envolvendo os sentidos não sendo compartilhada (cada um sente à sua maneira).</p>	<p>O lugar pode influenciar no sentido de proporcionar o prazer, mas esta experiência é sentida no corpo próprio.</p>

AMAR	Pode se apresentar em todos os tempos da vida difere do gozar pela capacidade de ser uma experiência duradoura.	Neste caso, o compartilhar é inerente, envolvendo mais do que o Eu .Pode ser relacionado à pessoas ou objetos. Amar se concretiza quando sai do indefinido. Ex.: Eu amo.	Atividade experimentada pelo indivíduo e não necessariamente vivenciado no corpo próprio. É um elemento essencial em todo relacionamento humano.
TRABALHAR	Ocupa um determinado tempo de vida das pessoas. O tempo não determina a eficácia ou grau de empenho necessário, preparação ou habilidade para sua execução. Implica em mover-se, ocupar-se empenhar-se, dando sentido de vida.	Pode ser uma experiência vivida pelo próprio sujeito ou compartilhada com outros, envolvendo relacionamento e troca de experiências.	Neste caso, é um lugar específico, físico e real. Pode ser um ambiente agradável ou não dependendo das condições físicas e também relacionais. A função do lugar determinará suas características e é fundamental para o bom desempenho do trabalho.
COMUNICAR POR SÍMBOLOS	Permite a transposição dos limites de tempo, sendo que a mensagem pode ser transmitida independentemente de quando ocorreu o fato, ou uma previsão do mesmo. “Quebra os limites do tempo”.	Viabiliza as relações e a transmissão da mensagem. Permite a entrada do outro no interior (pensamentos e sentimentos) daquele que comunica.	O espaço físico (real) comunica às funções e vários aspectos (emocionais, sócio-econômicos, dentre outros) relacionados ao ambiente. A comunicação permite à entrada em espaços imaginários. Ou seja, o espaço também comunica.

Quadro 02- Referências dêiticas em relação às categorias: tempo, pessoa e espaço, relacionados aos verbos utilizados, como critérios psicopatológicos: gozar, amar, trabalhar e comunicar, que são ações que se efetivam com a noção de pessoa no tempo e no espaço.

Aqui temos exemplos de produção de sentidos (significado, conceitos, sentimentos, sensações, dentre outros citados acima), relacionados às atividades amar, gozar, trabalhar e comunicar por símbolos em relação ao dêitico, como exemplo do que desejamos mostrar ao leitor neste estudo.

Categorias de referência da realidade: Tempo, Pessoa e Espaço

A dêixis, segundo Benveniste (2005) serve como signo indicador para facilitar o processo de comunicação. Expressões envolvendo tempo, pessoa e espaço permitem que a mensagem possa ser comunicada com precisão, embora estes signos somente façam sentido no contexto do discurso, uma vez que podem ser utilizados em outras situações com outros significados. Devido à importância das categorias dêiticas neste estudo, segue uma discussão das mesmas.

TEMPO

É explícito na frase pela conjugação do verbo, mas também de outras maneiras, como a utilização de advérbios de tempo. O tempo vivido é expresso pelas categorias principais como presente, passado e futuro, e a conjugação do verbo pode demonstrá-lo na frase, porém, o tempo exato a que se refere o fato não pode ser determinado pela simples conjugação. De fato, o tempo pode ser expresso através de dois planos de enunciação: o da história e o do discurso. O plano de enunciação histórica é utilizado pela linguagem escrita e necessariamente se refere ao passado, em forma de terceira pessoa, permitindo o aoristo (tempo histórico por excelência), o imperfeito, o mais que perfeito e o prospectivo, excluindo o presente, o perfeito e o futuro simples e composto. Já no discurso da fala admitem-se todos os tempos em todas as formas e exclui-se o aoristo simples e composto porque a dimensão do presente é incompatível com a dimensão histórica (BENVENISTE, 2005).

O tempo mediado pela linguagem pode ser refletido em outras dimensões como o real e o imaginário. É possível contar fatos ocorridos no passado (real), com a mesma ou até mais intensidade no presente (imaginário), como se estivessem sendo revividos. Portanto consideramos tanto a experiência quanto a percepção como tempo psicológico mediado pela linguagem. Bem entendido aqui que estamos tratando do tempo tal como os usuários da língua o fazem e não o tempo lógico, como um *a priori*, tal como Kant na *Crítica da Razão Pura* mostrou (KANT, 2009).

O tempo real é representado socialmente através de marcadores como o calendário e o relógio, mas a quantidade de tempo não está necessariamente ligada à idéia de qualidade ou de usufruto do mesmo. Por exemplo, o tempo gasto em um trabalho não mede o grau de dificuldade para a execução da tarefa ou a qualidade da mesma, conforme Dejours (2008) assinala. Um dos grandes problemas da sociedade pós-industrial é a administração do tempo a partir da representação que nela própria se criou.

O uso e o conhecimento da linguagem é fundamental para aqueles que têm o desejo de conhecer o ser humano a fundo, pois, segundo Saussure (s/d), reflete a direção de movimento de uma população. A mesma é modificada de acordo com o tempo, sendo que a diversidade geográfica é um fator secundário no processo de mudança, embora a mesma também exerça influência.

O tempo humano vivido é organizado em termos linguísticos, marcado pelo ato que se completa no modo verbal e não somente pelo relógio. Os dêiticos: agora, antes, durante, depois, dão-nos os meios de nos organizar na realidade psíquica que se forma no psiquismo de cada um. Assim, o futuro é sempre algo hipotético que se monta em cima do “se” com uma

ficção fundada no passado, marcando a imaginação no possível que é o futuro. O ser humano é sonhador e utiliza o recurso do sonho como mecanismo para suportar o presente. Por isso falas como “eu queria que fosse assim” ou “se as coisas acontecessem assim, tudo seria diferente”. O “se” e o “queria” não existem, como realidade efetiva material senão na imaginação humana. O “se” e o “mas”, por exemplo, determinam a negação na frase do ato que não se completou “gostei do trabalho realizado, mas se tivéssemos mais atenção em alguns pontos, teria ficado melhor”, dizemos mostrando mais a nossa aspiração do que a efetivação de algo que temos vontade de realizar. No texto *Escritores Criativos e Devaneios*, Freud (1908) escreve sobre a questão do sonhar humano, devanear sobre seus desejos mais ocultos dos quais o adulto se envergonha em revelar, o oposto da criança que durante a brincadeira mostra seu desejo de ser adulto e o que conhece sobre este mundo. O adulto, por sua vez, sonha e a sua fantasia se entrelaça com os três períodos de tempo e o desejo.

A retenção de um tempo passado sofrido e doloroso é comum, por exemplo, em casos de histeria, com retenção de uma memória dolorosa. O remorso e a culpa estão ligados ao tempo passado, motivos de intenso sofrimento. Entendemos como remorso o remorder da culpa (JASPERS, 1959). Já o riso, o gozo e o dito espirituoso (*Witz*) só ocorrem como evento no presente do indicativo. A felicidade ocorre também no presente do indicativo, em ato. Aqueles que perdem a vida procurando ou almejando a felicidade não a podem esperar no futuro, pois ela ocorre no presente e muitos descontentes com o presente vivem do passado e de suas recordações que marcam a imaginação humana. Neste caso, a retenção do passado no presente mostra o quão virtualizado está o ser humano. Mesmo na objetivação presente na realidade tal, vê-se mobilizado por reminiscências que lhe assolam.

ESPAÇO

Na linguística, Saussure (s/d) se refere ao espaço real, físico, como componente que influencia na linguagem cotidiana. As línguas são delimitadas através dos espaços geográficos, que não são necessariamente determinados com precisão, sendo que tanto os dialetos quanto as diferentes línguas vão se modificando ao longo da distância geográfica, de forma que não se delimita com precisão onde se termina uma língua e começa outra. Porém por si só a distância não produz modificações na linguagem e sim, o tempo.

O espaço é o mundo no qual o sujeito vive. Ele pode ser real ou simbólico (MARTINS, 2005). O espaço é um elemento fundamental para o trabalho. Oury (2009) se preocupa com esta questão dentro do ambiente de trabalho em instituições psiquiátricas, utilizando a expressão “espaço do dizer” e chama a atenção para um lugar concreto e

específico onde as pessoas possam se expressar livremente sem se preocupar com a repressão. A existência deste lugar, especialmente em unidades de saúde mental, é muito importante. Sistemas extremamente hierarquizados e rígidos, sem abertura para inovações, podem inibir ou “castrar” as pessoas que convivem ali, gerando desânimo nos trabalhadores que perdem o interesse de se envolver efetivamente com o serviço. É perceptível esta conduta autoritária por parte da direção através do semblante daquele lugar, refletindo na conduta em relação aos usuários que, assim como os funcionários, perdem sua voz.

Os CAPS são serviços de atendimento em saúde mental que foram criados no Brasil como um recurso para a reforma psiquiátrica, e sua criação possibilita a formação de uma rede substitutiva de assistência. Neste sentido, o CAPS deve ser um lugar de vida, de acolhimento, o que alguns chamam de ambiente terapêutico. Pode vir a ser um ambiente acolhedor, de escuta e de vida cotidiana.

PESSOA

Apresenta noção dupla: a noção grega de máscara e a latina de pessoa na linguagem. Neste estudo utiliza-se o conceito latino de pessoa, aquilo que não é a máscara, o aparentar *per son* (pelo som), signos por meio dos quais a linguagem constitui o ser humano não como máscara perceptiva imaginária, mas como sujeito efetivo que exerce sua liberdade através dos verbos páthicos como dever, querer e poder.

Falamos de pessoa referindo-nos ao *eu* e ao *não eu* que pode ser *tu*, *vós*, *ele/eles*, *nós* e *a gente*. Pessoa como sujeito gramatical que participa do processo da alocação. O eu é quem fala e enuncia a frase, necessariamente a primeira pessoa no presente do indicativo. Neste caso o locutor fala de si mesmo e ao corpo próprio. O tu é aquele a quem o eu se remete e necessariamente participa do processo da alocação. Estas funções dos pronomes pessoais podem ser utilizadas para designar outros, sendo necessário o contexto para o entendimento da mensagem e a quem se designa a ação. Portanto, o que diferencia o *eu* e o *tu*, entre outras coisas, é que o *eu* se passa no interior e o *tu* no exterior da fala, a quem o *eu* se remete.

A terceira pessoa, segundo Benveniste (2005), não se refere a uma pessoa específica no discurso, mas a alguém ou um objeto. Desta forma, pode-se utilizar a terceira pessoa para elevá-la no sentido de demonstrar reverência, referindo-se a alguém além da categoria de pessoa. Este recurso pode ser utilizado para exprimir exatamente o contrário, ou seja, para anular a pessoa no processo de alocação ao se referir a ela como não pessoa presente na comunicação. O pronome *nós* e também *a gente*, neste caso, engloba o *eu* e outras pessoas, ou seja, no plural. Os pronomes pessoais revelam a subjetividade na linguagem, pois os signos

demonstrativos de tempo e espaço giram em torno do sujeito, que toma para si o discurso e a ação da comunicação. Na saúde mental é importantíssimo que o profissional compreenda a fala do sujeito para diminuir os enganos da comunicação e compartilhar o universo do paciente.

O enunciado apresentado pelo paciente na primeira pessoa demonstra o sintoma. As psiconeuroses, por exemplo, se enquadram no campo do humano e se caracterizam, em boa medida, por alterações no *Eu* (como processual) que está alterado. No delírio, por exemplo, é necessário haver linguagem e um *Eu* em discordância consigo mesmo. A psicose envolve sempre o *Eu*. Martins (2003) afirma que “ a psicose é um distúrbio radical da personação”. O *Eu* (no delírio da perseguição) é pressuposto como grandioso e narcísico, o tu tem a tendência de desaparecer na interlocução e o pronome *ele* denotando o perseguidor. Neste caso, a perturbação da categoria pessoa não se aplica somente ao *Eu*, mas também ao não Eu do triângulo dêitico. O problema da psicose também é um problema da lógica. Na esquizofrenia existe um problema de lógica em que a significação e o discurso se tornam incompreensíveis, por mais que nos esforcemos para compreender.

A liberdade também é um problema do Eu e não existe neurose sem a questão moral e do conflito. Aqueles que sentem culpa, por se sentirem esmagados pela moral vigente (trata-se aqui do Supereu), comprometem sua liberdade ou os seus desejos, o que chamamos de renúncia. Não existe neurose sem renúncia, por isso na linguagem entra em jogo a negação com o uso do “se” e do “mas” como forma de negar os desejos e aliviar a culpa. A hipocrisia pode permear o processo terapêutico, pois a neurose está intimamente relacionada a questões estéticas, da moral e de ética. É, pois, um problema do aparentar.

Todas estas questões levantadas não fazem apenas parte do cotidiano dos usuários (pacientes) dos serviços de saúde mental, mas dos seres humanos em geral. Desta forma, nosso estudo, em particular, que trata dos profissionais dos CAPS, apresenta uma série de negações, que analisamos no sentido de diminuir ou aplacar a culpa pela qualidade dos serviços prestados. Negação e projeção estão presentes no seguinte relato:

*“[...] porque se a gente **pudesse estaria** acolhendo todo mundo imediatamente, **mas não** está funcionando assim, porque, porque a gente está trabalhando com uma equipe **mínima**. Acabou de fazer um concurso. Até chamar e dar posse”(Sujeito 2, grifo nosso).*

Na frase acima, a negação está presente nas palavras em negrito. O “se” muda toda a afirmação a ser feita, de que se “*pudesse estaria*”. Os verbos estão no hipotético, a ação não ocorreu e a culpa é por causa da equipe “*mínima*” que não dá conta da demanda e do

concurso, ou melhor, da Prefeitura, que não convoca mais profissionais, apesar de ter um concurso aprovado e em andamento. Esta justificativa ao final chamamos de projeção, onde o sujeito da frase coloca a sua culpa.

CAPÍTULO II

OS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL E O COTIDIANO NESTE CONTEXTO

A reforma psiquiátrica tem despertado discussões em todo o país. A princípio, pela reforma em si e aprovação de um projeto de lei que respaldasse a modificação da realidade dos serviços de saúde mental (principalmente dos hospitais psiquiátricos), por seus atendimentos insalubres e desumanos. Hoje as discussões giram em torno dos serviços substitutivos de assistência criados a partir da reforma, de sua eficácia, qualidade, humanização, dentre outras. Como o estudo se volta para atividades do cotidiano destes profissionais, este capítulo tem o objetivo de situar sobre a criação destes serviços de atendimento e seu funcionamento.

2.1 A reforma psiquiátrica

A assistência em saúde mental no Brasil, assim como em países europeus e nos Estados Unidos, passou por diversas transformações com objetivo de humanizar e tratar pessoas acometidas de transtorno mental, de forma que seus usuários pudessem fazer escolhas e ter o direito de serem cidadãos. Para que estas mudanças fossem possíveis, foram necessárias quebras de paradigmas do modelo assistencial, iniciando com a desconstrução dos manicômios internos dos profissionais de saúde.

Goffman (2008) identifica os hospitais psiquiátricos como instituições “totais”, que retiram o *eu* do indivíduo, o que é considerado humilhante para o ser humano, pela perda de controle sobre sua vida e suas vontades. O indivíduo (noção sociológica e genética do termo) sofre ameaças constantes para que se mantenha submisso e não atrapalhe a “ordem” institucional. Caso não obedeça, será punido duramente ou perderá privilégios (o melhor quarto, cigarros, bebida, direitos de receber comida especial, etc.). Podemos considerar estas atitudes iatrogênicas, em especial nas psicopatias, em que o paciente piora consideravelmente. Alguns exemplos de estrangulamento do *eu*, seriam: raspar a cabeça; retirar qualquer tipo de objeto pessoal como roupas e acessórios, por objetos da própria instituição; perda de liberdade de escolha do tratamento, o que comer o que vestir, o direito de ir e vir, de ler. Tudo passa a ser controlado e o indivíduo vai se institucionalizando aos poucos até a perda completa da sua identidade, da sua liberdade como pessoa (consciência de si e de seu papel social). O momento da admissão é fundamental para a imposição das regras da instituição e para

“padronizar” o comportamento do novo interno, sendo que muitas vezes ocorreram severas punições à quebra das regras, mesmo que as mesmas sejam consideradas inúteis ou desnecessárias. Desta forma, o paciente teria que pensar duas vezes antes de desobedecer ou “torcer o nariz” frente a um superior que apresenta plenos poderes à sua pessoa. Estas instituições são hierarquizadas, cumprem à risca os objetivos da direção administrativa, portanto, funcionários e internos devem se adequar às regras impostas. Após a admissão dos pacientes em “instituições totais”, os mesmos encontram estratégias para sobreviver da melhor forma possível no ambiente. Por exemplo, encontram meios para encontrar um bom lugar diante da televisão, às vezes através da fria utilização do outro, de enfermarias mais “atrasadas”, fazem amizades com membros da equipe técnica ou da diretoria administrativa para conseguir alguns privilégios, como saídas e pequenos serviços em troca de gorjetas (GOFFMAN, 2008, p. 215).

“Fica a impressão de que os pacientes passam o dia em estratégias pueris e gestos tolos para melhorar seu destino ou trazer mais conforto à vida cotidiana”, que Goffman (2008, p.245) chama de ajustamentos secundários. O que mais me intriga neste caso é o fato de que são atitudes e pensamentos que não parecem em nada “insanos”. Algumas experiências realizadas em “instituições totais”, como relata Basaglia (1991) em sua experiência em Gorizia, onde várias mudanças foram feitas no sentido de transformar a vida das pessoas internas mais prazerosas, sendo que muitas delas foram determinadas em assembleias com participação de pacientes e equipe, com transformações significativas no cotidiano de todos. Basaglia (1991) relata no início que apesar do hospital possuir um lindo jardim, pouco era usufruído e muitos pacientes desejavam a morte. O relato de um homem cego, mencionado por Basaglia (1991, p.13), representa este fato, o devir não como pessoa:

[...] Porque antes, aqueles que estavam aqui pediam pra morrer. Antigamente, quando morria alguém, sempre o sino tocava, agora não toca mais. Quando tocava o sino, todos diziam: “Ai meu Deus, pena que não sou eu quem morreu”, diziam, que “estou tão cansado de levar esta vida aqui dentro”. Quantos deles não morreram, quando podiam estar vivos e cheios de saúde. Mas não, humilhados, porque não tinham nenhuma porta de saída, recusavam-se a comer. Enfiavam a comida pelo nariz deles com a borrachinha, mas não dava pra fazer nada porque estavam presos aqui dentro e não tinham nenhuma esperança de sair. Como uma planta que fica seca porque não chove e as folhas murcham, assim ficavam as pessoas aqui.

Dentre as mudanças, para tornar o cotidiano do hospital da cidade relatada possível, foi a retirada das punições, castigos e restrições a que os pacientes eram constantemente sujeitos. Ao invés das grades e camisas de força, passeios pela cidade. Os pacientes podiam usar suas próprias roupas e participavam das reuniões semanais junto com a equipe.

A participação dos pacientes como sujeitos ativos no processo de transformação é, sem dúvida, um dos fatos que mais me chama a atenção. Basaglia (1991, p.26) faz referência às reuniões de forma que “[...] não sejam dirigidas pela inteligência médica, mas de forma espontânea de expressão daqueles que participam da jornada do hospital.” Foram surgindo instituições transformadas, não embasadas apenas no saber médico, mas enriquecidas pela participação dos sujeitos mais diretamente interessados, ou seja, seus usuários.

As instituições não são e não devem, portanto, ser iguais. Podem se inventar para se adaptarem às suas próprias realidades e necessidades dos participantes. Não esquecendo, porém, do cotidiano das pessoas assistidas ao pensar em atendimento humanizado. Trata-se da adaptação que as instituições podem ter a partir da sua própria realidade e vivência.

Quando se pensa em reforma psiquiátrica e em todo o movimento em ocorrência no Brasil, com seus trabalhadores e usuários, pensamos em como estas mudanças estão ocorrendo nas práticas das instituições atuais. Oury (2009) afirma que não há teoria sem prática. Este fato nos leva a refletir se o que pregamos realmente está sendo colocado na assistência. A instituição deve ser “[...] um sistema que permita a emergência de alguma coisa, que permita que tenha vida simplesmente, e que ela não seja sufocada pelas tramas repressivas” (OURY, 2009, p. 73). Neste modo de pensar, o problema da psiquiatria não está na cura, ou reparação do que foi perdido, mas na reprodução social das pessoas (ROTELLI, 1988). Uma das formas para atingir este objetivo está na valorização do cotidiano, das coisas simples do dia-a-dia, sendo este o enfoque do estudo em questão, mas na ótica dos profissionais da saúde mental, que além de serem responsáveis pelas mudanças do modelo assistencial, participam do ambiente dos CAPS.

Todos aqueles que são ingênuos, não tendo conhecimento real do problema, são esmagados. “Saber onde pisa demanda uma consciência extraordinária, para ter acesso a um sistema de distinguibilidade, de diacrítica (Oury, 2009, p.111). Apesar de parecer simples, não é. Oury continua mais adiante em sua mesma obra, *ça ne va pās de soi* (isso não é natural, ou seja, depende de um desejo e de mudanças; elas não acontecem naturalmente). O que ele quer dizer nesta expressão é que para mudanças efetivas necessita-se de um esforço por parte da equipe de profissionais. Os serviços substitutivos, ou seja, os CAPS, são instituições que necessitam ser reinventadas, o que demanda um esforço. O modelo hierarquizado encontrado pelo paciente ao chegar ao profissional nem sempre funciona nestes casos. Os pacientes não são internos e se não forem bem atendidos, não voltam. No caso dos CAPS ad, a adesão é um problema para a equipe que deve ir em busca ativa aos seus usuários. Esta é uma mudança grande nos serviços e a equipe terá de se reinventar.

As questões levantadas no início deste capítulo, o estímulo da autonomia e as preocupações com a reinserção social do portador de transtorno mental são propostas da reforma psiquiátrica em nosso país, mas qual será o real movimento neste sentido? Os movimentos em prol da saúde mental, evidenciados através da reforma psiquiátrica, falam da necessidade da reinserção social e do resgate da autonomia. Desta forma, o cotidiano e suas atividades (amar, gozar, trabalhar e comunicar por símbolos) são importantes no dia-a-dia destes serviços de saúde, e o que os profissionais pensam sobre elas é importante para nós.

2.2 Os Centros de Atenção Psicossocial

Os CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) foram criados como a principal estratégia do processo da reforma psiquiátrica brasileira, considerados serviços substitutivos de assistência. Devem atender a população de um determinado território próximo, definidos como: unidades de saúde locais e regionalizadas para atendimento de uma população adstrita. São instituições destinadas a acolher pacientes portadores de transtornos mentais na perspectiva de estimular a autonomia e reinserção social. Devem garantir apoio ao usuário e à sua família, oferecendo atendimento de cuidados intermediários entre ambulatório e internação. Este modelo está sendo consolidado no Brasil com objetivo de diminuir as internações hospitalares (BRASIL, 2004).

Os CAPS fazem parte da rede do Sistema Único de Saúde (SUS), como centros de referência para atendimento de portadores de transtornos mentais leves e severos. Devem possuir uma equipe multiprofissional e atendimentos diurnos, além de serviços de 24 horas para atendimentos de emergências e internações breves (ver quadro 1). Os atendimentos podem ser intensivos, semi-intensivos ou não-intensivos, conforme a necessidade definida pela equipe de saúde. Estes atendimentos podem ser também domiciliares. Conforme o manual do Ministério da Saúde (BRASIL, 2004):

- **Atendimento Intensivo:** trata-se de atendimento diário, oferecido quando a pessoa se encontra com grave sofrimento psíquico, em situação de crise ou dificuldades intensas no convívio social e familiar, precisando de atenção contínua;
- **Atendimento Semi-Intensivo:** nessa modalidade de atendimento, o usuário pode ser atendido até 12 dias no mês. Essa modalidade é oferecida quando o sofrimento e a desestruturação psíquica da pessoa diminuíram, melhorando as possibilidades de relacionamento, mas a

pessoa ainda necessita de atenção direta da equipe para se estruturar e recuperar sua autonomia;

- Atendimento Não-Intensivo: oferecido quando a pessoa não precisa de suporte contínuo da equipe para viver em seu território e realizar suas atividades na família e/ou no trabalho, podendo ser atendido até três dias no mês.

Segundo o Ministério da Saúde, o objetivo principal destas unidades é:

[...] oferecer atendimento à população de sua área de abrangência, realizando o acompanhamento clínico e a reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários. É um serviço de atendimento de saúde mental criado para ser substitutivo às internações em hospitais psiquiátricos (BRASIL, 2004, p.13).

Ainda de acordo com a mesma literatura, abrangem estes objetivos: atender em regime de atenção diária; gerenciar dos projetos terapêuticos por cuidado personalizado; promover inserção social através de ações que visem e envolvam educação, trabalho, esporte, cultura e lazer; organizar a rede de serviços de saúde mental de seu território; dar suporte e supervisionar a atenção à saúde mental na rede básica, PSF (Programa de Saúde da Família), PACS (Programa de Agentes Comunitários de Saúde); regular a porta de entrada da rede de assistência em saúde mental de sua área; coordenar junto com o gestor local as atividades de supervisão de unidades hospitalares psiquiátricas que atuem no seu território e manter atualizada a listagem dos pacientes de sua região que utilizam medicamentos para a saúde mental. Conforme as diretrizes do Ministério da Saúde devem contar em sua estrutura física: consultórios para atividades individuais (consultas, entrevistas, terapias); salas para atividades grupais; espaço de convivência; refeitório (o CAPS deve ter capacidade para oferecer refeições de acordo com o tempo de permanência de cada paciente na unidade); sanitários e área externa para oficinas, recreação e esportes.

O Quadro 03 é um resumo sobre o que é preconizado pelo Ministério da Saúde sobre os atendimentos de CAPS. As diretrizes indicam desde a criação das unidades pelo tamanho dos municípios brasileiros (estas questões são importantes até para o repasse financeiro e criação de novas unidades), até tipo de clientela atendida, a equipe e os horários de funcionamento. Sabemos, porém, que estas são diretrizes para as secretarias municipais de saúde, mas que cada unidade deverá se adequar às necessidades de seus usuários e recursos disponíveis. Por isso devem ser reinventadas.

CAPS	Município	Horário de atendimentos	Clientela	Equipe
CAPS I	População entre 20.000 e 70.000 habitantes.	De segunda a sexta-feira, das 8 às 18 horas.	Adultos portadores de transtornos mentais severos e persistentes.	<ul style="list-style-type: none"> - 1 médico psiquiatra ou médico com formação em saúde mental; - 1 enfermeiro; - 3 profissionais de nível superior de outras categorias profissionais: psicólogo, assistente social, terapeuta ocupacional, pedagogo ou outro profissional necessário ao projeto terapêutico; - 4 profissionais de nível médio: técnico e/ou auxiliar de enfermagem, técnico administrativo, técnico educacional e artesão.
CAPS II	População entre 70.000 e 200.000 habitantes.	De segunda a sexta-feira, das 8 às 18 horas. Pode ter um terceiro período, até 21 horas.	Adultos portadores de transtornos mentais severos e persistentes.	<ul style="list-style-type: none"> - 1 médico psiquiatra; - 1 enfermeiro com formação em saúde mental; - 4 profissionais de nível superior de outras categorias profissionais: psicólogo, assistente social, terapeuta ocupacional, pedagogo, professor de educação física ou outro profissional necessário ao projeto terapêutico; - 6 profissionais de nível médio: técnico e/ou auxiliar de enfermagem, técnico administrativo, técnico educacional e artesão.
CAPS III	População acima de 200.000 habitantes.	Funciona 24 horas, diariamente, também nos feriados e fins de semana.	Adultos, durante sete dias da semana, atendendo à população de referência com transtornos mentais severos e persistentes.	<ul style="list-style-type: none"> - 2 médicos psiquiatras; - 1 enfermeiro com formação em saúde mental; - 5 profissionais de nível superior de outras categorias profissionais: psicólogo, assistente social, terapeuta ocupacional, pedagogo ou outro profissional necessário de nível superior; - 8 profissionais de nível médio: técnico e/ou auxiliar de enfermagem, técnico administrativo, técnico educacional e artesão.
CAPS ad	População acima de 100.000 habitantes.	De segunda a sexta-feira, das 8 às 18 horas. Pode ter um terceiro período, até 21 horas. Esse tipo de CAPS possui leitos de repouso com a finalidade exclusiva de tratamento de desintoxicação.	Usuários de álcool e drogas.	<ul style="list-style-type: none"> - 1 médico psiquiatra; - 1 enfermeiro com formação em saúde mental; - 1 médico clínico, responsável pela triagem, avaliação e acompanhamento das intercorrências clínicas; - 4 profissionais de nível superior entre as seguintes categorias profissionais: psicólogo, assistente social, enfermeiro, terapeuta ocupacional, pedagogo ou outro profissional necessário ao projeto terapêutico; - 6 profissionais de nível médio: técnico e/ou auxiliar de enfermagem, técnico administrativo, técnico educacional e artesão.
CAPS i	População acima de 200.000	De segunda a sexta-feira, das 8 às 18 horas. Pode ter um	Atendimento a crianças e adolescentes com	<ul style="list-style-type: none"> - 1 médico psiquiatra, ou neurologista ou pediatra com formação em saúde mental;

	habitantes.	terceiro período, até 21 horas.	transtornos mentais.	<ul style="list-style-type: none"> - 1 enfermeiro; - 4 profissionais de nível superior entre as seguintes categorias profissionais: psicólogo, assistente social, enfermeiro, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, pedagogo ou outro profissional necessário ao projeto terapêutico; - 5 profissionais de nível médio: técnico e/ou auxiliar de enfermagem, técnico administrativo, técnico educacional e artesão.
--	-------------	---------------------------------	----------------------	--

Quadro 03: Característica e estrutura dos CAPS

Os serviços substitutivos de assistência não são simples de serem administrados e mantidos. Necessitam de infra-estrutura, equipe multiprofissional e apoio em diversas áreas sociais, devendo, portanto, funcionar em forma de rede. Este mecanismo se torna mais complexo do que a estrutura hospitalar das “instituições totais”, como denomina Goffman (2008). Uma pirâmide invertida, no sentido de que quanto mais o indivíduo se insere na sociedade, maior será a complexidade da assistência. Os relatórios das conferências nacionais confirmam. A III Conferência Nacional de Saúde Mental apontou a necessidade da reorientação do modelo assistencial através da reestruturação da atenção psiquiátrica e expansão da rede de atenção comunitária (BRASIL, 2001). A IV Conferência identifica as lacunas e desafios a serem enfrentados além da complexidade (multidimensional, interprofissional e intersetorial) dos temas (BRASIL, 2010).

É importante lembrar o leitor que a reforma psiquiátrica brasileira se deu por iniciativa dos profissionais de saúde mental através do Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM) e não por familiares ou usuários, como pensam alguns. Profissionais descontentes com a situação de trabalho e qualidade da assistência prestada, as péssimas condições das unidades, jornadas de trabalho intensas e baixos salários, dentre outros, fez com que articulassem um projeto de lei que modificasse esta situação (AMARANTE, 1996). Desta forma, pretendemos dar atenção especial a estes profissionais e seu cotidiano, pois as mudanças, agora, devem ser no cotidiano das instituições, nas pequenas coisas do dia-a-dia. A proposta que temos, ao investigar o cotidiano em profissionais de saúde mental, tem o objetivo de alertar para atividades comuns e tão importantes para o mover na vida. Amar, gozar, trabalhar e comunicar por símbolos são atividades que devem ser valorizadas nestas instituições, pois é na efetivação destes verbos onde se passa a vida. Por isso a nossa proposta, primeiro nos profissionais e, segundo, em seus usuários. A investigação mostra o quanto eles

são importantes no reinventar do trabalho e que esta consciência pode transformar o ambiente dos CAPS. Caminhemos, portanto, à investigação.

CAPÍTULO III

A INVESTIGAÇÃO

Encontrei hoje, em ruas, separadamente, dois amigos meus que se haviam zangado. Cada um me contou a narrativa de porque tinham se zangado. Cada um disse a verdade. Cada um contou suas razões. Ambos tinham razão. Não era que um via uma coisa e o outro, outra, ou via um lado das coisas e o outro, um lado diferente. Não: cada um via as coisas exatamente como se haviam passado, cada um as via com um critério idêntico ao outro. Mas cada um via uma coisa diferente e, cada um, portanto, tinha razão. Fiquei confuso desta dupla existência da verdade.

(Fernando Pessoa)

Este capítulo trata da investigação realizada em três unidades de CAPS através de entrevistas com seus profissionais de saúde. Talvez o leitor se pergunte por que o poema acima é citado. Bem, estamos trabalhando dois métodos de análise sobre o mesmo *corpus*, pois acreditamos que diferentes olhares auxiliam a compreensão, como afirma Maingueneau (1989). Este estudo visa o conhecimento de quatro atividades humanas específicas voltadas para o cotidiano. Não pretendemos definir “o ser e o cotidiano” nestas atividades, mas fazer uma leitura sobre as mesmas em funcionários de CAPS. Desvelar a “verdade cotidiana” desta população não é possível. Neste ponto, concordamos com Sartre (2002) de que a verdade não é totalizante, como desejam ou afirmam os positivistas, pois existem várias verdades. Desta forma, a análise lexical associada à temática serve para confrontar e ampliar a leitura das entrevistas.

3.1 A pesquisa: análise e discussão dos resultados

Trata-se de um estudo descritivo, realizado em três unidades de CAPS do interior do estado de Goiás. A receptividade da equipe foi surpreendente e fundamental para a coleta de dados. Gostaríamos de fazer um levantamento histórico sobre a criação destas unidades de saúde, mas infelizmente a secretaria não dispõe de registros sobre a implantação destes serviços, além dos funcionários responsáveis pela criação não prestarem mais serviços para a Secretaria Municipal de Saúde. Existe uma rotatividade grande de funcionários e a falta de registros impossibilita um levantamento preciso de sua criação. A característica física das unidades e seus recursos humanos se encontram no Apêndice III. Os participantes consistiram de profissionais de saúde, e o interesse em participar foi considerado como critério de

inclusão (ver Quadro 04). Realizamos nove entrevistas semi-estruturadas e os quatro verbos (amar, gozar, trabalhar e comunicar por símbolos) formaram as questões norteadoras. As entrevistas foram feitas individualmente, em ambiente privativo como uma conversa em que o entrevistador pudesse intervir no sentido de direcionar pontos norteadores importantes para o estudo, mas ao mesmo tempo descontraída, de forma que os entrevistados se sentissem mais a vontade.

CAPS	Sujeitos participantes
CAPS II	01 psicóloga; 01 enfermeira e 01 terapeuta ocupacional.
CAPS i	01 fonoaudióloga e 01 técnico em enfermagem.
CAPS ad	01 psicóloga, 01 técnico em enfermagem, 01 enfermeira e 01 terapeuta ocupacional.

Quadro 04: Sujeitos participantes do estudo, conforme função desempenhada/exercida (ou categoria profissional) nas Unidades de CAPS.

3.2 Aspectos éticos e legais:

Este estudo segue as orientações da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos. A coleta de dados se iniciou somente após o recebimento de um parecer favorável pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA, sob ofício de nº 80/2010.

Os sujeitos informantes foram convidados pela pesquisadora participante, na própria instituição, individualmente, em ambiente reservado. Foram explicados todos os objetivos do estudo e os procedimentos ligados a ele (coleta de dados) e entregue o TCLE (APÊNDICE IV) em duas vias, sendo uma cópia do sujeito e outra do pesquisador. Aqueles que aceitaram participar do estudo assinaram ambas as vias.

As informações contidas no TCLE garantem o anonimato e anuência do participante. Somente os pesquisadores têm acesso ao material de coleta de dados (entrevistas), e o mesmo será mantido em local seguro por um período mínimo de cinco anos, sendo posteriormente incinerados. Neste documento é assegurado a liberdade do mesmo em recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento sem qualquer tipo de prejuízo. O termo também esclarece sobre os riscos existentes considerados pelos pesquisadores como possíveis constrangimentos em responder as perguntas. Neste caso, o sujeito poderia deixar de responder este item ou até mesmo toda a entrevista. A entrevista semi-estruturada solicitou que os sujeitos discorressem sobre os verbos: amar, gozar, trabalhar e comunicar por símbolos. A mesma foi gravada e transcrita na íntegra para análise.

O benefício esperado é a compreensão das dimensões da vida cotidiana de pessoas que trabalham em unidades de saúde mental, pois acreditamos que esta consciência é fundamental à produção de sentido de vida, uma vez que todos estão sujeitos ao sofrimento psíquico, inclusive profissionais de saúde mental.

3.3 Tratamento dos dados:

O tratamento dos dados se deu pela análise lexical pelo *software* Alceste. Este mesmo banco de dados, *corpus discursivo*, foi também submetido à técnica de análise temática proposta por Bardin (2004), passando por três etapas no processo de análise: a) pré-análise: organização e leitura flutuante; b) descrição analítica: leitura exaustiva e descrição dos achados; c) interpretação inferencial: categorização dos dados (ver Quadro 05). Escolhemos utilizar as UCEs para representar as falas dos sujeitos, porém, em algumas circunstâncias, utilizamos frases, retiradas do Quadro 05 da análise temática. Nestes casos, os sujeitos informantes são representados com a letra S (sujeito) e seu respectivo número.

A análise lexical é feita sobre as referências absolutas do corpus do texto, através de sintagmas e lexemas. Sintagma é uma terminologia para designar a fusão de elementos mínimos (determinante e determinado) em uma unidade linguística superior. A fusão de dois ou mais elementos, em que o determinante estabelece uma subordinação com o determinado, forma uma unidade léxica (FERREIRA, 1986). Lexemas, segundo Ducrot e Todorov, é uma unidade de leitura, “[...] podendo compreender de termos ou frases” ou como “o melhor espaço possível para se entender os sentidos” (2001, p.206). Este tipo de análise se preocupa com a essência do próprio texto, bem como sua organização e significado. Maingueneau (1989) faz uma crítica à análise lexical puramente estatística por não conseguir abranger o contexto, uma vez que, as unidades linguísticas são mais complexas e vastas que uma unidade lexical, mas afirma que pode ser um instrumento importante na análise, no caso de uma “utilização controlada”, afirmando ser necessário respeitar algumas condições e considerando sua utilização como método auxiliar e não essencial para a análise. Neste estudo pretendemos valorizar tanto a análise lexical, que se apresenta de forma mais empírica e direcionada ao texto, quanto à análise temática, que abrange o sentido e o contexto. Uma análise abstrata, como conceitua Ducrot e Todorov (2001, p.205), é “[...] manifesta por uma estrutura inacessível à observação direta”.

O Alceste (*Analyse Lexicale par Context d'un Ensemble de Segments de Texte*) é um programa de análise lexical, usado principalmente para análise de grande quantidade de matéria. Neste estudo, é utilizado com objetivo de confronto com os resultados da análise

temática e sua complementação, possibilitando maior entendimento das informações. Este método pode ser utilizado para determinar como as palavras, ou melhor, formas reduzidas são distribuídas no corpus do texto, bem como a sua frequência, separando em classes através da frequência e correlação entre as palavras do corpus.

Este método passa por quatro etapas no processo de análise: 1) definição das unidades de contexto (UCs) através da leitura e cálculos dos dicionários, baseado na listagem em ordem alfabética de toda a unidade do corpus. Após esta primeira lista, cria-se uma segunda com as formas reduzidas mais frequentes; 2) seleciona-se as formas reduzidas com frequência superior a quatro e define-se as Unidades de Contexto elementar (UCEs). Nesta etapa, o programa faz cruzamentos entre as UCEs e forma a matriz com valores de 0 e 1 que indicam presença ou não de uma determinada palavra em uma UCE ou UC. O conjunto das unidades contextuais da matriz forma a primeira classe e posteriormente separa-se esta classe em duas sem que haja palavras sobrepostas; 3) separa os valores das formas reduzidas com frequência maior que oito e as classes são comparadas e definidos o perfil de cada classe pelo maior valor χ^2 e relacionados com a análise fatorial de correspondência; 4) formação de listas de formas reduzidas associadas a contextos correspondentes às classes formadas, identificação de segmentos repetidos e classificação hierárquica ascendente (cruzamento entre as UCE e as formas reduzidas). (NOËL-JORAND *et al* 2000 e NASCIMENTO; MENANDRO, 2006). Faremos a interpretação, neste estudo, pela representação da classe e seu conteúdo para o cruzamento destas informações com os núcleos de sentidos de cada categoria da análise temática.

A proposta do tratamento dos dados foi determinada por variáveis: os 4 verbos (amar; gozar; trabalhar e comunicar por símbolos); sujeitos entrevistados $n = 09$ e unidades de saúde (locais de trabalho dos sujeitos, ou seja, os CAPS). Portanto, o valor da UCI inicial é 36 (04 verbos x 09 sujeitos informantes). Após as quatro etapas de análise descritas acima, foram levantadas quatro classes.

A Figura 01 (Primeira Classificação Descendente) mostra as formas reduzidas distribuídas por Classe. O número total de UCE classificadas é 379. O dendrograma mostra as relações entre as Classes. No dendrograma constante da figura 01 se pode constatar que 03 blocos foram formados: a) pelas Classes 1 e 4; b) pelas Classes 2 e 3 e c) pelas classe 3 e 4. Isso significa também dizer que as Classes 2 e 3 possuem uma maior relação. A figura mostra que a relação entre as Classes 2 e 3 é maior que a relação com a Classe 4 e que entre a Classe 1 e 4 também existe alguma relação. Nas figuras 01 e 02 observa-se a repartição entre as

UCEs e as Classes. A Classe 3 agrupou uma maior porcentagem de UCE: 40,4%, seguida pela Classe 1: 26,1%; a Classe 4 apresenta: 20,5% e a Classe 2: 13%.

A Figura 01 representa os resultados do agrupamento das formas reduzidas (vocabulários) em classes. O título da classe foi definido pela própria forma reduzida, ou seja, o maior valor do λ^2 da classe. Este foi o critério para a escolha do título da classe. A classe 1, 'trabalho e desprazer', foi assim definida pelo agrupamento das formas reduzidas através das respostas dos sujeitos. O que podemos observar é que os verbos do estudo estão presentes intitulado as classes, uma vez que foram utilizados como questões norteadoras das entrevistas. O trabalho aparece também na classe 4: trabalho e desprazer. As palavras prazer e desprazer estão substituindo o verbo gozar, escolhido na teoria inicial. A escolha pelo prazer ao invés de gozo se deu pela resposta dos sujeitos, que assim se referem a esta atividade. As classes 2, 'comunicar' e a 3, 'amar', completam a figura. A classe 4 não se diferencia das demais. Explicaremos o porquê mais adiante.

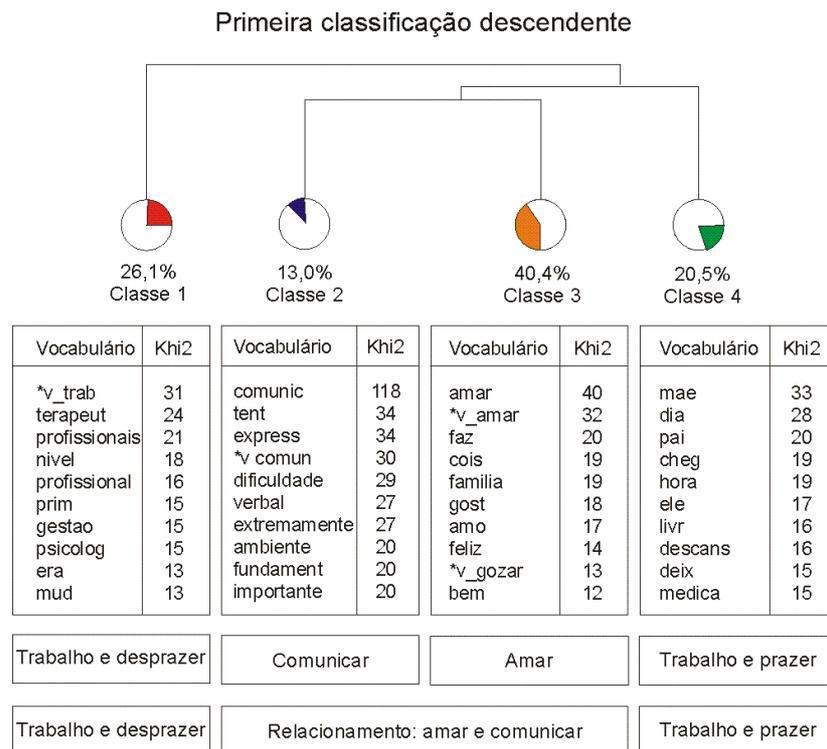


Figura 01: Primeira classificação descendente (classe 1: trabalhar e desprazer; classe 2: comunicar; classe 3: amar; classe 4: trabalhar e prazer)

Na figura acima é possível fazer uma leitura geral da análise lexical e das categorias da análise temática. Cada classe é representada pelo vocabulário gerado (escolhemos representar os dez primeiros determinados pelo maior valor do λ^2). Abaixo, o nome das classes, determinado pela forma reduzida de maior λ^2 e frequência, sendo elas: classe 1: trabalho e desprazer; classe 2: comunicar; classe 3: amar; e classe 4: trabalho e prazer. Por fim, as categorias emergidas pela técnica de análise temática, sendo elas: categoria 1: trabalho e desprazer; categoria 2: Relacionamento: amar e comunicar; e categoria 3: trabalho e prazer. Nota-se a semelhança das classes e categorias, indicando que o confronto dos métodos em um mesmo corpus discursivo é positivo, além do enriquecimento à análise, como veremos adiante.

Distribuição das u.c.e entre as classes

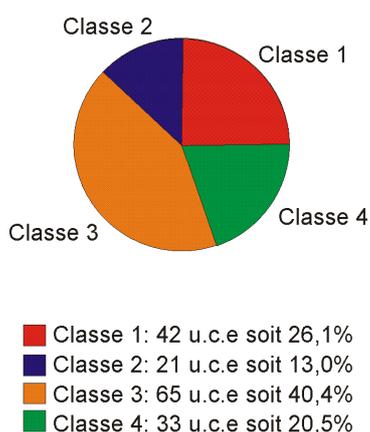


Figura 02: Repartição das UCEs entre as classes

A Figura 02 representa, através de um gráfico, a distribuição das UCEs entre as classes. A maior delas foi a classe 3: amar, com frequência de 40,4%, seguida da classe 1: trabalho e desprazer, com frequência de 26,1%. As classes 4 (trabalho e prazer) e 2 (comunicar) são as de frequência menor, com 20,5% e 13 %, respectivamente.

CATEGORIA 1: TRABALHO E DESPRAZER

Esta categoria associa o trabalho à falta de gozo (desprazer). Segue a análise com os núcleos de sentido pela análise temática e a classe pela análise lexical.

Núcleos de sentido: Equipe **mínima**; fila de **espera**; demanda; condições de trabalho; **não** reconhecem; **invisível** aos olhos do outro; valorização; salário defasado; justiça; leis trabalhistas; financeiramente **sem** perspectiva; diferença entre teoria e prática e preparo

profissional; **aceitar os limites**; **falta** de investimento; ambiente; **descrença**; aumentar a unidade; **individualista**; equipe; grupo; opinião.

Os núcleos de sentido emergiram da análise temática. Observam-se projeção e negação no trabalho, presentes nas estações de Szondi e citadas por Martins (s/d). A negação se encontra nas palavras: não; invisível; sem; falta; descrença. Já “equipe mínima”, trata-se de uma restrição vivenciada no ambiente de trabalho, juntamente com “individualista” (restrição nas relações interpessoais que dificultam o trabalho) e a limitação pela “fila de espera”. Aqui os mecanismos de defesa como a negação: “não tenho culpa”, “não fui eu” e a projeção: mecanismo de defesa mais primitivo que culpa o outro, no caso do serviço que tem uma “equipe mínima”, por isso não dá conta do trabalho, por isso o tamanho da “fila de espera” por atendimento. A projeção é o “vômito”, a culpa a alguém pelas dificuldades no trabalho, “a falta de investimento” e o tamanho da unidade na expressão da necessidade em “aumentar a unidade” reafirmam estas questões.

RESULTADOS DA CLASSE 1: Trabalho x desprazer

Pela Classificação Ascendente Hierárquica, o verbo trabalhar foi o mais forte considerando o índice do χ^2 mais elevado 31. Por se tratar de funcionários, vão cumprir o dever. Ficam entre o “não” e o “sim”, o “ruim” e o “bom”, como ocorre na neurose da dúvida entre os verbos páthicos querer, poder e dever. O vocabulário ausente nesta classe, pela representação de χ^2 negativo e o percentual encontrado são: gozar ($\chi^2 = -18 / 0\%$); amar ($\chi^2 = -11 / 32,3\%$); prazer ($\chi^2 = -10 / 25\%$), por isso o desprazer. Além do verbo trabalhar, pertencem a esta classe: terapeuta; profissionais, nível e gestão, com uma co-ocorrência destas palavras nos segmentos do texto. Interessante notar que o trabalho está relacionado à gestão e ao nível, ou seja, os profissionais são divididos em níveis de classe. Percebe-se ainda o sofrimento relacionado ao trabalho e a oposição ao gozar e amar. As unidades de contexto elementar que representam esta classe pelo maior valor do χ^2 estão analisadas abaixo.

Para maior compreensão, cada UCE é apresentada por seu número, valor do χ^2 ; questão norteadora e característica do entrevistado, ou seja, formação profissional e unidade de saúde. O trabalho também foi uma das categorias emergentes da análise temática, dividido entre prazer e desprazer. Nesta classe juntaremos os resultados das UCEs e formas reduzidas com os núcleos de sentido da análise temática. Nesta categoria e classe, o desprazer no trabalho se dá porque os trabalhadores não usufruem, no sentido de gozo da atividade de trabalhar. Desta forma, este se torna penoso e árduo como vemos nos núcleos de sentido, a seguir:

Núcleos de sentido: Equipe mínima; fila de espera; demanda; condições de trabalho.

Os núcleos de sentido acima mostram alguns dos problemas enfrentados pela equipe no local de trabalho, que levam ao desprazer ou sofrimento pela sobrecarga. Uma equipe pequena, aumento da demanda e a fila de espera são alguns aspectos das condições de trabalho enfrentadas. Estes fatores geram angústia e sentimento de impotência frente a tantas dificuldades apresentadas no quesito acessibilidade. Ainda mais as promessas que envia ao futuro a efetivação de que este tipo de serviço foi criado para melhorar a qualidade do atendimento em saúde mental e funcionar como um modelo substitutivo de assistência (BRASIL, 2001). As UCEs abaixo demonstram estes aspectos levantados pela análise temática e pela análise lexical com os maiores valores de χ^2 desta classe.

Seguem as UCEs selecionadas acompanhadas da compreensão que tivemos sobre as mesmas, associadas aos núcleos de sentido descritos acima. Nas duas análises a questão do número de profissionais e a demanda estão presentes.

uce n° 78 $\chi^2 = 42$ uci n° 7 : *v_trab *suj_psi *caps_II *K_1 (questão norteadora: verbo trabalhar; sujeito psicólogo, unidade de saúde CAPS II)

(demanda) e (mínima), e (eles) ficam lá cagando grilo! tem (quatro) (psicólogas) no (CAPS_AD) e (duas) (psicólogas) no caps de (saúde) mental! E um contratempo, lá não tem (demanda), aqui tem (mais) de quatrocentos (na) (fila) de (espera).

Esta unidade de contexto elementar, com o maior valor do $\chi^2 = 42$, mostra claramente o descontentamento, ou seja, uma intuição e negação do sujeito, comparando duas unidades de CAPS e considerando que a sua tem uma demanda maior e menos condições de trabalho pelo número reduzido de funcionários. Dá ênfase no tamanho da fila de espera por atendimento (quatrocentos). Na segunda parte da UCE em que a entrevistada diz “lá não tem demanda”, chamaremos de negação polêmica ou discordancial, pois segundo Maingueneau (1989) este tipo de negação pode ser contestado. Além do mais, esta negação apresenta uma condição de contradição, pois não se pode ao mesmo tempo ter e não ter demanda. Além do mais, segue-se uma justificação da negação com uma comparação entre “lá” e “aqui” (“lá” não é “aqui”; é potencialmente terra do espaço imediato). Aqui a demanda é maior justificada pelo tamanho da fila de espera, logo, a necessidade de um maior número de profissionais. Percebe-se nesta fala a percepção de sobrecarga e de injustiça sofrida nesta unidade de saúde, como se no outro local fosse melhor de trabalhar, com menos demanda e mais profissionais.

uce n° 36 $\chi^2 = 19$ uci n° 3 : *v_trab *suj_enf *ca ps_II *K_1 (questão norteadora: verbo trabalhar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS II)

(falta) de (profissional). se (tivesse) (mais) (profissionais) teria (mais) (grupos) (terapeúticos), ne (o) tratamento (seria) melhor. porque a secretaria de (saúde) não tem essa política da parte preventiva da(saúde) mental.

Esta UCE reforça a anterior, sobre o número reduzido de profissionais. A palavra “se” introduz o condicional. “*Se tivesse mais profissionais....o tratamento seria melhor*”. O “se” não existe como realidade atualizada e efetiva material. Existe na realidade psíquica, um desejo do falante e a previsão, ou hipótese, de que se tivessem (subjuntivo) mais profissionais, as coisas seriam diferentes. O “*tivesse*” não existe; está no hipotético.

uce nº 58 Khi2 = 17 uci nº 5 : *v_amar *suj_psi *ca ps_II *K_1 (questão norteadora: verbo amar; sujeito psicólogo, unidade de saúde CAPS II)

porque se a (gente) pudesse estaria acolhendo todo (mundo) imediatamente mas não está (funcionando)(assim) porque, porque a (gente) está trabalhando com uma (equipe) (mínima), (acabou) de fazer um concurso, (até-que) (chamar) e dar posse ne,

Novamente a hipótese e o verbo no subjuntivo “*se a gente pudesse estaria*”. O verbo “*estaria*”, no futuro do pretérito, um ato condicional relacionado à condição do trabalho no passado, informando que poderia ter sido diferente e não como as coisas estão por hora. Esta expressão está no hipotético, no subjuntivo, que é uma forma de virtualizar a imaginação. Percebemos aqui o quanto que a pessoa se refugia no imaginário (subjuntivo) como forma de suportar o presente.

uce nº 37 Khi2 = 12 uci nº 3 : *v_trab *suj_enf *ca ps_II *K_1 (questão norteadora: verbo trabalhar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS II)

eu acredito, que seja isto porque foi feito um processo seletivo, (poderia) ter (mais) (profissionais) mas não (chamam), então (acaba) que (o) (investimento) maior do município está (sendo) (na) (atenção) básica,

A UCE n ° 58 inicia com uma pressuposição de que “*se pudesse estaria acolhendo todo mundo*”. Dá a entender que se as condições de trabalho fossem favoráveis, poderiam estar “*acolhendo*” todos os pacientes, sem “*a fila de espera*”, mencionada como um problema. Outra sequência de negações, “*mas não*”, esta não é a realidade, a equipe é “*mínima*”. Novamente, o desidério presente no subjuntivo. Esta dificuldade é provavelmente um problema da gestão, pois ao final a entrevistada afirma que foi feito um concurso, mas tem que esperar chamar para a posse. Interessante é que a expressão utilizada para esta espera é “*até que*”, como se a demora fosse grande e, até que chamem (parece que vai demorar muito), a equipe vai sofrendo com a sobrecarga e a recusa em atender mais pacientes, colocando-os

na fila de espera. A neurose obsessiva está na dúvida pois quem dúvida, não age, uma vez que não acredita na conquista. A cura está em crer, é o que faz realidade recuar.

A mesma reclamação continua na UCE n° 37 afirmando que foi feito um processo seletivo para a contratação de novos funcionários, “mas” (uma negação) não chamam. A entrevistada acredita que os investimentos são maiores na atenção básica em saúde. Nesta UCE podemos considerar o verbo “acreditar” como verbo próximo do real, do atual e não do virtual. Este não se encaixa em nenhum critério estabelecido por Maingueneau (1989), mas uma afirmação evidenciada pelo restante da fala em que a entrevistada nota maiores investimentos na atenção básica. Em outra fala da entrevistada, não mencionada pela análise lexical, mas levantada pela análise temática, ela diz que está prestes a sair da unidade por uma questão salarial e que pretende ir para a atenção básica (PSF), pois lá o salário é melhor, ou seja, tem mais investimento por parte da Secretaria de Saúde.

“Porque nosso salário está totalmente defasado. Por mais que seja meio período, eu não acho justo. É muito pouco... eles não dão a importância pras leis trabalhistas, como insalubridade. Por exemplo, eu não pude tirar meus quinze dias de descanso, porque não tem funcionário pra me substituir. A gente pensa, poxa, mas é complicado. Eu já expliquei para a coordenadora se eu for realmente chamada...eu vou até confirmar isso, mas acho que já deu tudo certo. A qualquer momento”.(S1)

O exemplo da fala acima do entrevistado 1 (S1), representa os núcleos de sentido sobre a falta de reconhecimento, a falta de valorização e a defasagem do salário. A **sobrecarga** e a **impossibilidade** de tirar folga (por falta de funcionários) são vistas como uma injustiça e negação, novamente.

Os Núcleos de sentido presentes nesta classe são: **não** reconhecem; **invisível** aos olhos do outro; valorização; salário **defasado**; justiça; leis trabalhistas; financeiramente **sem** perspectiva.

uce n°184 $\chi^2 = 41$ **uci n°16** : *v_comun *suj_te *caps_ad *K_1 (questão norteadora: verbo comunicar; sujeito técnico em enfermagem, unidade de saúde CAPS ad).

tanto (os) (tecnicos) de (enfermagem) (como) (o) pessoal da (limpeza), cozinha pessoas que nao tem(nivel) (superior), (assim) ne de escolaridade entao eu (fui) (chamado) pra (representar), (quando) antes de eu (comecar) a minha apresentacao, me perguntaram:

Neste caso o sujeito mostra que existe uma diferenciação entre os funcionários, que ele divide por “nível” superior e inferior e se classifica no “nível inferior”; uma hierarquia com diferença de funções. Na UCE acima diz que foi chamado para representar sua classe ou nível. A desvalorização (não valorização, ou seja, negação) é representada pela “desvalorização” tanto do trabalhador quanto do produto do seu trabalho. Leva a sentimentos de insatisfação. Empresas extremamente hierarquizadas tendem a dividir as tarefas de maneira

que o trabalho se fragmente por níveis e funções extremamente rígidos, que impedem a “liberdade” do funcionário em desempenhar outras atividades em que se sentiria útil em fazê-las. Este é um exemplo de situações que geram satisfação simbólica, não das necessidades do corpo, mas dos desejos e motivações. Esta satisfação é necessária para a aproximação homem-trabalho (DEJOURS, 1992).

uce nº72 $\chi^2 = 32$ uci nº7 : *v_trab *suj_psi *caps_II *K_1 (questão norteadora: verbo trabalhar; sujeito psicólogo, unidade de saúde CAPS II)

(A) (gestao)? E, essa (gestao) das outras que eu passei, essa e (mais) (tranquila), sabe, (mais) (aberta)(para) (ouvir), a (primeira) (gestao) (era) muito (assim), (tinha) (duas) preferidinhas, e e horrivel, a (equipe)se sente pessima, tem (dois) preferidos (na) (equipe), (como) (assim)?

Percebe-se nesta fala, novamente, a importância de ser ouvido e isso traz tranquilidade e respeito aos profissionais. É nítido também como incomoda quando alguns são considerados, em detrimento de outros; “preferidinhas”. UCE apresenta um χ^2 elevado (32) e mostra a importância de se sentir aceito e valorizado no trabalho, ou seja, somente o salário não é responsável pela satisfação ou não do trabalhador. Esta UCE apresenta verbos no indicativo e infinitivo. O indicativo “passei; era; tinha, sente; tem” identificam a realidade vivida. Infinitivo “ouvir” traz importância deste verbo para a entrevistada.

Núcleo de sentido: diferença entre teoria e prática e preparo profissional.

uce nº29 $\chi^2 = 28$ uci nº3 : *v_trab *suj_enf *caps_II *K_1 (questão norteadora: verbo trabalhar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS II)

sabe eu (tinha) curiosidade de saber o-que (tinha) acontecido com (aqueles) (usuarios), porque que(eles) estavam ali, ne? E no CAPS, (acabou) (assim-que) (na) (epoca) de estagio a (gente) nao viu tanta coisa, (assim) porque nao chocava (os) (horarios) de (terapia), entao (era) (mais) (tranquila), mas eu(tinha) curiosidade de saber (como) e que isso aqui (funcionava).

Esta fala dá a entender que a formação acadêmica não foi possível, sozinha, mesmo através dos estágios curriculares de abranger o que é uma unidade de CAPS e seu funcionamento. É muito difícil em tão poucas horas de estágio curricular mostrar ao aluno o que se passa em uma unidade de saúde mental. O “tinha” é uma imaginação. O tempo verbal está no passado e a frustração de que as coisas não são como foram imaginadas.

Núcleos de sentido: aceitar os limites; falta de investimento; ambiente; descrença; aumentar a unidade.

uce nº345 $\chi^2 = 15$ uci nº31 : *v_trab *suj_enf * caps_ad *K_2 (questão norteadora: verbo trabalhar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS II)

entao se a (gente) for hoje comparar hoje (desde) (os) (primeiros) (anos), muita coisa tem melhorado.(gestao) aqui a bem (mais) (tempo) eu (ate) acredito que a (gente) pode fazer muito melhor, ne, mas nao(adianta) querer (mudar) (o) (mundo),

O sentido que a UCE n° 345 transmite é de que, em uma comparação com o passado, as coisas melhoraram, mas acredita que pode fazer melhor e, no final, uma negação de que “*não adianta querer mudar o mundo*”. Esta UCE parece contraditória, uma vez que o falante faz um balanço do serviço, “melhora”, e no final de que “*não adianta querer*”, ou seja, é a dúvida de si mesmo, duvida do seu querer fazer a realidade mudar. Esta crença de que não é possível apenas com o desejo provocar mudanças na saúde mental, vai de encontro com o núcleo de sentido “aceitar os limites”. Esta passividade faz com que, realmente, não haja mudanças. Os verbos páthicos, poder, dever e querer, estão presentes nos dilemas neuróticos humanos. O poder pode ter dois sentidos: um como permissão moral, licença para algo, e outro como capacidade em executar uma tarefa. O dever pode ser entendido como um impedimento natural de precisar ou dever como uma obrigação moral. O querer é o desejar, e é efetivado no presente do indicativo. Neste caso, existe um dilema entre o querer, o dever e o poder, expressos na fala acima, por isso, a passividade.

“[...]a gente não é criado para aprender a trabalhar com o outro, aceitar os limites” (S3)

A frase acima funda o indefinido, “*a gente*”, que é impessoal e uma defesa e inclui o núcleo de sentido “*aceitar os limites*” e as dificuldades em face da realidade do querer diminuído. O profissional aponta que a formação acadêmica não abrange ensinamentos sobre a realidade do trabalho, ou seja, não é possível apenas com a formação técnica ser capaz de controlar todas as variáveis e dificuldades a serem enfrentadas na realidade do trabalho assim terá que aceitar seus limites e lidar com a frustração em não poder ser capaz de resolver tudo sozinho. A falta de materiais é um exemplo de limites que dificultam a execução das tarefas (além do déficit de funcionários já mencionados), veja a UCE abaixo:

uce n° 23 Khi2 = 10 uci n° 3 : *v_trab *suj_enf *ca ps_II *K_1 (questão norteadora: verbo trabalhar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS II)

no contato com (o) (usuario) nem (sempre) voce vai ter (o) (material) suficiente que voce vai estar dispondo (na) (unidade), (assim) (muda) tudo, voce vai ter que ser criativo ne e tantas outras coisas que voce nao aprende (na) (faculdade),

uce n° 31 Khi2 = 22 uci n° 3 : *v_trab *suj_enf *ca ps_II *K_1 (questão norteadora: verbo trabalhar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS II)

e eu (entrei) com (vontade) mesmo de fazer meus (grupos) (terapeuticos), (acaba) que (assim) eu não pude fazer tanto (grupo) pela questao mesmo de numero reduzido de (profissionais), (acabei) fazendo de tudo um pouco, (na) recepcao, no (primeiro) (atendimento), (na) triagem.

Esta UCE tem um valor do $\lambda^2=22$, um pouco menor do que os apresentados, porém exemplifica uma das limitações do entrevistado no CAPS. Colocar em prática o que foi aprendido na universidade não é possível por questões maiores, como a falta de funcionários. Este fato leva o profissional especializado a fazer atividades burocráticas e serviços de secretaria (recepção), levando à subutilização da sua capacidade. Os verbos “*acabei*” e “*pude*” virtualizam este inconsciente. Mais que desejar seria mais importante crer para poder fazer.

Na II Conferência de Saúde Mental do estado de Goiás, os temas sobre acessibilidade, direitos, cidadania, recursos humanos e financiamento foram discutidos. Sobre os recursos humanos, a necessidade de profissionais qualificados e em número suficiente para a garantia da qualidade e acesso aos serviços já era uma preocupação da Secretaria do Estado. O que se nota é que nesta unidade de CAPS pesquisada, o problema continua (GOIAS, 2002).

uce n° 76 Khi2 = 22 uci n° 7 : *v_trab *suj_psi *ca ps_II *K_1 (questão norteadora: verbo trabalhar; sujeito psicólogo, unidade de saúde CAPS II)

agora, a prefeitura e um (caso) a parte, a (gente) (pediu) a reforma da (unidade), tem (dois) (anos) que a (gente) ta (esperando), e ele (falou) que a nossa (unidade) de (saude) (seria) a (primeira) a ser reformada, e ja fez (dois) (anos).

uce n° 296 Khi2 = 17 uci n° 27 : *v_trab *suj_fono *caps_inf (questão norteadora: verbo trabalhar; sujeito fonoaudiólogo, unidade de saúde CAPS i)

*(comecaram) a demolir isso aqui com a (gente) dentro! (quanto) (tempo) eu to aqui (mais) de (dois)(anos) **pedindo** (material) e nada. (desvalorizada). nem um pouco, hoje eu sinto que precisaria e que (seria) bem-melhor se **as pessoas** (tivessem) **(mais) comprometimento**, tanto pro (profissional) (como) pro paciente.*

As palavras em negrito mostram o indefinido. Quem está desmotivado é ele mesmo, o autor da frase. Apesar das UCEs acima (n° 76 e n° 296) não apresentarem valores de λ^2 tão altos como as primeiras apresentadas nesta classe, trazem de forma clara outras dificuldades no trabalho em unidades de CAPS, que geram angústia e até revolta nos sujeitos entrevistados. As promessas de melhorias que não são cumpridas (UCE n° 76) e a indignação na fala seguinte (UCE n° 296), pela falta de material e a desvalorização por parte dos contratantes aos funcionários, a ponto de realizarem a reforma junto com os atendimentos, ou seja, sem se importar com o tipo de ambiente em que estes atendimentos seriam feitos. Um ambiente com barulho e sujo. Sem consideração com equipe e usuários. Nota-se que estas UCEs são de unidades diferentes; a de n° 76 é no CAPS II (que aguarda a reforma há mais de dois anos) e a de n° 296 é no CAPS i, que se encontrava em reforma no momento da entrevista, e os atendimentos, para crianças, eram feitos normalmente em meio ao trabalho dos pedreiros.

As intervenções ergonômicas, segundo Dejours (1992), são feitas a partir da observação direta de especialistas. Geralmente são mudanças que dão importância ao conforto e saúde dos funcionários. Porém, se as mudanças desconhecem a vivência daqueles que convivem no ambiente, podem gerar insatisfação, como podemos notar nas UCEs acima. O autor usa a metáfora da luta; contra a insatisfação e indignidade, sentimentos compartilhados por nossos entrevistados.

Núcleo de sentido: individualista; equipe; grupo; opinião.

uce n° 120 $\chi^2 = 25$ **uci n° 11** : *v_trab *suj_to *caps_II *K_1 (questão norteadora: verbo trabalhar; sujeito terapeuta ocupacional, unidade de saúde CAPS II)

individualista (na) formacao geral, ne, (nos) projetos (terapeuticos), no (atendimento), (nunca) (ouvir)muito (o) outro, mas a (gente) esta (indo) aos (poucos), eu acho.

Na UCE acima utiliza a palavra nunca, que é uma negação fortíssima que, segundo Szondi *apud* Martins (s/d), esconde a agressividade. Para nós, esconde tanto a agressividade quanto a insatisfação pela individualidade da equipe, e ressalta a importância de ouvir o outro. Sem estas duas qualidades, o trabalho em equipe, simplesmente, não pode existir. Percebe-se uma heterogeneidade explícita. As afirmações são contraditórias e não definidas, sendo chamadas de refutação pressupocional, pois vêm acompanhadas de justificação e negação da afirmativa apresentada. Como se pode ver na afirmação de que os profissionais são individualistas, segue a justificação “na formação geral” e da explicação de que esta individualidade se refere ao trabalho (projetos terapêuticos e atendimento). A expressão “nunca ouvir” é acompanhada de “muito”, uma negação explícita no texto, pois não se pode “nunca ouvir muito”, já que “nunca” significa que não se ouve de maneira alguma. Outra contradição segue a UCE com o “mas”, que dá a entender que está havendo mudanças nas afirmações apresentadas (individualidade e nunca ouvir), e pelo restante do texto “a gente está indo aos poucos”. Interessante notar que a UCE termina com a expressão “eu acho”, outra negação do discurso relatado. O verbo “achar” demonstra incerteza maior. “Achar” é diferente de “saber”, uma certeza menor. Isso pode ser interpretado como uma expressão pessoal do locutor devido a uma experiência e julgamento pessoal, uma opinião (MAINGUENEAU, 1989). Neste caso, o locutor não afirma com certeza, mas tem a impressão de que no seu ambiente de trabalho existe uma individualidade, e que isso está mudando, pelo menos, é o que acha (ironia nossa).

Classe 1 Trabalho e desprazer: classificação hierárquica ascendente

Na figura 03 pode-se ver o exemplo do dendrograma da Classificação Hierárquica Ascendente da Classe ‘trabalhar x desgosto’. Há dois subgrupos de formas reduzidas que podem ser considerados centrais para a Classe 1, sendo que o primeiro se divide em outros dois subgrupos maiores e 10 menores, constituído pelas formas: psicolog (psicóloga; psicólogas; psicólogo); nível; poder; enfermagem; cham (chamado; chamam; chamar); acab (acaba; acabar; acabei; acabou); profissionais e profissional. O segundo tem uma subdivisão maior e seis menores, sendo constituído pelas formas: terapeut (terapeuta; terapêutico; terapeuticos); equipe; prim (primeira; primeiros); mundo; gestão e mud (muda; mudar). Também podem ser vistos os χ^2 de associação das formas reduzidas à Classe 1 e a percentagem de UCE classificadas nessa mesma Classe (26%), conforme já visto na Figura 01.

Tal dendrograma sintetiza as ideias relacionadas ao trabalho nesta classe. As formas reduzidas mostra a divisão dos profissionais por formação (psicolog; enfermagem; terapeut), bem como associações com poder e nível hierárquico. A figura abaixo mostra a a frequência das formas reduzidas, o valor do χ^2 e também as formas reduzidas que aparecem juntas no *corpus*. Dentre estas, as que estão mais próximas do eixo foram encontradas mais vezes juntas e, por isso, têm maior relevância nesta classe. As formas reduzidas mais próximas do eixo e mais significativas são nível e poder, prim (primeiros) e mundo. A relação entre nível e poder foi representada na UCE acima, onde um dos entrevistados diz com clareza a diferenciação dos funcionários em “níveis”, ou seja, em categorias que influenciam diretamente no poder de decisão e de voz dentro da unidade. Quanto às formas reduzidas: “primeiros” e “mudar”, se relacionam com o objetivo destes profissionais às mudanças dentro da unidade de saúde, se consideram primeiros a fazer isso e acham importante. Como se pode ver, esta classe está dividida em dois grupos por suas cadeias de significantes, sendo que a primeira está relacionada à divisão do trabalho por categorias e profissionais e as relações de poder que os diferentes níveis profissionais representam; e uma segunda, relacionada à gestão, à equipe, a mudanças, sendo este o desejo expresso por estes profissionais, quanto a melhoria e mudanças no atendimento e no local de trabalho. A figura 3 mostra estes aspectos de maneira mais clara.

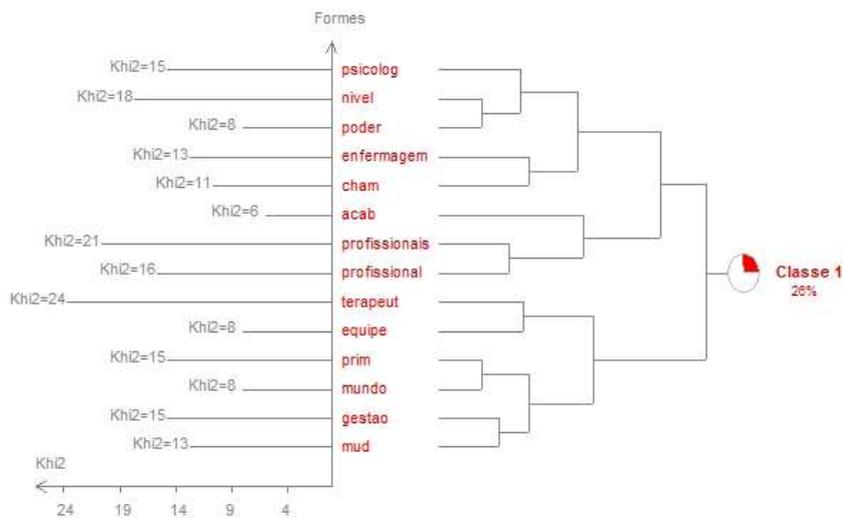


Figura 03: Classificação Hierárquica Ascendente: Trabalho e desprazer

Analisemos as UCEs que indicam a questão de nível e poder, profissionais e profissional e a desvalorização daqueles que estão no “nível inferior”, vistos como dotados de menor capacidade e poder de fala.

uce nº 190 KHi2 = 25 uci nº 16 : *v_comun *suj_te * caps_ad *K_1 (questão norteadora: verbo comunicar; sujeito técnico em enfermagem, unidade de saúde CAPS ad)

(eles) estao (duvidando) da minha (capacidade), ai simplesmente senti isso que a (desvalorizacao) do (profissional) so porque ele nao tem (o) (nivel) (superior), ai eu tenho (certeza) que tem muitas pessoas da (limpeza) com muito (mais) (capacidade),

O verbo “*duvidando*” está no imaginário, subjuntivo. O dêitico “*eles*” (negação do conteúdo) se refere aos que têm o poder de voz e de decisão no local de trabalho referido. São estes que duvidam da capacidade dos trabalhadores de “nível inferior”. Esta referência de “*nível*” é o grau de escolaridade e aqueles do “nível inferior” não possuem graduação. Fica claro nesta fala a reivindicação pelo poder de voz por parte do locutor. Há o sentimento de desvalorização, como se o seu trabalho não fosse importante e por isso não tem necessidade de ser ouvido. Estão presentes as duas proposições: negação (-): diminuição do *Eu*; projeção (+): crescimento do *Eu*.

Platão ressalta a importância da sabedoria (mesmo em diálogos referentes ao amor e a amizade como em *Lísis* e *O banquete*). O ser humano é interesseiro e a amizade pode ocorrer pela sua utilidade. Platão compara a utilidade da amizade à sabedoria e afirma que quem é sábio terá amigos e poder, diferente daquele que não possui tal virtude. O conhecimento traz o poder e a liberdade para quem o possui.

“Nas coisas que nos tornamos conhecedores, todos confiam em nós, helenos e bárbaros, homens e mulheres, e nelas podemos fazer o que quisermos, e ninguém, por sua alta recreação, nos porá entaves. Nessas coisas teremos toda a liberdade e seremos guias dos outros. É que são nossas e delas tiraremos proveito” (PLATÃO, 1995, p.43).

A reclamação, ou seja, projeção catártica ou “reclamopatia” do entrevistado é que o conhecimento é mensurado pela titularidade, de forma que todo aquele que não a possui não é considerado como alguém capaz de dar opinião e perde o direito de voz no ambiente de trabalho, o que muito lamenta.

uce nº 181 Khi2 = 22 uci nº 16 : *v_comun *suj_te * caps_ad *K_1 (questão norteadora: verbo comunicar; sujeito técnico em enfermagem, unidade de saúde CAPS ad)

(sempre) vejo (assim-que) (seria) (interessante) nao so pra mim, mas pros outros tambem (assim), porque houve essa (experiencia) que eu (tive) (poder) de (fala) no outro (hospital), e la eu (quando) eu (fui) (falar), todo (mundo) (esperava) (assim-que) eu nao fosse dar conta,

uce nº 182 Khi2 = 22 uci nº 16 : *v_comun *suj_te * caps_ad *K_1 (questão norteadora: verbo comunicar; sujeito técnico em enfermagem, unidade de saúde CAPS ad)

justamente por eu ser (tecnico). (A) (primeira) vez em (mais) de sessenta (nos) do (hospital) eu (fui)(chamado), (fui) (o) (primeiro) (tecnico) de (enfermagem) a ser (chamado), a (falar) em um seminario,

uce nº 183 Khi2 = 19 uci nº 16 : *v_comun *suj_te * caps_ad *K_1 (questão norteadora: verbo comunicar; sujeito técnico em enfermagem, unidade de saúde CAPS ad)

ser um (palestrante) de um seminario (para) (os) (propios) funcionarios que (era) sobre (observar) (o) servico interno e sobre as dificuldades enfrentadas pela (unidade) e eu (era) pra (representar) (assim) a classe inferior, entao eu taria (representando) a parte,

A sequência de UCEs acima (181, 182 e 183) são de um mesmo entrevistado. As informações apresentadas não se relacionam ao trabalho no CAPS, mas de uma outra instituição de saúde mental onde o sujeito trabalha. Permanecem mantidas no texto devido a ênfase do entrevistado na hierarquia de uma instituição e a sua percepção de valorização como profissional de nível médio neste serviço. Pela primeira vez, este funcionário foi convidado a participar de uma reunião de equipe e representar “a sua classe”. Aqui ele expressa que foi a primeira vez que teve o poder de fala e que a equipe da classe “*superior*” ouviu alguém tão “insignificante” da classe “*inferior*” e que tinha algo a dizer. Existem dúvidas, por parte da “*classe superior*”, sobre a capacidade da “*classe inferior*” em se expressar.

Dejours (1992) discorre sobre o tema da indignidade na classe operária que leva a sentimentos de vergonha, despersonalização, falta de significado e queixas de desqualificação. Como podemos ver, estes sentimentos podem ser compartilhados em outras classes de profissionais de saúde, como é o nosso caso. Não ser digno de ser ouvido pela equipe (seus

próprios colegas de trabalho) é um exemplo claro de indignidade. O entrevistado acima fala com orgulho que foi escolhido, pela primeira vez para compartilhar com seus colegas em um seminário de trabalho, representando sua classe “*inferior*”, que não era digna nem sequer de ser ouvida. Exemplos assim nos fazem pensar no significado do trabalho. O trabalho é muito mais do que um meio de sobrevivência; traz significado e identidade, atribuindo realidade à situação de vida do trabalhador. A vivência de situações de desvalorização e despersonalização, segundo Dejours, é responsável por adoecimentos, sendo comuns, nestes casos, depressão. Daí, “justo” o vômito projetivo a atribuição da agressividade e o medo pela recusa projetiva.

CATEGORIA 2 : RELACIONAMENTO: AMAR E COMUNICAR

Conforme o resultado da análise temática, emergiu das falas uma segunda categoria que denominamos relacionamento. Nesta categoria se encontram duas classes conforme a análise lexical, sendo elas: amar e comunicar. A descrição que se passa dentro destas duas classes será discutida a seguir, juntamente com os achados da análise temática e seus núcleos de sentido descritos abaixo:

Núcleos de sentido: relacionamento; estar com alguém; relação interpessoal; acolhimento; envolvimento; receber; disponível; acessível; aproximação; intensidade; intimidade; profundidade; respeito; gratidão; honestidade; carinho; ajuda mútua; amor; entrega; decisão; escolha; preço; querer bem; dedicação; ajuda amor incondicional; entrega; paixão; sacrifício; doar-se; doar seu tempo; doar sua vida; doar seu trabalho; recíproco; gestos; cuidar; preocupar; respeitar; amizade; companheirismo; conjugal; solidão; combustível; impulsiona; paciência; perceber; entender; expressar; leitura; compreensão; ouvir; dificuldade expressar verbalmente; argumentar; falar; considerar o outro; comunicar é difícil; tímida; coragem de perguntar; interpretar; silêncio; coragem de falar; amigos; Deus; família.

É difícil separar os núcleos de sentido entre os verbos amar e comunicar, uma vez que relacionamento envolve comunicação. Separamos com fins didáticos para discussão da análise, uma vez que os dois verbos fazem parte de uma mesma categoria na análise temática.

RESULTADOS DA CLASSE 2: Comunicar

Pela Classificação Hierárquica Ascendente, o verbo comunicar foi o mais forte, considerando o índice do χ^2 mais elevado 118 e frequência de 94%. O vocabulário presente com seus respectivos valores de χ^2 são: ambiente $\chi^2 = 20$ e porcentagem 80%; fundamental $\chi^2 = 20$ e porcentagem 80%; importante $\chi^2 = 20$ e porcentagem 80%; problema $\chi^2 = 14$ e

porcentagem 75%; trabalho $\chi^2 = 7$ e porcentagem 24%. Os sujeitos consideram o verbo comunicar muito importante, relacionando-o ao ambiente e ao trabalho. Referem ainda dificuldades na comunicação. O vocabulário ausente nesta classe é referente à questão norteadora amar com $\chi^2 = -7$ e porcentagem 0%; questão norteadora gozar $\chi^2 = -5$ e porcentagem 3% ; amar (contido na resposta do sujeito e não na pergunta do entrevistador) $\chi^2 = -4$ e porcentagem 0%; prazer (referente à resposta do sujeito) $\chi^2 = -2$ e porcentagem 4%.

Os núcleos de sentido relacionados ao verbo comunicar são: falha na comunicação; perceber; entender; truncada; falhas; bilhete de ocorrência; expressar; leitura; ouvir; aproximação; dificuldade para expressar verbalmente; argumentar; falar; comunicar é difícil; tímida; complexada; coragem de perguntar; gestos; interpretar; silêncio; coragem de falar.

As primeiras UCEs desta classe são apresentadas pela ordem decrescente do valor do χ^2 , sendo elas:

uce nº 359 $\chi^2 = 29$ uci nº 32 : *v_comun *suj_enf *caps_ad *K_2 (questão norteadora: verbo comunicar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS ad)

(tenho) uma (comunicacao) (legal), (as) (pessoas) me (compreendem), (as) (vezes) em (alguns) casos.(dificuldade) (de) compreensao, (mas) (a) gente (tenta) (se) (expressar) (melhor) pra nao ter (problemas),equivocos, (ne).

Apesar da afirmação que tem uma “comunicação legal” e que as pessoas o compreendem, faz a negação “mas” e tenta se expressar melhor. Como podem profissionais de saúde mental ter dificuldade de comunicação, uma vez que lidam exatamente com a palavra? Parece contraditório o fato de que ao mesmo tempo em que as pessoas o compreendem, “tenta se expressar melhor”. Neste caso dos profissionais é necessário muito mais do que compreensão. É necessário empatia. Entende-se por empatia a capacidade de se colocar no lugar do outro, de sentir, de se sensibilizar. Isso é o que chamamos de “acolhimento”, tão discutido nos manuais para os CAPS. A “acolhida” faz parte da rotina das unidades do estudo (veja Apêndice III). Martins vai além e diz que o clínico deve se implicar. Veja o trecho abaixo:

Nada mais perigoso para um clínico e para os pacientes do que a insensibilidade e a indiferença daquele. Conduzindo-se assim, o terapeuta só verá o que lhe interessa. Mais do que não compartilhar, isso poderá impedi-lo de vislumbrar a tragédia em curso. Uma atenção acolhedora em relação ao outro é, evidentemente, pré-condição para exercer clínica, e implica o reconhecimento da dor intensa e da necessidade de contribuir para a solução, minoração ou até aceitação (MARTINS, p.75, 2005).

Este deve ser o pensamento de profissionais que se interessam por reinventar o atendimento em saúde mental. Muito antes de recursos materiais, a escuta e a implicação com os pacientes devem ser a preocupação principal. Sem a escuta sensível ao sofrimento do

outro, não é possível humanizar as instituições, mesmo que tenham nova “roupagem”, podendo cair no erro de não acolher, institucionalizar e receber seus usuários como não pessoas, em serviços substitutivos, e permanecendo no erro dos discursos políticos da necessidade de mudanças, mas sem disposição para efetua-las.

Núcleos de sentido: dificuldade de expressar verbalmente; argumentar; falar, comunicar é difícil.

uce nº 377 $\chi^2 = 18$ uci nº 36 : *v_comun *suj_to *caps_ad *K_22 (questão norteadora: verbo comunicar; sujeito terapeuta ocupacional, unidade de saúde CAPS ad)

E (importante) (a) (comunicacao). eu pra mim e (a) sinceridade, eu (tenho) (essa) (dificuldade) (de) falar pro (outro), (principalmente) no (ambiente) (de) (trabalho). olha isso nao poderia (ser) assim, poderia (ser) (de) (outra) (forma), isso nao (ta) (legal), (vamos) fazer assim, (ou) ate (mesmo) falar:

uce nº 130 $\chi^2 = 23$ uci nº 12 : *v_comun *suj_to *caps_II *K_2 (questão norteadora: verbo comunicar; sujeito terapeuta ocupacional, unidade de saúde CAPS II)

(entao) (a) (comunicacao) e (extremamente) (fundamental) (tanto) no ir e no voltar, (ne). na vida (fora) do(trabalho)? eu (tenho), como que vou dizer, (tenho) uma (dificuldade) (de) me (expressar) (verbalmente)(as) (vezes), no coletivo (principalmente), (algo) pra argumentar, (mas) eu sempre (tento) (trabalhar)outras (formas) (de) (comunicacao), (ne), na TO (a) gente (trabalha) muito isso,

Nestas unidades de contexto elementar, o sujeito fala da importância da comunicação, referindo-a como “*fundamental*”. Afirma ter dificuldade em se expressar verbalmente no coletivo e que tenta trabalhar outras formas de comunicação. Esta fala reforça o que foi dito anteriormente: profissionais com dificuldade na comunicação simbólica. Como podemos ver, este não é um problema exclusivo de pacientes, do “anormal” ou do “exótico”, mas de todos nós. Esta consciência é muito importante para a implicação com o paciente, diminuindo o distanciamento e nos fazendo ver o outro como pessoa.

uce nº 335 $\chi^2 = 23$ uci nº 31 : *v_trab *suj_enf *caps_ad *K_2 (questão norteadora: verbo trabalhar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS ad)

(de) (maneira) (geral), ai e (trabalhar) (mesmo) (a) (comunicacao). (tentar) (melhorar) e assim por (diante). nao (partir) so (de) mim, (mas) (de) (forma) (geral) (da) equipe, (mas) (acontece) alguma (vez)(ou) (outra), (a) gente nao (ta) bem (todos) os dias, 24 h.

A fala se inicia com a expressão “*de maneira geral*”. Generalizar é algo impessoal para eximir a culpa, como vemos mais adiante: “*não partir só de mim*”. O que está em negrito na UCE acima representa a negação, a expressão “*mas acontece que alguma vez ou outra, a gente...*” (novamente o impessoal), “*não*” (negação), “*está bem todos os dias, 24 horas*” (negação e projeção). A recusa em admitir as falhas o leva a projetar a culpa na equipe. A expressão “*tentar melhorar*” também reforça o problema da dúvida (mencionado na discussão

da classe anterior). Quem duvida fica paralisado diante das dificuldades, pois se acha incapaz de mudar. Este é o caso desta entrevista: “*não depende só de mim*”. Podemos ler assim: “sou muito pequena para fazer tudo sozinha”. Esta crença da incapacidade de promover mudanças paralisa e emudece a equipe, e o CAPS continuará almejando, imaginando o dia em que “alguém” mude a realidade. Desta forma retomamos a expressão do psiquiatra Jean Oury (2009) “*ça ne va pās de soi*”, indicando o grupo de profissionais de saúde mental que acredita que as coisas não acontecem naturalmente ou facilmente, mas que demandam esforço. Este grupo se diferencia por não se acomodar com a realidade, mas por agir, acreditar que as mudanças são possíveis. Não se acomodam nem se intimidam com a realidade desfavorável. Não se moldam às instituições ou poderes governantes. É este grupo que modificará o CAPS.

Núcleos de sentido perceber; compreensão; interpretar.

uce n° 358 $\chi^2 = 23$ **uci n° 32** : *v_comun *suj_enf *caps_ad *K_2 (questão norteadora: verbo comunicar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS ad)

(propus) somente (o-que) (ela) (quis) dizer. (da) (mesma) (forma), (se) eu me (comunico) e eu (vejo) pela(expressao) que (ela) nao (compreendeu), (entao) pergunto (o-que) voce acha. (se) e isso (mesmo) (ou)nao, (entao) (tento) me (expressar) (de) (outra) (forma), (mas) (de) (maneira) (geral) (digo) que sim. (as)(pessoas) que fazem (parte) do meu convivio, estao mais (proximos) me (compreendem).

Concordamos com a necessidade da aproximação; é o que faz as pessoas se conhecerem de verdade. Para estar próximo é necessário ouvir. Isto demanda tempo e vontade dos envolvidos. É necessária disposição. Novamente uma citação de Martins (p.76, 2005): “[...] dizemos linguagem pela qualificação específica de humanidade que ela comporta, incluindo uma qualificação renovada da escuta e respeito ao outro”. Segue a classificação hierárquica ascendente, produzida pelo Alceste e que demonstra através de uma figura o comunicar neste grupo.

Classe 2: Classificação Hierárquica Ascendente

Na Figura 04 pode-se ver o exemplo do dendrograma da CHA da Classe 2. Há dois subgrupos de formas reduzidas que podem ser considerados centrais para esta Classe. O primeiro é constituído pelas formas: express (expressão; expressar); as; vez (vez; vezes); dificuldade; tenh (tenho). O segundo é constituído pelas formas: tent (tenta; tentando; tentar; tento); part (parte; partir); comunic (comunica; comunicacao; comunicam; comunicar; comunico); form(forma; formas) e trabal (trabalha; trabalhando; trabalhar; trabalho; trabalhoso). Também podem ser vistos os χ^2 de associação das formas reduzidas à Classe 2 e a

porcentagem de UCE classificadas nessa mesma Classe (13%), conforme já visto na Figura 01.

As formas reduzidas deixam clara a relação do verbo comunicar com o trabalho e a dificuldade dos sujeitos em relação a este verbo.

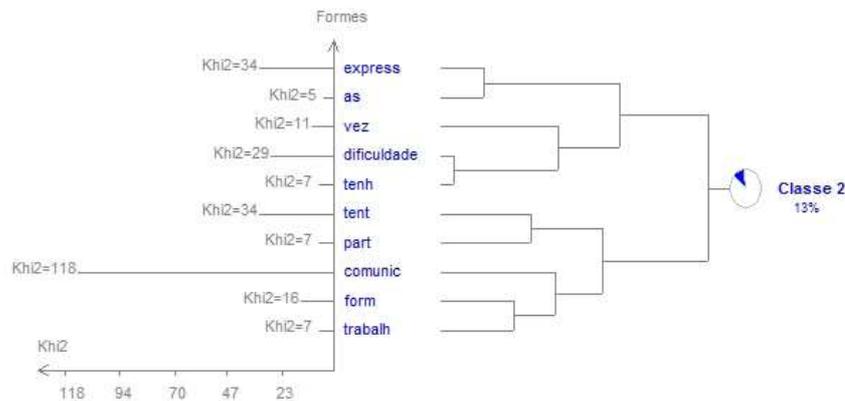


Figura 04: Classificação Hierárquica Ascendente da Classe 2: Comunicar

As formas reduzidas mais próximas do eixo são as que têm maior expressão na classe e são elas: dificuldade e tenho. Os profissionais reconhecem suas limitações na comunicação. Outra forma reduzida próxima ao eixo é expressão. O que predomina e caracteriza a classe é o verbo comunicar e a sua dificuldade.

RESULTADOS DA CLASSE 3: Amar

Pela Classificação Hierárquica Ascendente, o verbo amar foi o mais forte considerando o índice do χ^2 mais elevado 40 e frequência de 100%. O vocabulário presente com seus respectivos valores de χ^2 e respectiva porcentagem são: amar (presente na questão norteadora) $\chi^2 = 32$ e 84%; faz $\chi^2 = 20$ e 67%; família $\chi^2 = 19$ e 100%; gostar $\chi^2 = 18$ e 74%; feliz $\chi^2 = 14$ e 100%; gozar (presente na questão norteadora) $\chi^2 = 13$ e 66%; prazer $\chi^2 = 12$ e 72%. Vocabulário ausente ou contrário nesta classe é o verbo trabalhar (presente na questão norteadora) $\chi^2 = -23$ e 16%; comunicar (presente na questão norteadora) $\chi^2 = -14$ e 10%; comunicar (presente nas respostas) $\chi^2 = -10$ e 6%.

As primeiras UCEs desta classe, são apresentadas pela ordem decrescente do valor do χ^2 , sendo elas:

uce n° 216 KHi2 = 32 uci n° 18 : *v_gozar *suj_psi *caps_ad *K_3 (questão norteadora: verbo gozar; sujeito psicólogo, unidade de saúde CAPS ad)

poderia ter mais? (sim) poderia, mas (acho) (que) e isso, a (vida) e (lutar) (por-isso), nao por um sempre mais, mas um tanto pra ser (feliz), (eu) tenho o-que (me) (faz) (feliz), (eu) (posso) (considerar) assim, (eu) tenho (esse) (amar) com (intimidade) com o (gozar) e (esse) (respeitar) (ao) outro,

Núcleo de sentido: respeito.

O verbo amar nesta UCE de nº 216 é mencionado como algo que traz a felicidade e o prazer (gozo), mas é através da intimidade que o amar se desenvolve. Aristóteles já mencionava sobre a importância do amor, no caso amizade, e sua importância para o homem, que por mais rico que seja não pode ser feliz sozinho. Para ele, a verdadeira amizade se dá apenas através da intimidade, da troca e do conviver (ARISTÓTELES, 2010). Platão, em seu diálogo com Lísias, diz que amigos de verdade compartilham tudo o que têm, como bens materiais, de tal forma que um não pode ser melhor do que o outro (1995). Rocha (2006), em seu artigo sobre a amizade nas obras de Aristóteles e Platão, traz seu entendimento sobre o que mencionamos:

Em resumo, o que foi dito parece justificar que, para Aristóteles, a *Philia* é uma forma de amor particular e especial, cuja essência encontra-se naquela modalidade de “viver junto” e de “viver na intimidade”, na qual os amigos, tomando consciência de seus sentimentos mais profundos e do desejo de mútuo bem-querer, criam um tipo de relação amorosa, na qual ao mesmo tempo dão e recebem, ajudam e são ajudados, amam e são amados, e tudo isso em um espaço afetivo no qual sempre haverá lugar para a admiração e o respeito, bem como para o carinho e a ternura. Foi assim, em meu entender, que Aristóteles concebeu a *Philia*. (p.82)

Prossigamos a análise com os **núcleos de sentido**: Deus; família; amigos; estar com alguém. Neste caso, os entrevistados trazem suas concepções sobre o verbo amar.

uce nº 1 Khi2 = 23 uci nº 1 : *v_amar *subj_enf *cap s_II *K_3 (questão norteadora: verbo amar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS II)

ah, meu-deus, (coisa) pessoal, ne, (risos)? ha. (eu) (acho) (que) o (verbo) (amar) engloba na minha (vida) varias (coisas), assim: (familia), deus, trabalho, (coisas) sensitivas assim (eu) (amo) minha (familia), meu trabalho, (amo) deus, (acho) (que) e (nesse) (sentido) assim o (verbo) (amar), e (eu) (estar) (bem) comigo mesma, (fazer) o (bem) para os outros, e assim (neste) (sentido).

Nesta UCE, percebem-se várias formas diferentes de amor. O amor *agapē* por coisas maiores e sublimes: “*Deus*”; o amor *estorgē* relacionado à família, o *philia* relacionado à amizade e aos outros. Não é possível trazeremos um conceito sobre o amor, pois o verbo amar traz vários sentidos e significados.

Sabemos, porém, o que seja o amor? os sentidos da palavra são vários. Fala-se em amor a Deus, ao sexo oposto, aos pais, aos filhos, aos companheiros de destinos, à humanidade, ao homem, aos gregos, à pátria, a Kant, a Espinosa. Gostaríamos de saber e explicar o que seja o amor. Não conseguiremos (Jaspers, 1971, p.117).

A UCE mostra a dificuldade que temos em definir o amor e de como é amplo. Menciona, como Jaspers (1971), vários exemplos de amor, como por pessoas que amamos, mas também ao que nos faz sentir vivos e prosseguir a vida; “o que traz sentido”. É citado o

amor ao trabalho. Em nossa sociedade o trabalho é valorizado de maneira tal que aqueles que não produzem e não se ocupam são mal vistos ou rejeitados, como a escória da sociedade, que dá trabalho e gastos (velhos e portadores de transtornos mentais, por exemplo). Além da valorização do trabalho, como um bem, são apresentadas atitudes humanas, relacionadas ao amor, que são “maiores” ou mais virtuosas: “*fazer o bem aos outros*”. O amor é sublime, como diz Platão (1983), é delicado, não é violento e, portanto, virtuoso.

uce nº 311 Khi2 = 20 uci nº 30 : *v_gozar *suj_enf *caps_ad *K_3 (questão norteadora: verbo gozar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS ad)

(eu) (me) (considero) (feliz), porque (eu) acredito (que) (eu) tenho, e (dentro) da (base) de um ser (humano), (eu) tenho tudo (aquilo) (que). (felicidade). entao (eu) tenho (uma) (família) (bem) estruturada, (eu) tenho (amigos), (eu) tenho um trabalho, (eu) tenho o reconhecimento (do) meu trabalho, e e algo (que) (eu) (gosto) de (fazer), (eu) (facó) (coisas) (que) (eu) (gosto) de (fazer).

Na fala acima, o sujeito se considera feliz porque “dentro do que se espera para um ser humano, tudo possui”. O verbo considerar, segundo Maingueneau (1989), implica um julgamento pessoal sobre uma experiência. Também uma experiência da coisa em si (no caso, sobre o que deseja e espera o ser humano em sua existência), um julgamento prévio, segurança de sua opinião expressa e também um resultado ou produto de uma reflexão. Mais adiante, outro verbo, “*acredito*”, que não se encaixa em nenhum dos critérios levantados no verbo considerar. Neste caso, a impressão transmitida é de não poder afirmar com certeza ou algo que não pode ser generalizável, uma vez que outros podem ter opiniões divergentes.

O valor da amizade é destacado nesta UCE. Aristóteles (2010) fala que o homem que vive sozinho, sem amigos, é infeliz. Que prazer tem um homem se possuir riquezas, todos os bens ao seu dispor se não houver com quem dividir e compartilhar?

Se pensarmos como Platão, o sujeito informante acima tem realmente motivos para se considerar feliz. Para ele (Platão) não há motivos para o homem buscar algo que possui. Neste caso, a família, os amigos, o trabalho e fazer o que dá prazer. Não há, portanto, motivos para infelicidade ou procura por algo mais. Embora saibamos que a natureza humana é insaciável, e que esta calma e saciedade são momentâneas, pois a pulsão nunca deixa de pulsar, assim são os nossos desejos e a busca de “algo” que falta, sempre falta. Esta busca é o que dá sentido à vida e o que nos faz viver. Sem ela, o homem se acomoda.

uce nº 2 Khi2 = 19 uci nº 1 : *v_amar *suj_enf *cap s_II *K_3 (questão norteadora: verbo amar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPSII)

(olha) (neste) (momento) (eu) (estou) (bem) (feliz) (nesta) questao (do) (verbo) (amar), literalmente falando assim, (eu) (gosto) (muito) (do) (que) (eu) (facó), (eu) (amo) (fazer) o-que (eu) (facó), tanto no trabalho quanto na minha pessoal mesmo, (pelo) (fato) de (eu) (estar) com alguém mesmo,

A UCE é iniciada com a expressão “*neste momento eu estou...*”. O que percebemos é que as pessoas mudam - seus desejos e interesses - conforme a saciedade e as circunstâncias da vida, portanto, as respostas dos informantes podem variar, de acordo com o tempo. Neste momento, afirmam que estão satisfeitos com sua vida. Não podemos generalizar, neste estudo, afirmando que as respostas são “a verdade absoluta” em pessoas que trabalham em unidades de CAPS, mas apenas que, neste momento, cada um ama fazer o que faz. Interessante que o verbo amar está indicando uma ação, de fazer o que faz (no caso, o trabalho). Ao procurar as teorias sobre o amor, entre os gregos, estas se relacionavam a pessoas e não ao trabalho, embora é mencionado o amor ao conhecimento. Neste caso, vemos como as mudanças sociais podem influenciar sobre o amor (inclusive). Marx (1984) fala sobre a importância do trabalho e do significado que trouxe para as pessoas. O trabalho é um meio de ascensão social, em sociedades onde isso não era possível. O trabalho pode trazer liberdade ao homem, por isso a dedicação e a importância que damos a ele, muito embora essa tal “liberdade” através do trabalho seja questionada. Mas neste caso o trabalho traz a possibilidade do homem se desligar de seus pais e seguir seu caminho. O trabalho traz autonomia, mas ao mesmo tempo o sujeito diz que ama o trabalho. Será isso mesmo, ou uma questão de censura? Ou as neuroses do verbo páthico “o dever” que faz com que o sujeito diga que ama, mas que na realidade ama os frutos que esta atividade produz.

Outro ponto interessante levantado acima é estar bem no amor, tanto no trabalho, quanto na vida pessoal. São dois lugares distintos: o público (do trabalho) e o privado, partilhado com a família e cônjuge. Este amor deve estar nos dois ambientes para que o homem se sinta bem. Satisfeito no trabalho (onde passa grande parte do tempo) e na vida pessoal, no espaço privado, com amigos e parentes, com quem escolheu compartilhar a vida e os momentos de descanso e de gozo. “*Estar com alguém*” também é um fato importante para o apaziguamento. Se o sujeito acima está bem no trabalho, com a família, amigos e cônjuge, pode ser considerado um “felizardo” e não tem do que se queixar.

Consideramos a expressão “*literalmente falando*” um metadiscorso. Neste caso, o locutor tem interesse em confirmar o que está sendo dito “literalmente”. “O metadiscorso é apenas um conjunto de acréscimos contingentes destinados a retificar a trajetória da enunciação, colocá-la em conformidade com as intenções do locutor” (MAINGUENEAU, 1989, p.94). O metadiscorso se apresenta como um jogo no interior do discurso para dar ênfase ao discurso e reforçar o objetivo do mesmo. Continuemos a análise sobre o amar, nas UCEs abaixo:

uce nº 19 Khi2 = 15 uci nº 2 : *v_gozar *suj_enf *c aps_II *K_3 (questão norteadora: verbo gozar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS II)

E verdade. (eu) (acho) (que) o (gozar) esta de (uma) forma assim, mais palpavel. E e o (amar) e. como e (que) (eu) (vou) (explicar). e (uma) (coisa) maior, (que) a gente nao (pode) tocar no (sentido) abstrato.

uce nº 11 Khi2 = 14 uci nº 1 : *v_amar *suj_enf *ca ps_II *K_3 (questão norteadora: verbo amar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS II)

(tem) tudo a (ver) com o (amar), e um (verbo) (muito) abrangente, ne? (acho) (que) e isso. (eu) (acho) assim, (que) (tem) (uma) diferenca (sim), claro mas, (estao) (bem) interligados, assim (voce) (pode) (fazer) (uma) (coisa) (so) por (prazer) com-certeza, ne, mas (amando) tambem, fica mais (facil), (elas) (estao) (bem), (uma) complementa a outra mas (elas) sao (diferentes).

O amar aqui está relacionado ao prazer; interligados. Para Aristóteles, o prazer é da natureza humana, tendo grande relação em tornar a vida feliz. Para ele, o inverso do prazer é o sofrimento, o que o ser humano tenta afastar de si. Desta forma, busca o prazer, sendo uma virtude. O sublime se alcança na simplicidade. Seria só mudança de estado. O agressivo vira a ordem, a impulsão, a ação. O sexo pode ser até mesmo romântico. Aristóteles (2010) faz esta afirmação, embora saiba que existem controvérsias. É difícil encontrar algo que trate do prazer na filosofia (pelo menos nas obras estudadas), pois a filosofia trata de coisas “mais elevadas”, na qual o prazer humano e suas “futilidades” não são valorizadas, o que discordamos. Em nossa sociedade busca-se o prazer a todo o momento, e as rotinas diárias como o trabalho, por exemplo, são escolhidas (muitas vezes) por serem atividades prazerosas. O uso de Aristóteles, mais de 21 séculos depois, se justifica por ele estar vivo no modo que o homem comum pensa.

uce nº 17 Khi2 = 13 uci nº 2 : *v_gozar *suj_enf *c aps_II *K_3 (questão norteadora: verbo gozar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS II)

(viver) (cada) dia, de forma intensa, aproveitar (cada) (momento), tanto a (familia) como com deus, no trabalho, (eu) (acho) (que) e (nesse) (sentido), (do) (prazer) mesmo, (eu) (acho) (que) o tempo (que) a gente gasta pra (fazer) (qualquer) (coisa) na (vida),

A questão norteadora da UCE acima é o verbo gozar, mas a análise lexical separou pela categoria amar. A preocupação com o tempo e a sua utilidade está na expressão “*viver cada dia, de forma intensa, aproveitar cada momento...*”. Aproveitar o tempo de forma produtiva, com coisas “relevantes”, reforça o pensamento Aristotélico de que comprazer-se com coisas apropriadas fazem parte de um caráter virtuoso. Levanta ainda a necessidade de compartilhar a vida com outros, no caso, amigos, e este é o segredo da felicidade. Viver é conviver (ARISTÓTELES, 2010). A UCE dá ênfase aos exemplos e situações que se deve aproveitar através da palavra “*cada*”. Cada dia; cada momento com Deus, família, trabalho, prazer. Prossigamos a análise com os núcleos de sentido abaixo:

Núcleos de sentido: relacionamento; estar com alguém; relação interpessoal; acolhimento; envolvimento; aproximação; intensidade; intimidade; profundidade; recíproco; amizade; companheirismo; conjugal.

uce nº 213 Khi2 = 13 uci nº 18 : *v_gozar *suj_psi *caps_ad *K_3 (questão norteadora: verbo gozar; sujeito psicólogo, unidade de saúde CAPS ad)

bom demais, (risos), muito-bom, (acho) (que) e (uma), (uma) (coisa) (que) precisa de (intimidade), não da, na minha (vida) sem (intimidade) não da e daí (acho) (que) (vai) um (gozar) no (sentido) (sexual), mas um (gozar) a (vida), um (gozar) a (vida) profissional,

uce nº 214 Khi2 = 13 uci nº 18 : *v_gozar *suj_psi *caps_ad *K_3 (questão norteadora: verbo gozar; sujeito psicólogo, unidade de saúde CAPS ad)

(gozar) a (vida) na amizade (so) (tem) (que) ter (intimidade) com a minha (profissao), (intimidade) com os meus (amigos), (intimidade) com a minha (familia), (intimidade) com o meu (marido), no caso (que) (eu) (sou) casada, pra ter (esse) (prazer) (nessas) relacoes (todas),

Para uma verdadeira amizade é necessário intimidade. Não é possível compartilhar tanto sem intimidade, sem conhecer o outro a fundo. As duas UCEs complementam o pensamento da entrevistada de que a intimidade deve estar em várias situações e diferentes relacionamentos. Intimidade significa vida íntima, particular, profunda dentro do cotidiano privado. Para ser íntimo de alguém é necessário estar próximo, conhecer a fundo o que se consegue através da convivência. Neste caso, entendemos como na UCE nº 17 o sentido de viver com intensidade, profundidade, que deve estar presente na vida cotidiana, tanto no espaço público (ambiente de trabalho) quanto no ambiente privado (amigos, família, marido). Rocha (2006, p. 73) traz o pensamento de Aristóteles sobre o conviver:

Trata-se, como já foi dito, de um “viver junto” que não é simplesmente um “estar junto”, ou estar um ao lado do outro (“como o gado no pasto”, para lembrar o exemplo dado pelo próprio Aristóteles), mas de um “estar junto”, ou de um “viver junto”, de um “viver com” ou “con-viver”, em que os amigos, partilhando reciprocamente dos sentimentos de estima e admiração, trocam entre si o que lhes parece bom, útil e agradável.

Núcleos de sentido: ajuda; gestos; cuidar; preocupar.

uce nº 153 Khi2 = 12 uci nº 14 : *v_gozar *suj_te * caps_ad *K_3 (questão norteadora: verbo gozar; sujeito técnico em enfermagem, unidade de saúde CAPS ad)

isso e (do) ser (humano), (tem) poucos (que) sao ranzinzas (que) nao (gostam). (eu) (gosto) (disso), (ajudar) as outras pessoas, (que) (eu) (posso) (ajudar), assim isso (me) da um (prazer) (que) (voce) não (tem) como (explicar), nao (tem) como.

Esta UCE aponta o que afirmamos desde o início: que amar e gozar são do ser humano e a necessidade de ser útil, parece que, também. A questão da utilidade já é descrita na cultura grega e expressa na obra de Aristóteles (2010). Em nossa cultura, ser útil é uma virtude e dá prazer. Traz uma recompensa abstrata de valorização e de “ter feito a coisa certa”. Como

mencionado pelo nosso entrevistado, é um sentimento interno, pessoal e “não tem como explicar”.

uce nº 106 Khi2 = 10 uci nº 9 : *v_amar *suj_to *ca ps_II *K_3 (questão norteadora: verbo amar; sujeito terapeuta ocupacional, unidade de saúde CAPS II)

(eu) (amo), e mais-do-que (uma) adoracao, ne, (eu) adoro, (eu) (me) sinto (muito) (bem) (amando), ne fazendo o-que (eu) (facio), ou em relacao (ao) outro? (pode) ser um (amar) em relacao (ao) outro? (O) (amar) em-geral e (gostar) (muito), desejar (muito) (aquilo), (fazer).

O verbo adorar significa veneração, amor excessivo, idolatria. A entrevistada parece confusa quanto ao conceito e sobre a pergunta do verbo amar. Está relacionado ao trabalho ou a pessoas? Desta forma, entendemos que amar pode se relacionar ao trabalho; logo, amar é uma ação. Na dúvida, utiliza a expressão “*em geral*”. Daí coloca a sua percepção sobre amar, que significa “*gostar muito, desejar muito, fazer*”. Gostar em nosso dicionário significa: achar bom gosto ou sabor; sentir prazer; ter afeição, amizade a alguém, sentir simpatia por alguém, dentre outros. Desejar: ter desejo ou vontade, apetecer, ambicionar (FERREIRA, 1986). Assim, o verbo amar se relaciona ao prazer e ao desejo de algo, concreto ou abstrato, e a pessoas. Finaliza com o verbo “*fazer*”, uma ação. Amar é fazer algo que traz prazer. Trazer no sentido de possuir para saciar o desejo. O objeto de desejo pode variar para cada indivíduo (conceito nosso).

uce nº 12 Khi2 = 9 uci nº 1 : *v_amar *suj_enf *cap s_II *K_3 (questão norteadora: verbo amar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS II)

qual o (significado) de (cada) (coisa), e o (significado) (do) (verbo) (amar), ne? (eu) (acho) (que) um e mais intenso (que) o outro talvez o (verbo) (amar) (acho) (que) a gente (vive) ele de forma mais intensa.

Na UCE nº 106 ainda aparece a palavra “muito” várias vezes e reafirma a UCE nº 12 que utiliza a palavra “intensidade”. Parece que nossos entrevistados relacionam o verbo amar com algo intenso, forte, que traz significado. Significado de vida.

uce nº 303 Khi2 = 9 uci nº 29 : *v_amar *suj_enf *c aps_ad *K_3 (questão norteadora: verbo amar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS ad)

(familia), trabalho, e (amigos), minha religiao, meu clima, dar (aula), cachoeira. (eu) (acho) (que) o (verbo) (amar) ja e um (verbo) (muito) amplo, e (aquele) (sentimento) (que) (voce) (tem) de melhor dentro de (voce), pra (voce) mesmo, pras outras pessoas, naquilo (que) (voce) (faz), executa.

Tentamos trazer um conceito de amar na discussão da UCE nº 106, a partir da fala da entrevistada. Agora temos outra avalanche de associações com o amor, de maneira que os conceitos variam de pessoa para pessoa, sendo praticamente impossível um conceito (Jaspers já dizia). Em nosso referencial teórico separamos quatro diferenças do grego para o amor, não

capaz de conceituar o amor. Nossas representações conceituais são empobrecidas para a riqueza do amor, por isso a utilização do mito na tentativa de representação.

Essa ambigüidade terminológica, no entanto, é apenas um aspecto da dificuldade maior que os pensadores de todas as épocas, mesmo os maiores filósofos, sempre enfrentaram ao se debruçarem sobre o enigma do amor e da amizade. Poder-se-ia dizer que semelhante dificuldade era devida e se deve, ainda hoje, ao fato de que o amor transcende o registro de nossas representações conceituais, seja quando se trata de definir a sua natureza mais íntima, seja quando queremos descrever as principais formas de suas manifestações. Sabemos todos o que as palavras amor, amizade significam, mas sempre lamentamos a pobreza de nossos conceitos quando queremos definir-lhes a natureza (ROCHA, 2006, p. 67).

Prossigamos a análise com os núcleos de sentido abaixo:

Núcleos de sentido: amor; companheirismo; conjugal.

uce n° 361 Khi2 = 8 uci n° 33 : *v_amar *suj_to *ca ps_ad *K_3 (questão norteadora: verbo amar; sujeito terapeuta ocupacional, unidade de saúde CAPS ad)

nao, nao (muito) (pelo) (fato) de (eu) ate (posso) (amar) a mim mesmo, (num) modo geral, no termo de amizade, de (familia) (sim), mas no companheirismo, na parte conjugal e emocional nao, porque (eu) (sou) solteira, to solteira no (momento), entao nao ta completa.

O sentimento de que falta algo, de incompletude, é expresso nesta fala. O que a incompleta é a falta de um companheiro conjugal, o *erōs*.

uce n° 316 Khi2 = 7 uci n° 30 : *v_gozar *suj_enf * caps_ad *K_3 (questão norteadora: verbo gozar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS ad)

(eu) (me) (considero) (sim), (uma) pessoa (feliz).

Novamente o verbo considerar, verbo de opinião, fundamentado em uma experiência pessoal, da coisa em si, um julgamento ou domínio, opinião segura e fruto de uma reflexão. No caso, ao refletir e falar sobre o gozo, amor e felicidade, a entrevistada chega à conclusão de que é feliz, em seu ponto de vista.

Classe 3: classificação hierárquica ascendente

Na Figura 06 pode-se ver o exemplo do dendrograma da CHA da Classe 3. Há dois subgrupos de formas reduzidas que podem ser considerados centrais para a Classe 3. O primeiro é constituído pelas formas família, momento, verbo, ach (acho), vida, ness (nessa; nessas; nesse); sentido, amando, fácil, faz (faz; fazer), cois (coisa; coisas; coisinhas), prazer, amar, ir, faço, amo. O segundo é constituído pelas formas amar, ir, faço, amo, gost (gostam; gostar; goste; gostei; gosto; gostosa), respeit (respeitada; respeitar; respeito), feliz, consider (considerar; considero), explic (explicacao; explicar), goz (gozando; gozar). Também podem

ser vistos os χ^2 de associação das formas reduzidas à Classe 3 e a porcentagem de UCEs classificadas nessa mesma Classe (40%), conforme já visto na Figura 01.

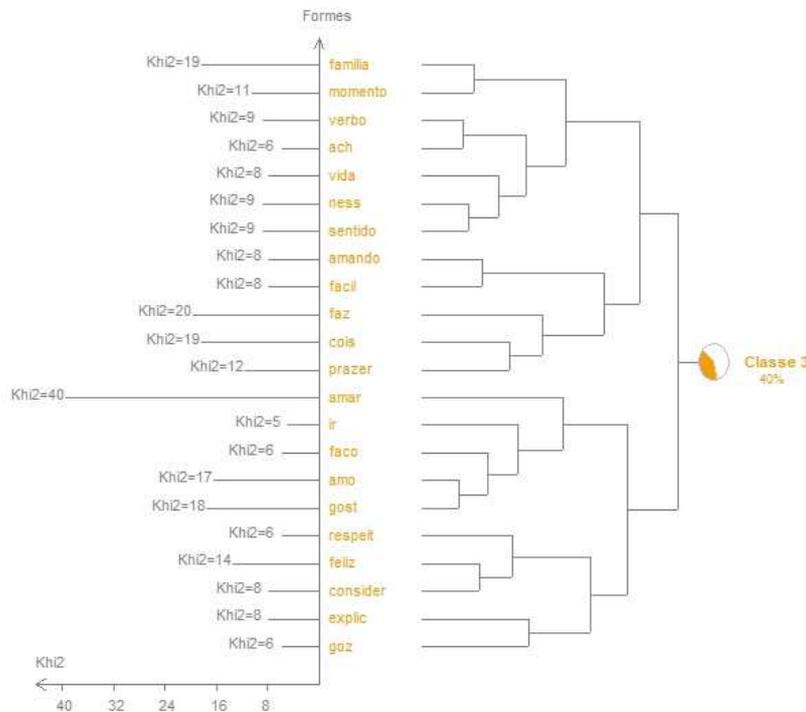


Figura 05: Classificação Hierárquica Ascendente da Classe 3: Amar

Tal dendrograma sintetiza as idéias relacionadas ao verbo amar, que representa a classe. As formas reduzidas mostram subgrupos que envolvem o verbo amar. São dois subgrupos maiores mencionados acima. O primeiro se relaciona com o conceito, significado e sentido do verbo amar, para os entrevistados. O segundo, as atitudes que envolvem o amor. A figura mostra a frequência das formas reduzidas, o valor do χ^2 e também as formas reduzidas que aparecem juntas no corpus. Dentre estas, as que estão mais próximas do eixo, que, conseqüentemente, foram encontradas mais vezes juntas, possuem maior relevância. As formas reduzidas mais próximas do eixo e mais significativas são amo (amo) e gost (gostam; gostar; goste; gostei; gosto; gostosa), seguidas de ness (nessa; nessas; nesse) e sentido e verbo (verbo; verbos) e ach (acho).

CATEGORIA 3: TRABALHO E PRAZER

Esta categoria se relaciona com a primeira, como uma continuidade. O trabalho tem seus percalços, porém, é fonte de prazer e satisfação. O trabalho é uma atividade humana,

necessária além da sobrevivência; a ocupação, a superação, a conquista. Os núcleos de sentido, desta categoria, mostram este outro lado do trabalho.

Núcleos de sentido: Sonho; financeira; gratificante; descanso; prazer; lazer; realização pessoal; valorização; respeito; gratidão; envolvimento; autonomia; satisfação; conquistar; conseguir; concluir; objetivos; superar metas; dinheiro; produtivo; importante; significado; desafios; construção; férias; ser útil.

RESULTADOS DA CLASSE 4: Trabalho e prazer

Esta classe mostra a importância do confronto entre os métodos. Ao observar as formas reduzidas pelo valor do λ^2 , não é possível compreender a classe. A princípio parece confusa, pois a Classificação Ascendente Hierárquica aponta as formas reduzidas mais fortes: mãe ($\lambda^2 = 33/100\%$); dia ($\lambda^2 = 28/73\%$;) e pai ($\lambda^2 = 20/100\%$). Um primeiro olhar, sem a leitura das UCEs ou entrevistas, pode nos levar a pensar que se trata de família, o que é um erro. As UCEs esclarecem sobre a situação da fala e como estas formas reduzidas são utilizadas. Neste caso, o significado varia conforme o uso e não apenas através do significado na língua. O restante das formas reduzidas apresentadas são: hora ($\lambda^2 = 19 / 86\%$); livre ($\lambda^2 = 16 / 100\%$); descanso ($\lambda^2 = 16 / 100\%$). Vocabulário ausente: achar ($\lambda^2 = -8 / 5\%$); amar ($\lambda^2 = -7 / 0\%$); comunicar ($\lambda^2 = -5 / 0\%$).

As UCEs abaixo se referem ao trabalho, mas diferentemente da classe 1, aponta os resultados, fruto e usufruto do mesmo. Este dinamismo de idéias referentes ao trabalho já foi descrito e mencionado por Dejours (1994), quando utiliza as expressões dinâmicas em situações de trabalho, ora conduzidas ao prazer, ora ao sofrimento. Nesta classe, os entrevistados refletem e expressam os benefícios do trabalho e por que, não, o prazer.

Unidades de Contexto elementar referentes à classe 4:

uce n° 281 Khi2 = 58 uci n° 26 : *v_gozar *suj_fono *caps_inf *K_4 (questão norteadora: verbo gozar; sujeito fonoaudiólogo, unidade de saúde CAPS i)

(ai) eu (lembrei) de um (medico) (meu) que dizia o seguinte (chegando) no (consultorio) (ele) me chamava de (filha), (filha) voce ta fazendo (errado), trabalhando muito. (deus) e muito perfeito, (fez) o (dia) de 24 (horas), 8 (horas) (pra) voce trabalhar, (oito) (horas) (pra) voce (dormir) e as outras 8 (horas) (pra) voce (descansar).

Núcleos de sentido: descanso; prazer e lazer.

Esta UCE esclarece o sentido em que a forma reduzida “filha” é usada. Não no sentido literal, mas o médico fala com a entrevistada dando um conselho “de pai para filha”. Aqui trata-se da divisão do tempo entre trabalho e descanso. Uma questão levantada por Dejours (1994) na relação homem-trabalho, é que não é possível comparar o organismo humano a um motor. O organismo humano é permanente objeto de excitações exógenas e endógenas, por isso há diferentes fases no trabalho: momentos de intensa produtividade, criatividade, motivação; em outros, momentos de apatia, cansaço e baixa produtividade. O período de descanso é fundamental para o organismo, não apenas para prevenir o adoecimento, mas também para trazer disposição e criatividade. Não é possível aplicar princípios de servomecanismos em seres humanos orgânicos, daí a razão de tantas doenças psicossomáticas.

Outro aspecto interessante nesta UCE é a divisão do tempo (oito horas para cada coisa). “O senso comum deseja que o trabalho ocupe materialmente um período importante da vida – oito horas diária” (DEJOURS, 2008b, p.103). Conforme o autor, esta é uma avaliação que não corresponde com a realidade, uma vez que tempo de trabalho e suas relações como qualidade e quantidade não podem ser medidas quantitativamente, pois o aparelho psíquico não é divisível.

uce n° 348 Khi2 = 35 uci n° 31 : *v_trab *suj_enf * caps_ad *K_2 (questão norteadora: verbo trabalhar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS ad)

tranquilidade (pra) eu (conciliar) (todo) o resto, O (dia) a (dia) e (corrido) sim, mas e algo que eu to (vendo) de forma positiva, e algo que quando (chego) (em) (casa), (deito) na cama.

uce n° 347 Khi2 = 12 uci n° 31 : *v_trab *suj_enf * caps_ad *K_2 (questão norteadora: verbo trabalhar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS ad)

como e que eu vou trabalhar (com) saude (mental) se eu (nao) (proporciono) (mental), ne, entao (dia) a (dia), mas e como eu falei eu (procuro) (conciliar) (com) outras (atividades) que me (dao) prazer, que me (dao) (descanso), que me (dao) prazer,

Estas UCEs mostram o descanso após o trabalho. Apesar do dia-a-dia ser corrido, não é visto de forma negativa, pois que ao final do trabalho vem o usufruto do mesmo, o descanso, no caso, a fala “deito na cama”. Aqui a entrevistada fala que o trabalho foi concluído e que o descanso é merecido. A conciliação do tempo novamente aparece em outra entrevista. Dividir o tempo para que se possa fazer outras atividades desejadas.

uce n° 353 Khi2 = 20 uci n° 31 : *v_trab *suj_enf * caps_ad *K_2 (questão norteadora: verbo trabalhar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS ad)

a partir das 6h. (ai) eu (procuro) outras (atividades) que me (dao) prazer, ne tenho uma (atividade) (fisica), ou uma (caminhada). (minha) (mae), ou vou (pra) (academia), ou vou (pra) outras coisas, realmente de lazer, (saio), vou (pra) (casa) de (alguem), converso (com) (alguem), ouco uma musica, que e algo que eu gosto tambem, leio um (livro), vou estudar, e assim (por) diante,

Após o trabalho, vem o lazer: o descanso, o cuidado com a saúde do corpo, como a prática de exercícios físicos e outras atividades que dão prazer, como a leitura, a música.

uce n° 283 Khi2 = 11 uci n° 26 : *v_gozar *suj_fono *caps_inf *K_4 (questão norteadora: verbo gozar; sujeito fonoaudiólogo, unidade de saúde CAPS i)

eu era assim, mas (agora) eu estou melhorando, entendeu? um (dia) na (semana) uma manha (livre) e fico (em) (casa), (ai) (minha) (mae) fala: o-que voce (fez) hoje (cedo)?

“A gente teve o dia inteiro trabalhando. A gente tem o direito de ter uma noite de prazer, de desfrutar”.(S7)

“Então a gente não pode ter culpa de ter prazer, de gozar. Tem gente que se culpa de ter um dia de descanso. Você já percebeu isso?”. (S7)

Novamente o destaque da importância do lazer após o trabalho como forma de garantir a saúde, em especial, a saúde mental. O prazer é a recompensa do trabalho. A UCE n° 283 mostra o dia de descanso, no qual a entrevistada afirma não fazer nada e na entrevista acrescenta que não se sente culpada por isso.

Esta UCE nos faz pensar sobre o tempo “*eu era assim, mas agora estou melhorando*”. O “*mas*” indica o “não ser” mais assim. A relação de comparação do tempo passado, que já não é, e o presente já transformado. Aquela pessoa do passado foi destruída, não existe mais. O homem não se destrói diretamente, mas se modifica, de modo que aquele do passado já não é mais; foi transformado, modificado. Um juízo, uma intuição de que o ser do passado não existe “porque a negação é a recusa da existência” (SARTRE, 1987, p.52). Segundo o mesmo autor, o passado existe como impressão atual, presente no corpo. A impressão presente é de que no passado o tempo não era aproveitado pelo descanso, mas que agora esta realidade foi modificada. E na visão da entrevistada, para melhor. Um dia livre de descanso, sem culpa ou remorso, pelo simples prazer de descansar.

Para Aristóteles (2010), se o homem tem prazer com o que é apropriado, é um homem virtuoso e o prazer se torna um bem. Nestas circunstâncias, sentir prazer não pode ser causa de culpa, pois é aceita pela sociedade. Como saber se o prazer é apropriado? Cremos que a cultura influencia nestas decisões. Em sociedades que supervalorizam o trabalho e desprezam o ócio, o descanso pode trazer culpa. Culpa em não fazer nada. Como se deve ter produtividade em tudo o que se faz, ser produtivo até mesmo em momentos de descanso. “Descansar sem fazer nada?”.

uce n° 250 Khi2 = 30 uci n° 22 : *v_gozar *suj_te * caps_inf *K_4 (questão norteadora: verbo gozar; sujeito técnico em enfermagem, unidade de saúde CAPS i)

(ja) ta envolvido (com) policia e eu (pra) mim, toda (hora) que (chega) (alguem) (la) (em) (casa) (ja) ta (procurando) (por) (ele), (porque) a gente (sabe) que e um (caminho) que (nao) tem (volta), a gente fica apreensivo,

Do retorno do trabalho para casa, o comum é o descanso, o prazer de usufruir dos frutos do trabalho. Na entrevista acima, isso não acontece. O ambiente familiar está cheio de problemas, tanto que prefere permanecer no local de trabalho. A frase abaixo expressa melhor este sentimento:

“E eu fico aqui o dia todo, sem almoçar, e não tô nem aí. Eu gosto de ficar aqui. É que eu acho que aqui é melhor do que lá em casa“. (S6)

O que podemos observar é a fuga do sofrimento e da angústia que a entrevistada sente ao se deparar com o ambiente doméstico. Prefere permanecer no local de trabalho, pois “é melhor do que lá em casa”. Para Aristóteles (2010) a busca do prazer é da natureza humana. Usa, como exemplo, o leme do prazer e sofrimento como guia no ir e vir da vida cotidiana. Nesta concepção, sofrimento e prazer são opostos, e se o homem busca alívio do sofrimento, conseqüentemente vai ao encontro do prazer. Portanto, o prazer faz parte do homem, por isso busca-o constantemente. Na frase acima, o sujeito S6 passa por grande angústia e falta de prazer em sua casa e o trabalho é o refúgio, o significado a que se apega para continuar a vida. A UCE nº 26 é uma continuação da entrevista S6 (o mesmo sujeito) e representa o seu dia de “descanso” em casa.

uce nº 252 Khi2 = 26 uci nº 22 : *v_gozar *suj_te * caps_inf *K_4 (questão norteadora: verbo gozar; sujeito técnico em enfermagem, unidade de saúde CAPS i)

nada. nada na (minha) vida, nada, tudo o-que eu faco (parece) que (nao) ta (bom). (nao) consigo. Eu (deito) na cama, eu (chego) (em) (casa) eu fico o (dia) (inteirinho) trancada (dentro-de) (casa), (nao) consigo (sair), conversar (com) (alguem).

É uma ironia. O dia de descanso que deveria ser de prazer, é o pior dia. O relacionamento interpessoal é péssimo. Nega qualquer tipo de lazer ou relacionamento: “conversar com alguém”. Então, o trabalho é o meio que proporciona a convivência social e valorização pessoal que não tem no ambiente familiar.

uce nº 59 Khi2 = 20 uci nº 5 : *v_amar *suj_psi *ca ps_II *K_1 (questão norteadora: verbo amar; sujeito psicólogo, unidade de saúde CAPS II)

tem que ter (paciencia) um (pouquinho). na (minha) vida? a eu sou bastante (amorosa), (carinhosa), uma (mae) coruja (com) os (filhos), uma (esposa) dedicada e eu assim sou muito presente na vida de (meus) pais que (ja) sao de idade, entao eu (procuo) (dar) atencao a eles sempre, e entao eu (procuo) na varios que (convivem) comigo,

Em contraste com a UCE anterior, esta tem prazer em voltar pra casa após o trabalho. Tem uma família receptiva e amável o que lhe dá prazer. Prossigamos:

Núcleos de sentido: gratificante; realização pessoal; valorização; respeito; gratidão; envolvimento importante; significado; ser útil.

O trabalho possui vários significados no mundo social, além da remuneração. Tem função psíquica na constituição do sujeito e de sua rede de significados. Reconhecimento e gratificação são exemplos da constituição da identidade e subjetividade (DEJOURS, 2008b).

As UCEs abaixo falam da importância do trabalho e dos frutos que proporciona (resultados), porém, nem sempre o trabalho é valorizado socialmente. As falas apontam esta importância.

uce nº 166 Khi2 = 57 uci nº 15 : *v_trab *suj_te *c aps_ad *K_4 (questão norteadora: verbo trabalhar; sujeito técnico em enfermagem, unidade de saúde CAPS ad)

se eu (nao) (fizer). este reconhecimento. de (virar) (ele) de posicao na (hora) certa, (trocar) (ele) e (nao). (nao) (deixar) (ele) (com) (fezes), (nao) (deixar) (ele) (com) mal cheiro, (todo) aquele cuidado (ali) que as vezes (nao) e (reconhecido) (porque) (ninguem) (ve), ha o (medico) (foi) otimo (pra) o (meu) (tratamento) mas (ninguem) (ve) (quem) (deu) a (medicacao) (quem) cuidou, (quem) (trocou) o lencol,

uce nº 165 Khi2 = 9 uci nº 15 : *v_trab *suj_te *ca ps_ad *K_4 (questão norteadora: verbo trabalhar; sujeito técnico em enfermagem, unidade de saúde CAPS ad)

e invisivel (aos) olhos do outro, (por) exemplo eu estou (com) uma paciente (deitado) num leito e ta correndo um (soro) (ali), se eu (nao) ligar o (soro) (direito), se eu (nao) (fizer) o (servico) (direito) (ele) (nao) vai receber a (medicacao) correta, mesmo-que o (medico) (passe).

uce nº 167 Khi2 = 9 uci nº 15 : *v_trab *suj_te *ca ps_ad *K_4 (questão norteadora: verbo trabalhar; sujeito técnico em enfermagem, unidade de saúde CAPS ad)

(quem) (deu) comida na (hora) certa (quem) (colocou) o (soro), (quem) (colocou) a (medicacao) no (soro). tudo isso sao pequenas coisas que sao praticamente invisiveis, ne e ate (servicos) grandes que as pessoas (nao) (dao) valor (porque) sao funcoes sua, sua (obrigacao) entao (porque) eu vou.

O entrevistado reconhece o valor do seu trabalho, apesar de ser “invisível” aos olhos dos outros. A falta de reconhecimento leva à desmotivação que, segundo Dejours (1994), reflete-se no comportamento. Várias são as maneiras de motivar um trabalhador, como promoções, aumento salarial e reconhecimento. Porém, a motivação não se aplica ao desejo. Este é individual e a sua repressão leva ao adoecimento.

O trabalho e a construção da identidade é fato já discutido, o que podemos perceber aqui, apesar da ênfase da importância do cuidado (trabalho mencionado); é o olhar do outro. No processo de construção da identidade pelo trabalho permanece uma lacuna: “o olhar”, que faz a constituição do sujeito. É na relação social e trocas afetivas que a singularidade se

constitui. Se o olhar é de desprezo, ou de indiferença, levará ao sofrimento (DEJOURS, 2008a).

“Todo mundo tem que ter um ofício, trabalhar exercer uma profissão. É você colocar seus dons a serviço. Você se satisfaz e satisfaz o outro com o seu trabalho”. (S7)

O trecho acima mostra a importância do trabalho e da ocupação na constituição do sujeito mencionado. A utilidade, levantada por Aristóteles (2010), é importante na constituição do homem político e social. Para ser aceito, amado e valorizado, deve ser útil. Estes valores sociais aparecem arraigados na fala do sujeito (S7): “*todo mundo tem que ter um ofício...*”. Outro olhar diria: “todo mundo tem que ser útil”, pelo menos em alguma coisa. A utilidade traz satisfação para quem é útil e para o outro que usufrui desta “utilidade”. Esta frase nos faz pensar sobre os valores sociais expressos no dito popular: “vale o que produz”. O produto, os resultados, é o que vale no mercado. Não adianta as boas intenções dos funcionários. O que vale no final são os lucros, os resultados.

O reconhecimento é uma constatação da contribuição do trabalho que, segundo Dejours (2008b), é de natureza simbólica. Para ele, o reconhecimento do ato realizado vem em primeiro lugar e a gratificação e construção da identidade, depois. O reconhecimento e a premiação simbólica do respeito são capazes de transformar sofrimento em prazer.

Núcleos de sentido: satisfação e produtivo.

Os núcleos de sentido acima complementam a argumentação anterior. Decidimos, portanto, dar ênfase a algumas falas, pois a leitura apenas das UCEs deixa a desejar.

Eu gosto muito de estar aqui. Sim, eu me sinto bastante valorizada, sim. Tanto pela equipe, apesar de todo mundo correr muito, quanto pelos usuários. Eu acho que é o mais gratificante. São coisas simples assim: “de muito obrigado mesmo”. Assim: “você faz muita falta quando você não vem.” É muito gratificante. E é isso que estimula você a continuar, e, é claro, que tem dia,..(S1)

A sublimação é um mecanismo de defesa que pode ser percebida como desejo. Pode até ser um motivador, mas sozinho não se sustenta, pois o trabalhador espera sua paga. Esta entrevistada não trabalha mais nesta unidade de saúde. Informou-me posteriormente à entrevista que pediu demissão por questão financeira e que foi chamada em um concurso com um salário melhor.

As colegas me valorizam, me respeitam. Os pacientes, à medida que eles vão melhorando, eles vão demonstrando gratidão. Vê que você se envolveu no processo de

tratamento deles, e que levou eles a melhorar, a saírem do quadro crítico. Têm uns que já tiveram até alta.(S2)

Se você não trabalha, eu acho que você é como uma planta que fica murchando. (S2)

Hesíodo, em sua obra *Os Trabalhos e os Dias*, faz um elogio ao trabalho. Uma forma de resgatar valores na cultura grega. Para ele, o trabalho é a base da justiça.

Por trabalho trabalhos os homens são ricos em rebanhos e recursos, e, trabalhando muito mais caros serão aos imortais. O trabalho, desonra nenhuma, o ócio desonra é. (HESÍODO, 2006, p.43)

“É um prazer; é um gozar. É uma das minhas maiores fontes de prazer. Talvez até atrapalhe um pouco. Aí eu tenho que estar observando.., mas é pra mim um prazer, eu faço o que eu amo e me dá muito prazer, e nisso eu tenho intimidade”. (S5)

A frase do sujeito S2 reforça argumentos já levantados sobre o significado de vida que o trabalho traz: a construção da identidade e realização pessoal; a recompensa abstrata. O sujeito S5 não consegue se ver sem o trabalho, a tal ponto que o coloca acima de outras atividades cotidianas, também importantes para o homem. Não se pode viver apenas de trabalho. O homem é mais do que isso. O trabalho pode ser fonte de prazer, entretanto, ser uma das maiores fontes é uma particularidade do sujeito S5.

O trabalho é árduo, toma o tempo e nem sempre é reconhecido ou recompensado de maneira justa, por isso Dejours (1992) fala sobre a sublimação, como forma de suportar o trabalho. Daí a expressão de que “é um gozar, uma das minhas maiores fontes de prazer”, há controvérsias.

Núcleo de sentido: financeira; dinheiro; sonho; autonomia; conquista; objetivos; desafios; construção.

O trabalho é uma atividade para um determinado fim. Geralmente as pessoas trabalham para suprir suas necessidades fisiológicas, ou seja, as necessidades de ordem prática. A defasagem salarial é um reflexo da desvalorização do trabalho. Desmotiva o trabalhador, pois o salário é o valor do trabalho. Se o reconhecimento é simbólico, o produto do mesmo deve ser real na vida diária e coletiva. Não se trabalha apenas por reconhecimento e construção de identidade, mas por necessidade; para conquistar autonomia. O prazer e o descanso são vistos como usufruto do trabalho, e o dinheiro proporciona o prazer nas férias (por exemplo). O dinheiro não é responsável (sozinho) pelo prazer ou felicidade, mas dívidas e falta material são responsáveis por grande parte de adoecimento e sofrimento.

O trabalho não é necessariamente uma tarefa da *res extensa* ou visível, nem tampouco um “ocupar-se de algo”. O trabalho é uma atividade para alcançar um determinado fim ou objetivo. Pode haver a utilização de pessoas como instrumentos (a escravidão).

Hesíodo, na frase abaixo, exorta seu irmão (Perses) ao trabalho como forma de conquistar seus desejos de maneira digna. Seu irmão, antes protegido pelas autoridades, tenta readquirir de maneira escusa todos os bens, os quais havia perdido. Hesíodo escreve em sua obra um elogio ao trabalho como forma de resgate da dignidade e dos valores sociais.

Mas tu, lembrando sempre do nosso conselho, trabalha, ó Perses, divina progênie, para que a fome te deteste e te queira a bem coroada e venerada Deméter, enchendo-te de alimentos o celeiro; pois a fome é sempre do ocioso companheira; deuses e homens se irritam com quem ocioso vive (HESÍODO, 2006, p. 43).

uce n° 41 Khi2 = 14 uci n° 3 : *v_trab *suj_enf *ca ps_II *K_1 (questão norteadora: verbo trabalhar; sujeito enfermeiro, unidade de saúde CAPS II)

(pela) questao (salarial), (priscila), eu (nao) vou (mentir) (nao). (porque) (nosso) (salario) esta totalmente defasado. por-mais-que (seja) meio periodo, eu (nao) acho justo. E muito pouco. (aqui) (em) Anápolis eles (nao) (dao) a importancia (pras) leis trabalhistas como (em) goiania, (com) insalubridade. (por) exemplo, eu (nao) pude (tirar) (meus) quinze (dias) de (descanso), (porque) (nao) tem funcionario (pra) me substituir.

“Era um sonho desde criança de trabalhar. Principalmente na questão financeira. Quando a gente começa, a gente termina o curso superior. Que a gente vai pro campo mesmo de trabalho, muda muito”. (S1)

“... essa semana eu fiquei pensando e cheguei à conclusão de que financeiramente você não tem perspectiva”. (S7)

O salário traz duas significações principais: *concreta*, como pagamento de dívidas, férias, sustento da família ou outros desejo; e a *abstrata*, pela realização dos sonhos, fantasias e projetos de realizações possíveis (DEJOURS, 1992). O salário é a recompensa pelo trabalho e se é mal remunerado é também mal valorizado. Este é o sentimento dos trabalhadores entrevistados. Um sonho (frustrado) ao receber os frutos da qualificação profissional. Ao se deparar com a realidade do serviço, a má remuneração, o sujeito S7 expressa que não deixa “perspectivas futuras”. Sem dinheiro não é possível concretizar sonhos.

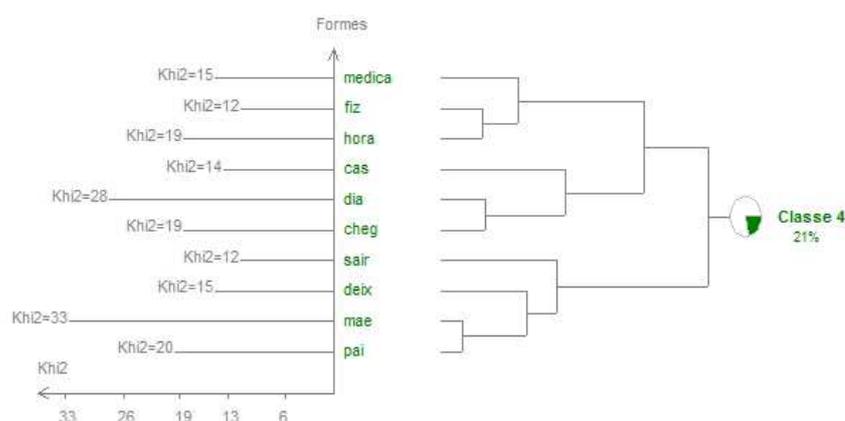


Figura 06: Classificação Hierárquica Ascendente da Classe 4: Trabalho e prazer

O dendrograma da figura 06 mostra as formas reduzidas mais frequentes na classe e a relação entre elas. A relação entre as formas reduzidas, com maior valor, é mãe $\lambda^2=33$ e pai $\lambda^2=20$, seguido dia $\lambda^2=28$ e cheg $\lambda^2=19$. Nesta pode-se ver o exemplo do dendrograma da classificação hierárquica ascendente da Classe trabalhar x prazer. Há dois subgrupos de formas reduzidas que podem ser considerados centrais para a Classe 4, sendo que o primeiro se divide em outros dois subgrupos maiores e 07 menores, constituído pelas formas: medica; fiz; hora; cãs (casa); dia; cheg (chega; chegando; chegar; chego). O segundo, em uma subdivisão menor com três subgrupos, constituídos pelas formas: sair; deix (deixa; deixar; deixou); mãe e pai. Também podem ser vistos os χ^2 de associação das formas reduzidas à Classe 4 e a porcentagem de UCE classificadas nessa mesma Classe (21%).

Tal dendrograma não sintetiza, sozinho, as idéias relacionadas à classe. As formas reduzidas deixam dúvidas sobre o tema central, que as UCEs e recortes de frases levantadas pela análise temática apontam para o trabalho e prazer. Neste caso, somente as formas reduzidas hora, dia, fiz, não demonstram os resultados do trabalho, mencionados como fonte de prazer. Portanto, este dendrograma pouco contribui para a compreensão. A figura 06 mostra a freqüência das formas reduzidas, o valor do χ^2 . As formas reduzidas fiz e hora aparecem juntas no corpus, dando a impressão da conclusão da tarefa (fiz) e o tempo a ela destinado (hora). As formas reduzidas mãe e pai estão mais próximas do eixo, significando que foram encontradas mais vezes juntas, por isso têm maior relevância numérica, mas, ao ler as UCEs referentes, percebe-se que a importância familiar no descanso e volta pra casa não representam a classe.

3.4 Análises de Correspondência: relação entre as Classes

Após a discussão de cada categoria e classe, separadamente, segue uma avaliação geral sobre as mesmas e de como elas se relacionam entre si. A análise fatorial de correspondência auxilia na visualização do todo, em como as formas reduzidas se distribuem entre as classes.

A distribuição das classes no eixo representa a relação entre elas. As mais próximas dos eixos (horizontal e vertical) têm maior relação, e a classe 4 se distancia tanto dos eixos quanto das demais classes, conforme a representação na figura 07. A figura 08 representa também a distribuição das classes pelos eixos e a relação entre as classes. Difere da figura 07, por mostrar através de pontos como se distribui a relação, definida pelas formas reduzidas.

Análise fatorial de Correspondência (Classes, formas reduzidas e eixos).

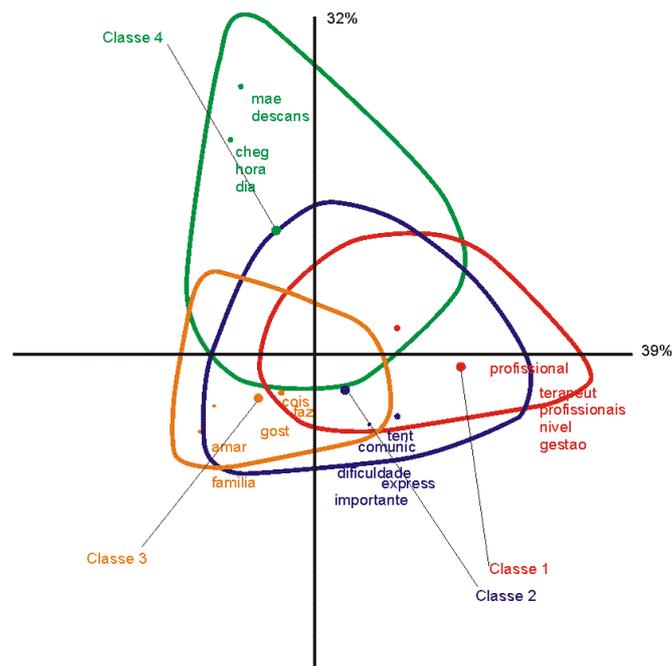


Figura 07: Análise Fatorial de Correspondência (Classes, formas reduzidas e eixos).

A figura 07 representa a análise fatorial de correspondência. Neste caso o Alceste faz uma disposição dos elementos no plano dos eixos. É importante ressaltar que quanto mais distantes do eixo, menos proximidade existe entre as Classes e seus elementos, oferecendo nos eixos a disposição das formas reduzidas e Classes no plano, e a informação sobre qual dos eixos compõe mais fortemente a disposição dos elementos. A figura 08 também mostra a Análise fatorial de correspondência e correlações e, de maneira mais visível, a correlação entre as Classes. Notamos nestas duas figuras que a Classe 4 se opõem à Classe 1, como se fossem opostas entre si. As Classes 1 e 2 estão mais próximas do eixo, indicando maior

correlação. A Classe 2 (comunicar) também se relaciona com a Classe 3 (amar). A Classe 3 se apresenta mais independente, relacionada ao verbo amar e em menor intensidade na Classe 4 (trabalho e prazer), que se distancia das demais. O que dá a entender é que nossos entrevistados consideram que a comunicação está presente em todas as ações (verbos) do estudo.

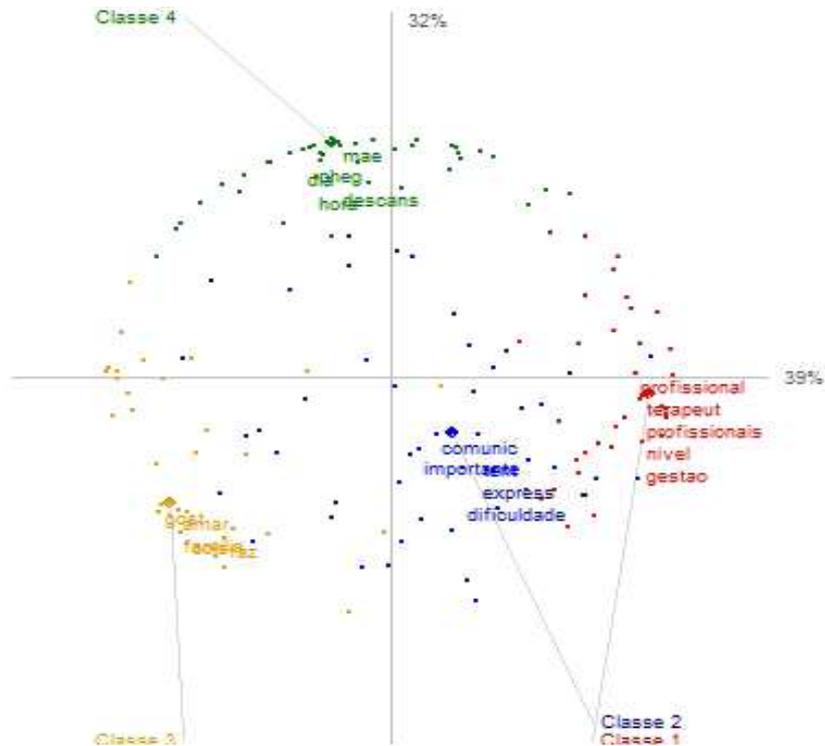


Figura 08: Análise fatorial de correspondência e contribuições

O Quadro 05 é o produto da análise temática e de como foi feita a leitura das entrevistas. Na pré-análise fizemos as primeiras leituras, a organização do material e a montagem do quadro analítico. As leituras foram, como um todo, tanto de cada entrevista (leitura vertical do quadro), quanto em comparação entre elas, seguindo os temas propostos (questões norteadoras compostas pelos verbos). Desta forma, a leitura horizontal nos possibilitou comparar as respostas dos sujeitos frente a um mesmo tema. Em cada leitura foram levantados os núcleos de sentido que nada mais são do que as expressões emergidas das falas que se repetiam. Ao agrupamento dos núcleos de sentido formamos as categorias que, segundo Bardin (2004), são as “caixas de fósforo” onde acomodam-se os núcleos de sentido, no seu interior. Assim, as categorias foram formadas. As setas, nas laterais do quadro, mostram o sentido das leituras. As cores representam as questões norteadoras ou verbos, as palavras em negrito, os núcleos de sentido, e, por fim, as categorias.

Quadro 05: Análise das respostas dos sujeitos.

	S1	S2	S3	S4	S5
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Questões norteadoras: amar, gozar, trabalhar e comunicar</p> <p style="text-align: center;">Leitura</p>	<p>Família, Deus, trabalho, coisas sensíveis assim eu amo minha família, meu trabalho, amo Deus... ..é eu estar bem comigo mesma, fazer o bem para os outros, é assim neste sentido, neste momento eu estou bem feliz nesta questão...eu gosto muito do que eu faço, eu amo fazer o que eu faço, tanto no trabalho quanto na minha pessoal, pelo fato de eu estar com alguém, neste momento estar com a minha família eu fiquei um tempo fora, e acaba que a gente dá mais valor à estas pequenas coisas assim da vida. São pequenas coisas que me trazem felicidade, eu não preciso de muito para estar bem, estar amando a vida. Com o outro, é, em torno dos outros é que o meu amor está bem. Eles tem muitos problemas familiares. Pra eles faz muita falta. A carência afetiva, é por isso que eles se apagam tanto à equipe. Tem uns que consideram aqui a segunda casa deles. Porque aqui a gente tem essa noção do acolhimento. Querendo ou não, às vezes ele não recebeu um bom dia antes de sair de casa. Na vida deles não têm o apego mesmo. A forma como você acolhe o paciente, vai depender se ele vai seguir o tratamento ou não, então, se eu atender ele aqui de forma grosseira ele não vai querer voltar, então pra que eu vou tomar remédio? Pra que vou voltar naquele lugar? Pra que vou fazer terapia? Tem pessoas que vem aqui até pra marcar uma consulta que não é nem questão da saúde mental, mas eles falam assim: Eu venho aqui por causa do atendimento daqui, as informações, você explica como funciona, porque que a gente faz isso. Eu, por exemplo, não aceito que fale mal porque se a gente trabalha numa causa, a gente tem que defender ela da melhor forma possível.</p> <p>Eu acho que o que a gente faz nessa vida deveria ser dessa forma prazerosa porque quando a gente faz dessa forma, tudo é melhor...tanto que uma coisa simples assim que você faz em casa, assim de uma maneira prazerosa todos conseguem olhar assim dessa forma. Você fez. Você deu o seu melhor, naquele momento. No trabalho também, porque no trabalho você já vai, é nossa, você tem que acordar pra ir pra "aquele lugar", então você não tem porque fazer isso, assim quando você faz com prazer tudo fica mais fácil, você se envolve mais, não só no sentido, na questão sexual da coisa, que é o mais popular, na cultura o mais popular, eu acho que é fazer com prazer todas as coisas da vida. Viver cada dia, de forma intensa, aproveitar cada momento, tanto a família como com Deus, no trabalho, eu acho que é nesse sentido, do prazer mesmo, eu acho que o tempo que a gente gasta pra fazer qualquer coisa na vida, melhor a gente fazer de forma bem feita, do que ficar grilado, nervoso, estressado a gente tem que fazer com prazer é muito melhor. Eu acho que o gozar está de uma forma assim, mais palpável. E o amar é... como... é que eu vou explicar... é uma coisa maior, que agente não pode tocar no sentido abstrato. O amar de uma forma mais abstrata, como vou explicar, que a gente não pode tocar de uma forma maior, que a gente sente. Eu acho que o gozar está de uma forma assim, mais palpável.</p> <p>Era um sonho desde criança de trabalhar. Principalmente na questão financeira, quando a gente começa a gente termina o curso superior, que a gente vai por campo mesmo de trabalho, muda muito a visão, porque a gente cai na real, porque a prática é completamente diferente da teoria, era muito legal tudo, aí na prática muda tudo, no contato com o usuário nem</p>	<p>Acolher, receber bem o outro, estar disponível, estar acessível. Aqui é muito necessário que a gente tenha receptividade, e que acolha o outro. Às vezes chega aqui trazendo encaminhamento, e a gente tem que pontuar, que ele vai entrar numa fila de espera, não estamos tendo vagas no momento, você precisa colocar de uma maneira que o outro não se sinta... que o seu sofrer esteja sendo desprezado, colocado de lado entendido? você tem que fazer com que ele se sinta acolhido você tá entendendo o lado dele, você tá percebendo o sofrimento, o quanto que é importante que ele está sendo encaixado no serviço, no entanto você está trabalhando com uma equipe mínima e não está conseguindo no momento encaixar, vai ter que ter um pouco de paciência e esperar e isso é sofrido pra equipe eu percebo que não só eu que sofro como as outras meninas também sofrem, porque se a gente pudesse estaria acolhendo todo mundo imediatamente mas não está funcionando assim. Eu sou bastante amorosa, carinhosa, uma mãe coruja com os filhos, uma esposa dedicada e muito presente na vida de meus pais que já são de idade, ...e vivemos comigo, sejam parentes como pai e mãe, marido, e filhos, mas os colegas do serviço também, sou uma pessoa carinhosa, acessível.</p> <p>O gozar fica tão assim meio que casado com o prazer. Eu tenho muito pouco lazer, muito pouco entretenimento, sabe, eu considero que esta área eu não dou muita atenção. É uma área que eu sou meio relaxada nela, o prazer, o lazer, o sair. Não o prazer homem e mulher, esse não, esse eu me preocupo, é esse eu sempre estou cuidando, mas o outro de ir a uma balada, de ir pra um barzinho, de sair pra rua, de fazer programa, é meu marido é muito assim caseiro, eu fui aprendendo isso com a convivência, antes, quando a gente namorava, era barzinho, balada, boate tudo, depois que casa ele acomodou. Então agora o prazer é muito dentro de casa. Eu sinto falta às vezes. Às vezes eu saio, quando eu vou animada eu saio com eles sim, mas é muito engraçado isso, você vê os filhos puxando e pontuando.</p> <p>O meu trabalho me traz muito prazer, muita realização pessoal teve uma época que eu trabalhei no CAPS AD. Nessa época o meu trabalho era... eu não gostava, não queria, tanto que eu sempre tive oportunidade de pedir pra ser lotada para cá, não tive dúvida, eu gosto dos pacientes, eu gosto do ambiente, eu gosto de trabalhar aqui, eu venho pra cá, antes eu ficava assim angustiada, tinha noite mal dormida, insônia, ia infeliz pro CAPS AD, agora não eu vou trabalhar hoje, eu não tenho problema de não dormir direito de sonhar, de acordar sobressaltada ter um dia horrórico, não eu venho feliz de trabalhar, mudou bastante, então fiquei um ano e oito meses lá, já tem cinco e pouco, não quatro e pouco quase cinco. As colegas me valorizam me respeitam os pacientes, à medida que eles vão melhorando, eles vão demonstrando gratidão, vê que você se envolveu no processo de tratamento deles, e que levou eles a melhorar, a saírem do quadro crítico, têm uns que já tiveram até alta. Agora eu só vejo no momento de consulta na sala de espera o Dra. Que saudade, faz tanto tempo que eu não te vejo. Essa gestão das outras que eu passei, essa é mais tranquila, sabe, mais aberta pra ouvir, a primeira</p>	<p>Uma emoção forte de desejo pelo bem do próximo, amar vem um desejo grande, um gozar mesmo profundo, tudo, quer bem. É mais do que uma adoração. O outro, eu amo a minha profissão... eu gosto muito, me sinto bem fazendo o que eu faço, trabalhando na minha profissão, eu amo outro, eu desejo o bem pro outro, querendo sempre o melhor das pessoas que eu amo.</p> <p>A, é um ponto de extremo prazer, de satisfação mesmo, o ponto mais alto de satisfação. Conquistar me dá prazer, conseguir concluir algumas tarefas, alguns objetivos, algumas metas, superar, me dá prazer e satisfação, uma boa relação sexual no plano pessoal. Essa questão de sentir o prazer, eu acho que eu tenho que olhar mais pra isso, porque às vezes eu penso mais em proporcionar mais prazer ao outro, proporcionar mais prazer às pessoas do que fazer as coisas que eu gosto, que me dão prazer. O tempo, principalmente tempo, às vezes dinheiro, eu sei que alguns prazeres, viagem, tal, eu precisaria ter mais... mais financeiramente, mais dinheiro, companhia até que tem bastante.</p> <p>É extremamente fundamental, estudo a ocupação, através da atividade, ser produtivo, criar esse produtivo não por produção. Uma das coisas mais importantes na minha vida eu acho é o trabalho, não consigo ficar muito ociosa, apesar de acreditar e trabalhar com o ócio criativo também, mas o trabalho está sempre transformando, criando o significado da vida o tempo todo. Não, é nem tanto no aspecto de valorização, mas, de compreensão por parte de todos, da sociedade, em relação ao meu trabalho, à minha profissão, em relação ao serviço, a gente vê que ainda tem muitos desafios a serem superados. Trabalhar no coletivo, ser multidisciplinar, interdisciplinar, a gente tá construindo juntos, fazendo projetos terapêuticos juntos, fazendo projetos terapêuticos, tudo junto, assim até tem uma gestão coletiva, trabalhar com estratégias, a gente não é criando aprender a trabalhar com o outro, aceitar os limites, trabalharmos juntos... individualista na formação geral, nos projetos terapêuticos, no atendimento, nunca ouvir muito o outro, mas a gente está indo aos poucos, eu acho assim que é muito difícil, mas estamos indo aos poucos, pelo menos a gente tem reuniões de equipe, os grupos de estudos... fazer os estudos de casa coletivo, cada profissional dá sua opinião. Como queria uma psicóloga, uma assistente social junto da minha terapia, mas são horários diferentes, formação diferentes cada um tempo diferente, isso junta. Sozinha, sozinha não, mas falta algo, né, algo pra acrescentar... é de afinidade mesmo com o serviço, com esta luta da da saúde mental, ...com a profissão, eu acho que falta um pouco mais disso... aproximação, um pouco mais de prazer, desejo, amor... pra esse tipo de serviço pra essa linha, eu vejo que tem muita gente que tá aqui porque foi a única opção que tiveram, não vieram aqui pelo desejo. Eu fiz um processo coletivo, mas eu fiz sabendo que vinha pro CAPS pra cá.</p> <p>Na vida fora do trabalho? Eu tenho, como que vou dizer, tenho uma dificuldade em me expressar verbalmente às vezes, no coletivo principalmente, algo pra argumentar, mas eu sempre tento trabalhar outras formas de comunicação.</p> <p>querer bem; prazer; satisfação; conquistar; conseguir; concluir; objetivos; superar; metas; dinheiro; produtivo; importante; significado compreensão; desafios; aceitar os limites; individualista; ouvir; dificuldade para expressar verbalmente; argumentar.</p>	<p>Respeito, é gratidão, honestidade e aquele sentimento de carinho, aquela ajuda mútua, isso tudo para mim é amar, não interessa se essa pessoa é uma pessoa próxima, íntima, ou se é uma pessoa de fora que você nunca viu, o fato de você tratar ela com esse, respeito diferente de carinho, respeito, gratidão, honestidade isso pra mim é amar. A questão profissional, porque assim a gente tem uma forma de tratar as pessoas, porque assim como profissional muitas pessoas adotam como obrigação (ênfase) tratar a pessoa bem porque estão sendo pagas para aquilo e tem que tratar bem, mesmo que a pessoa não queira tratar bem, é por isso que eu pergunto, é profissional ou pessoal. Porque quando é pessoal é uma coisa mais espontânea se ele é um bom profissional, ele vai tratar a pessoa um pouco como obrigação dele, ele vai se sentir obrigado a tratar aquela pessoa com amor, se ele for um bom profissional, pessoal é assim uma coisa de instinto seu. Você não está se sentindo obrigado, ninguém tá te pagando, ninguém tá te pedindo aquilo. Ou você ama ou você não ama, no pessoal pra mim é isso, é aquele amor sem nada em troca, você não está recebendo nada em troca, pra você amar a outra pessoa, pra você amar o próximo, dar respeito, ser honesto, se entregar à pessoa, e não interessa se é questão afetivo de homem e mulher, se é de pai e mãe, se é de amigo, se entregar à outra pessoa por amor, então é pessoal, diria até que é mais fácil você amar na sua vida pessoal do que na sua vida profissional. É uma decisão, porque toda decisão é assim, eu aprendi que toda decisão tem um preço, toda escolha tem um preço.</p> <p>Lembro férias (risos). As pessoas falam assim: vou gozar as minhas férias, gozar pra mim sempre lembra férias. É divertir, descansar, assim a palavra gozar: tá gozando da sua cara. Tem muitas pessoas que levam pro lado sexual, mas pra mim, eu lembro tá gozando com a minha cara! Levo assim pro lado da diversão, brincar, descansar, rir lembra muito isso. O prazer de divertir, de trazer felicidade. É ter uns amigos pra conversar, isso pra mim me trás prazer, divertir, isso é do ser humano, tem poucos que são ranzinzas que não gostam. Eu gosto disso, ajudar as outras pessoas, que eu posso ajudar, assim isso me dá um prazer... Eu fiz bem feito e tenho aquele prazer dentro de mim de dizer assim: eu consegui fazer bem feito e eu ajudei alguém, mesmo que ninguém nunca vá saber daquilo. Uma menção dada na hora, uma palavra, alguém chegar e perguntar algo pra você e você conseguir diminuir o sofrimento daquela pessoa, você dá uma resposta pra ela que aliviou todas as dúvidas dela, então isso me dá prazer de saber que estou sendo útil em alguma coisa, isso me dá prazer. Tirando alguns detalhes aqui e outro ali, tá, tirando assim o que as pessoas dizem, assim, todo ser humano tem suas dívidas, suas e obrigações, tirando isso está sim, tá feliz.</p> <p>Ruim, se eu pudesse, se eu, até que eu brinco assim, se eu tivesse muito dinheiro eu trabalharia pro prazer, pro hobby, porque sinceramente gente, você tem aquela obrigação... mas eu acho... quando eu aposentar eu vou continuar trabalhando porque eu amo trabalhar, eu digo gente como pode alguém dizer uma coisa dessa, não vejo a hora de aposentar pra poder parar, mas isso quando eu falo não é porque eu não gosto da profissão, eu não gosto é do que envolve isso, obrigações, ter que</p>	<p>Considerar o outro como alguém próprio de opiniões, decisões, e o não gostar do outro pelo que ele pode ser pra mim porque é muito fácil dizer amar: eu te amo, mas eu não te amo, eu amo o bem que você me faz, então o amor seria gozar de você pelo que você faz, e não gostar de você pelo que você faz, e isso no caso do nosso foco de trabalho que é a dependência química é gozar do outro como ele é, se ele disser pra mim que quer morrer usando crack ele vai morrer usando crack, é o mínimo de respeito que eu posso ter por ele. Às vezes é difícil enquanto pessoa praticar esse amar, porque eu não acredito nisso, amar como uma espontaneidade. Acredito nisso como exercício e nem sempre é fácil porque até nas relações mais íntimas familiares, relação com o sexo oposto, relações profissionais mais estreitas com os colegas que a gente tem aqui, não é fácil praticar esse amar porque me obriga a respeitar o outro como ele é, isso pode vir contra o que penso também.</p> <p>Uma coisa que precisa de intimidade, na minha vida sem intimidade não dá e daí, acho que vai um gozar no sentido sexual, mas gozar a vida, um gozar a vida profissional, gozar a vida na amizade só tem que ter intimidade com a minha profissão, intimidade com os meus amigos, intimidade com a minha família, intimidade com o meu marido, no caso que eu sou casada, pra ter esse prazer nessas relações todas, essa intimidade gozar essa intimidade pra toda pra mim tem uma profundidade bastante grande. Não sempre, nem tanto como eu gostaria, aí seria perfeito a vida é lutar por isso, não por um sempre mais, mas um tanto pra ser feliz.</p> <p>É um prazer é um gozar, é a uma das minhas maiores fonte de prazer talvez até atrapalhe, um pouco, aí eu tenho que estar observando... mas é pra mim um prazer, eu acho que eu amo e me dá muito prazer, e nisso eu tenho a intimidade. Aqui não. Respeitada sim, pelos colegas, pela direção respeitada no que eu faço, mas não aqui, não até porque nós estamos numa coisa muito nova, o CAPS é uma coisa que ainda tem muita polêmica e as funções e as atribuições ainda tá muito difícil de entender pra algumas pessoas até pra mim, então a valorizada... não seria o ideal, mas respeitada sim, respeitada eu sou. Por isso eu sou respeitada (ênfase) que as pessoas tentam entender minha postura mas não sou valorizada porque, porque talvez eu esteja desfocando um pouquinho da proposta, eu não sou contra a proposta mas eu não estou tão integrada nela, estou tentando agora. Penoso é sair do meu papel de psicoterapeuta para o papel de terapeuta, que aqui é necessário, mas pra mim é penoso, mas é necessário. Porque eu acho que a psicoterapia pra psicólogo seria como o diagnóstico... para o médico seria como cuidado com a enfermagem é algo que é próprio, é algo que é inerente, é algo que quase exclusivo. Não é exclusivo, mas é quase... quando eu saio desse papel parece que eu estou perdendo a identidade, mas isso é meu enquanto pessoa, nem todo mundo pensa assim... Exatamente, integrar com a equipe, de mudar a proposta psicoterapeuta para terapeuta? Tá sendo penoso pra mim mas eu acho que é um amadurecimento profissional.</p>

Continuação do quadro 05: Análise das respostas dos sujeitos.

Sujeitos (continuação)

Questões norteadoras: amar, gozar, trabalhar e comunicar (continuação)
 Leitura

S1

sempre você vai ter o material suficiente que você vai ter na unidade, você vai ter que ser criativo e tantas outras coisas que você não aprende na faculdade, vêm também da sua educação, principalmente familiar eu acredito, essa questão da sua índole, que são coisas que você não aprende na faculdade, é uma coisa de berço, e da forma que você vai atuar como profissional. Trabalhei três anos dando atenção básica, quando eu vim, eu fiquei assim como vai ser, mas aí na primeira semana a gente teve uma capacitação muito legal com a coordenadora, foi muito bacana, muito esclarecedor, e eu entrei com vontade mesmo de fazer meus grupos terapêuticos, acaba que eu não pude fazer tantos grupos pela questão mesmo de número reduzido de profissionais, acabei fazendo de tudo um pouco, na recepção, no primeiro atendimento, na triagem... farmácia... então assim, são "N" estas que um enfermeiro faz na unidade, mas estou muito feliz, é muito gratificante, cada dia é diferente, aqui não tem uma rotina, cada dia é um caso diferente são coisas assim que a gente fica sempre com essa vontade de saber mais, fazer mais, de estudar mais, aqui eu sinto bastante essa minha necessidade, que eu preciso de saber mais, para poder fazer mais. Eu gosto muito de estar aqui. Sim eu me sinto bastante valorizada sim, tanto pela equipe, apesar de todo mundo correr muito, quanto pelos usuários eu acho que é o mais gratificante, são coisas simples assim de muito obrigado mesmo, assim: você faz muita falta quando você não vem. É muito gratificante. E é isso que estimula você, a continuar, e é claro que tem dia... Às vezes, os que estão descompensados, às vezes agridem verbalmente por falta de medicamento de consulta, mas acho que faz parte da rotina também, acho que a gente tem que saber separar. Acho que o que dificulta não é a parte física, mas eu acho que é mais investimento na unidade, na unidade assim nos recursos humanos eu falo, falta de profissional. Porque a secretaria de saúde não tem essa política da parte preventiva da saúde mental. Eu acredito que seja isto porque foi feito um processo seletivo, poderia ter mais profissionais, mas não chamam, então acaba que o investimento maior do município está sendo na atenção básica, mas é uma questão de gestão mesmo, e por isso eu acho que ainda não funciona tão bem, por mais que todo mundo trabalha em prol disso, eu acho que não funciona por uma questão de gestão. Não estou aqui para trabalhar mesmo, os horários, cumprir os horários, principalmente, porque tem muita gente que acha que pelo SUS ou por ser funcionário público, não precisa cumprir horário... Eu não acho penoso de forma alguma. Algumas vezes, a gente se acha impotente, nesta questão de recursos humanos, saber que tem uma fila de espera e que a gente poderia estar fazendo

Eu adoro falar é muito importante assim em qualquer área de trabalho, mas na saúde, é imprescindível, porque se a gente comunica qualquer coisa de forma errada, vai ocasionar problema futuro. As pessoas reclamam muito disso, elas pedem uma informação e ninguém nada! então é muito importante pra gente solucionar o problema daquela pessoa no momento. Tem que resolver. E eu acho que comunicar é assim imprescindível, tanto na questão familiar, também. Quantos problemas seriam resolvidos se as pessoas se comunicassem melhor. Ficam no quarto, isolado e ninguém sabe o que o outro tem, às vezes tem pessoas que morrem sozinhas em casa porque não tem ninguém, não sabem comunicar. Quando um paciente abandona o tratamento, a culpa é dele e nossa, será o que faltou nessa comunicação, tem que ter paciência, eu aprendi muito essa questão da paciência aqui no CAPS. Porque nosso salário está totalmente defasado. Por mais que seja meio período, eu não acho justo. É muito pouco... eles não dão a importância pras leis trabalhistas, com insalubridade. Por exemplo, eu não pude tirar meus quinze dias de descanso, porque não tem funcionário pra me substituir.

Relacionamento; Deus; família; estar com alguém; acolhimento; envolvimento; sonho; financeira; teoria x prática; gratificante; falta de investimento; salário defasado; justiça; leis trabalhistas; descanso.

S2

gestão era muito assim, tinha duas preferidinhas, e é horrível, a equipe se sente péssima, têm dois preferidos na equipe. As queridinhas da coordenadora? Era bastante tenso isso, e depois a outra coordenadora era imatura, era assim às vezes pontuava algumas coisas na reunião de equipe que a gente falava... Lamentável, quando ela amadurecer ela vai ver o quanto de inadequação que teve. Mas a gestão agora mais madura é mais tranquila, ouve o profissional, e a gente sente que a gente tá equiparado. Nós somos profissionais, e nós somos respeitadas enquanto profissional. A Prefeitura é um caso à parte, a gente pediu a reforma da unidade, tem dois anos que a gente tá esperando, e ele falou que a nossa unidade de saúde seria a primeira a ser reformada, e já fez dois anos. Dá uma descrença, e quando você precisa de mais profissionais, temos uma fila enorme, a demanda é muito grande aí, manda profissionais para o CAPS AD. A demanda é mínima, e eles ficam lá engando grilo! Tem quatro psicólogos no CAPS AD e duas psicólogas no CAPS de saúde mental! É um contratempo, lá não tem demanda, aqui tem mais de quatrocentos na fila de espera. É a gente fica quase que vendo que os profissionais que sabem que o fluxo lá é mínimo, quase nada se você vai atender quase nada, você vai poder estudar pra mestrado, agora quem vem pra cá, vem pra trabalhar, porque se não trabalhar é porque não quer, porque demanda e paciente tem, entendeu? E, e pra nós aumentarmos nosso RH nós teríamos que aumentar a unidade, olha pra você ver, porque agora pra atender em um consultório e a Enfermeira no outro, é a hora que dá sol nesse consultório aqui... quem que vai ser a escolhida pra sofrer com os pacientes? É quase impossível ficar ali do lado de fora com a sua cadeira no sol, então precisa melhorar a infraestrutura senão você não consegue, como você vai trabalhar, não tem condições, porque se tivesse três psicólogas aqui pra atender, aonde iria atender? Significa se sentir vivo, se sentir completo, se sentir pleno, porque ele te dá autonomia, realização pessoal. Se você não trabalha, eu acho que você é como uma planta que fica murchando, não tem equipe de trabalho, só essas coisinhas do dia a dia, varrer a casa, limpar o chão, fazer o almoço, fica uma vida muito vazia, muito monótona.

Às vezes a comunicação fica um pouco truncada... temos o livro de ocorrência, se você esquecer de anotar alguma coisa, que seja relevante. Mas a gente está agilizando isso, procurando corrigir essas falhas, mas a gente está monitorando, passando ao invés de usar o livro de ocorrências, usar bilhete de ocorrência, já deixa o bilhete para a pessoa que você quer que passe, para saber o que ocorreu, o bilhete viabiliza mais a ocorrência. O livro de ocorrência, quantas vezes a gente acha que não houve ocorrência! Mas o bilhete no mural aquele que a gente coloca o nome do outro... a gente vai chegando e bate o olho lá, opa!, esse bilhete é pra mim Envolve o outro se expressar, envolve leitura que você faz do ambiente, então tem a comunicação verbal e tem a não verbal também às vezes é o entendimento do outro às vezes você está falando uma coisa, está sendo clara, mas a pessoa, o outro não entende ah... mas não é assim!

Acolher; perceber; entender; prazer; lazer; equipe mínima; realização; pessoal; ambiente; valorização; respeito; gratidão; envolvimento; ouvir; descrença; fila de espera; demanda; autonomia; realização; expressar; leitura.

S4

levantar cedo ter que ir pro serviço, tem que agüentar incheção de saco de chefe, aquelas coisas, mas o serviço, não o serviço, mas o que envolve o trabalho, se eu tivesse com dinheiro eu faria na hora que eu quisesse, como eu quisesse... Porque a palavra trabalho ela é mais pesada. Voltando ao trabalho, envolve obrigações a pessoa tem obrigações a cumprir porque ela está sendo paga para aquilo, não sei porque mas essa palavra trabalho lembra da escravidão os negros fazendo filinha... às vezes sim, na maioria não, porque muitas vezes as pessoas não reconhecem, é invisível aos olhos do outro, ninguém vê quem deu a medicação quem cuidou, quem trocou o lençol, quem deu comida na hora certa quem colocou o soro, quem colocou a medicação no soro... tudo isso são pequenas coisas que são praticamente invisíveis, e até serviços grandes que as pessoas não dão valor. Aqui nessa unidade eu me sinto mais valorizado! Não precisa nem agradecer.

É isso que eu faço, falar, eu falo muito porque eu gosto, eu gosto de falar, eu não era assim, eu era muito tímido no início da minha adolescência e infância eu era muito tímido, mas assim, eu mesmo me salvei, fazendo tratamento eu venci isso... A dificuldade que eu acho é devido ao nível de instrução que a gente tem, por exemplo, eu sou técnico de enfermagem, você pode ter certeza, um médico, um enfermeiro, um psicólogo o nível superior ele tem mais o poder da fala que uma pessoa de nível inferior, isso é lógico. Nível superior e inferior, hoje se fala assim médio, fundamental, mas é assim, na escadilha tipo assim: eu tenho menos poder de fala de outra pessoa, e eu não culpo outro por isso, mas o culpado sou eu, que não estudei. É o poder de fala das outras pessoas é maior que o meu o poder de fala, o poder de decisão, o poder de fala de articular sobre alguma coisa, o poder de decisão, o poder de dar uma opinião. Sempre vejo assim que seria interessante não só pra mim, mas para os outros também assim, porque houve essa experiência que eu tive poder de fala no outro hospital, e lá eu quando eu fui falar, todo mundo esperava que eu não fosse dar conta, justamente por eu ser técnico. A primeira vez em mais de sessenta nos do hospital eu fui chamado, fui o primeiro técnico de enfermagem a ser chamado, a falar em um seminário, ser um palestrante de um seminário para os próprios funcionários que era sobre a observação do serviço interno e sobre as dificuldades enfrentadas pela unidade e eu era pra representar a classe inferior, então eu estaria representando a parte, tanto os técnicos de enfermagem como o pessoal da limpeza, cozinha, pessoas que não tem nível superior, de escolaridade então eu fui chamado pra representar, quando antes de eu começar a minha apresentação, me perguntaram: você tem certeza do que você vai falar? Tipo assim, como que se eu nem soubesse o que estava fazendo lá. Senti que estavam duvidando da minha capacidade porque não me conheciam. No início eu fiquei sem entender, será que estão perguntando porque estão querendo ajudar ou porque está duvidando da minha capacidade? Eles estão duvidando da minha capacidade, aí simplesmente senti isso que a desvalorização do profissional só porque ele não tem o nível superior. Acho que a pessoa é considerada pelo que ela sabe, pelo grau de conhecimento dela se você fala... o quanto você consegue ouvir, ouvir a sua própria voz quando você cansou de te ouvir, então todo mundo já cansou antes de você então quando eles me pararam nesse momento falar assim vamos pegar uma pessoa para ouvir, eu acho que foi alguém lá que pensou "eles só estão ouvindo, então vamos deixar falar também fez diferença... tem que parar um pouquinho para ouvir o colega se interessar.

Respeito; carinho; decisão; escolha; férias; descanso; prazer; amizade; ajuda; conseguir; ser útil; prazer; não reconhecem; invisível aos olhos do outro; valorização; falar; ouvir.

Difícil pra mim, muito, a maioria das pessoas não escutam o que eu falo, escutam o tom da minha voz eu tenho essa dificuldade em deixar claro para o outro aquilo que eu penso, não tenho dificuldade de entender o que o outro fala... muito fácil pra mim, fácil entender as entrelinhas mas as pessoas não estão conseguindo me entender, se é por mim ou pelo outro eu não sei, isso é uma coisa que me incomoda, saber o que realmente estou dizendo.

Intimidade; gozar a vida; amigos; família; intimidade; profundidade; prazer; respeito valorização; comunicar é difícil; ouvir.

Continuação do quadro 05: Análise das respostas dos sujeitos.

Sujeitos (continuação)

S6	S7	S8	S9
<p>Gostar estar sempre junto, ou da pessoa querer bem, por exemplo, o marido, filho ou colega de trabalho, acho que assim a gente deve ter amor pelas pessoas, eu entendo isso, não é só assim amar, eu amo pronto acabou. Não, às vezes eu vou amar só você e os outros. O amar pra mim é um amor coletivo. Eu nem sei mais o que é isso. Todo mundo gosta da gente, aqui todo mundo conversa, e aqui pra mim é uma alegria, quando estou aqui eu quero ir embora pra casa, dá vontade de ficar aqui direto.</p> <p>Não tem pra nada, nem pra comer, minha vida é assim atribulada assim, você nem imagina o quanto, por isso que te falo, não tenho mais marido em casa, tantos problemas, tanta luta, eu não consigo ficar em casa, eu chego em casa...é mesmo que estar num lugar assim de estranho, sabe? Não to muito feliz não. Tudo o que eu faço parece que não tá bom... não consigo... eu deito na cama, eu chego em casa eu fico o dia inteirinho trançada dentro de casa, não consigo sair, conversar com alguém... parece que todo mundo tá olhando pra mim de meia cara, aí é a mãe do fulano... me sinto humilhada demais, aí então não tenho amizade com ninguém</p> <p>Fazer o que a gente gosta eu ter aquela responsabilidade todos os dias estar, aqui, fazendo o que eu gosto, a gente tem que gostar do que faz e fazer bem feito... em casa a gente nunca tem valor mesmo, né? Então pelo menos aqui eu tenho. Até agora eu não encontrei nenhuma dificuldade... a gente trabalha com esse tipo de pessoa mas só que a gente não pode conseguir tratamento pra gente mesmo aqui e com o médico... e... pra gente conseguir fora é caro, aí é onde eu vejo assim muita dificuldade... a gente está ali, vendo o problema não tem como ajudar não tem como fazer nada, mas eu gosto. Tem dia que eu venho pra cá de manhã, meu horário é seis horas. E eu fico aqui o dia todo, sem almoçar não to nem aí, eu gosto de ficar aqui, é que eu acho que aqui é melhor do lá em casa.</p> <p>Eu tenho um pouco de dificuldade. Sou muito tímida, muito complexada. Às vezes não entendo muito bem as coisas... as pessoas me falam uma coisa e eu não entendo e não tenho coragem de perguntar. Não gosto de reunião essas reunião grande não vou, eu não gosto de ficar no meio de muita gente por exemplo se eu for em algum lugar por exemplo...</p>	<p>Amor incondicional entrega paixão, é... sei capaz de qualquer coisa por alguém que você ama, um sacrifício, por exemplo é, se doar, doar seu tempo, doar sua vida, doar seu trabalho por amor à uma pessoa. O amor é combustível, é ele que te impulsiona fazer as coisas, a querer tá junto com a pessoa que você ama, a lutar pra conseguir, alcançar objetivos que vão te fazer crescer. Gostaria de amar mais, eu acho que as pessoas merecem mais o meu amor, como muitas vezes também se arrepende de amar as pessoas erradas.</p> <p>Desfrutar, me lembrei do dinheiro, às vezes a gente trabalha, trabalha, mas de que adianta se não vai desfrutar do que o dinheiro pode te oferecer às vezes, isso eu to querendo dizer de uma coisa que me dá prazer, desfrutar de uma viagem, entendeu? Ai eu fico sonhando, por exemplo, eu penso na Holanda, penso naqueles campos de tulipas, aqueles moinhos, eu penso na Inglaterra... Fico imaginando aqueles telefones ingleses, eu penso na França... na Torre Eiffel, Arco do Triunfo, no Rio Sena entendeu? ... A gente teve o dia inteiro trabalhando, a gente tem o direito de ter uma noite de prazer de desfrutar. Deus é muito perfeito, fez o dia de 24 horas, 8 horas pra você trabalhar, oito horas pra você dormir e as outras 8 horas pra você descansar. Então a gente não pode ter culpa de ter prazer, de gozar, tem gente que se culpa de ter um dia de descanso, você já percebeu isso? eu era assim, mas agora, eu estou melhorando eu penso no descanso, o dormir, o ato de dormir é prazeroso. Você gozar de uma noite de sono é prazeroso.</p> <p>Não consigo fazer a mesma coisa todo dia não. É maçante. Aqui eu não sou. Todo mundo tem que ter um ofício, trabalhar exercer uma profissão é você colocar seus dons a serviço, você se satisfaz e satisfaz o outro com o seu trabalho, isso independe da profissão, eu proporciono a uma criança a chance de aprender a falar os sons às vezes ela está sendo criticada porque fala errado e eu corrijo isso e pro pai e pra mãe também é muito prazeroso ver a criança aprendendo, evoluir, essa semana eu fiquei pensando e cheguei à conclusão de que financeiramente você não tem perspectiva. Acho que todo mundo passa por essas crises, só que o trabalho dignifica o homem, é bom você acordar e saber nossa eu tenho um local de trabalho, nossa eu tenho uma ocupação para o dia a dia. Tem coisas que acontecem no trabalho que te impulsiona, às vezes você pega um caso diferente aí você vai estudar... você vai fazer um curso pra se atualizar, a, tem uma área nova, tem coisas novas... que impulsionam a gente... Eu preciso de movimento. Nem um pouco... não tenho valorização nenhuma aqui, olha as condições de trabalho! Começaram a demolir isso aqui com a gente dentro! Quanto tempo eu estou aqui... mais de dois anos pedindo material e nada... desvalorizada... nem um pouco, hoje eu sinto que precisaria e que seria bem melhor se as pessoas tivessem mais comprometimento, tanto pro profissional como pro paciente.</p> <p>Comunicação é tudo. Você se comunica de várias formas. Sua postura, sua forma de sentar, forma de olhar. Eu te olho te desprezando, como eu te olho com amor. Os meus gestos tanto pode ser de carinho como de repulsa, e isso a comunicação visual também de letreiros... as pessoas que não se comunicam não vão pra frente. Cada um interpreta de uma forma.</p>	<p>Sentimento que você tem de melhor entro de você, pra você mesmo, pras outras pessoas, não que tenha que ser recíproco.</p> <p>O trabalho me dá prazer, dependendo dançar me dá prazer, me comunicar com outras pessoas me dá prazer, é algo eu gosto estar com alguém que eu gosto me dá prazer, acho que é isso, executar as atividades do cotidiano, se eu gosto me dá prazer, academia me dá prazer, tá com minha família me dá prazer, estudar também é algo que eu gosto, me dá prazer, só. Não diria muito, mas eu tenho, A felicidade é algo que tem se construir diariamente com outras coisas que vão aparecendo, mas a base eu tenho, sou uma pessoa feliz, mas é dentro do equilíbrio de cada pessoa simples nada exagerado.</p> <p>Penso em trabalho o tempo todo, o trabalho é importante, para o indivíduo, pra qualquer indivíduo, mas ele não é essencial, ... adotado em alguns pontos, então até um certo momento eu estava achando que o trabalho pra mim estava sendo quase 24 horas por dia, então estava me afetando, me provocando um mal estar, eu me sinto valorizada aqui dentro, pra população lá fora eu já não sei Eu acho que a relação interpessoal é muito difícil Não é a mesma, a comunicação não é a mesma e isso acaba dentro de um serviço igual na saúde mental, equipe tem que estar bem coesa. Eu chego em casa e penso: hoje foi um dia legal, mesmo que eu não fizer nada o dia inteirinho, mas alguma coisa a gente produz, seja dentro da equipe, seja numa única orientação que a gente faz no dia para um paciente...</p> <p>Acho que eu sou exagerada, no comunicar falo demais As pessoas que fazem parte do meu convívio, estão mais próximos me compreendem.</p>	<p>É o principal na vida de um ser humano, é básico. É cuidar do outro é preocupar com o outro, é respeitar o outro. Não, não muito pelo fato de eu até posso amar a mim mesmo, num modo geral, no termo de amizade, de família sim, mas no companheirismo, na parte conjugal e emocional não, porque eu sou solteira, estou solteira no momento, então não estou completa.</p> <p>É o ápice do prazer, no ato sexual dum casal. Prazeres diferentes, mas uma comida gostosa, uma viagem, um passio, um momento, eu que moro sozinho no momento não to com a família, um momento familiar, um almoço com a família, é prazeroso, é gostoso. Estar bem comigo mesma, é às vezes eu tenho assim dificuldade, mas é tá bem comigo mesma, pra eu tá bem com a sociedade</p> <p>É muito importante para o ser humano, também é um fator básico a gente estando trabalhando a gente ocupa a mente, a gente trabalha o físico, o pessoal, é necessário para o ser humano, é uma coisa boa. Quando você trabalha coisa que você não gosta, aí se torna penoso. Eu ainda quero procurar fazer uma outra graduação, investir, na mesma área, na área da saúde, mas eu ainda quero crescer muito nessa área profissional. Eu gosto, mas ainda não é o auge pra mim, não é o ápice. Porque falta, eu acho que falta material, falta, talvez até eu ter tido um preparo melhor pra isso. É eu quero fazer outra graduação pra realmente eu me sentir bem, me concretizar, fazer é, ajudar o outro e ver o resultado. Eu gosto muito é assim, eu sou de fazer e concluir, e ver pronto e ver resultado. Na terapia ocupacional nem sempre eu consigo fazer e concluir e pronto, está acabando, está tudo resolvido. Por exemplo, ir e fazer uma medicação, é uma coisa imediata, eu vou, faço a medicação, alívio a dor, e vejo isso imediatamente, o paciente vai embora, o usuário vai embora falar, resolvi o problema. Não na terapia ocupacional, e isso me causa ansiedade. Na equipe aqui eu tive muito apoio, é uma equipe muito tranqüila... minha mesmo, pessoal minha, então, é isso aí, eu tenho que correr atrás, tomar atitude, fazer uma outra graduação, investir, realizar, não só na questão do reconhecer... dos outros, mas é eu mesma me sentir bem.</p> <p>Comunicar é algo muito importante. Eu percebo que eu tenho essa dificuldade, é importante a gente perceber o que o outro quer, Eu tenho essa dificuldade de falar pro outro, principalmente no ambiente de trabalho, ... olha isso não poderia ser assim, poderia ser de outra forma, isso não está legal, vamos fazer assim, ou até mesmo falar: ó você está errado agindo daquela forma. Ficar em silêncio (risos). Ficar em silêncio. O espaço não falta, falta é a coragem de falar.</p>
	<p>prazer ; amizade; responsabilidade</p>	<p>recíproco; trabalho prazer; estar com alguém; família; valorização; relação interpessoal; compreensão</p>	
			<p>reciprocidade; trabalho; prazer; estar com alguém; família; valorização; relação interpessoal; compreensão</p>
			<p>entrega; dinheiro; prazer; descanso; financeiramente sem perspectiva; valorização; condições de trabalho; gestos; interpretar</p>
			<p>cuidar; preocupar; amizade; família; companheirismo; conjugal; investir; falta investimento; concluir; reconhecendo; comunicar é difícil; silêncio; coragem de falar.</p>

Leituras
 Questões norteadoras: amar, gozar, trabalhar e comunicar (continuação)

- Legenda:
- Amar
 - Gozar
 - Trabalhar
 - Comunicar
 - Núcleos de sentido

- Categorias encontradas**
1. Trabalho e desprazer
 2. Relacionamento: amar e comunicar
 3. Trabalho e prazer

A utilização de dois métodos para o mesmo corpus possibilitou tanto o confronto da interpretação quanto a sua complementação. Somente com o método da análise lexical não foi possível compreender completamente o significado da classe 4. Todavia, o confronto e as comparações entre eles contribuíram, além do esclarecimento da dúvida sobre seu significado, para a confirmação da leitura das outras classes.

O gozo não apareceu, na análise, como uma categoria ou classe isolada, mas permeada nas outras atividades (trabalhar, amar e comunicar por símbolos). Entendemos, então, que o gozo se localiza dentro das atividades, no ato de trabalhar, de amar e de comunicar. Profissionais que não tem gozo no trabalho sofrem terrivelmente, pois é onde passam a maior parte do seu tempo, e, como mencionado pelos próprios entrevistados, traz significado de vida e é muito importante para a autonomia e socialização. O gozo é um bem que se opõe ao sofrimento; faz parte da natureza humana, embora não seja muito encontrado na Filosofia, na qual é visto como fútil. Talvez seja este o motivo de não aparecer como categoria isolada na análise. Em algumas entrevistas este pensamento (da futilidade do gozo) se apresenta pela culpa. Culpa em sentir prazer, em gozar a vida. Por que não gozar da atividade do trabalho? Será isso impossível? A classe 4 trata do trabalho e prazer, porém, relacionada ao usufruto do trabalho, no caso os frutos que fazem gozar a vida, como o salário, o reconhecimento e o descanso, mas não a atividade em si de trabalhar. Talvez seja esta a razão da desilusão destes profissionais com o seu local de trabalho. Pessoas que negam e projetam, não apenas por não acreditar, mas também por não sentir gozo no que fazem.

Ao fim deste capítulo percebemos o quanto as atividades amar, gozar, trabalhar e comunicar por símbolos fazem parte da natureza humana. Estão intrínsecas e, por isso, a importância que damos a elas. É no cotidiano, nas atividades simples do dia-a-dia, no local onde vivemos que as mudanças devem começar.

CONCLUSÃO

Ab ovo, as teorias que abraçamos preconizaram a importância das atividades: amar, gozar, trabalhar e comunicar por símbolos como parte do cotidiano e essenciais para a vida. Na exploração do cotidiano de profissionais de saúde mental, em unidades de CAPS do interior do estado de Goiás, fizemos uso de entrevistas semi-estruturadas. Nestas, os verbos típicos da antropologia constituíram as questões norteadoras das entrevistas.

Uma vez constituído o corpus discursivo através das entrevistas, passamos a análise dos dados. Procedemos duas análises. A primeira se constituiu da análise lexical através do *software* Alceste, e a segunda da análise temática clássica, conforme Bardin (2004). Do produto analítico emergiu três categorias e quatro classes, muito próximas, o que se justifica utilizarmos o mesmo corpus para as duas técnicas.

As categorias que impressionaram foram: trabalho e prazer; relacionamento: amar e comunicar; e trabalho e desprazer. As classes foram: trabalho e prazer (como na categoria 1); amar; comunicar; trabalho e desprazer.

Explicitemos a categoria ‘trabalho e desprazer’. Ela representa as dificuldades enfrentadas no trabalho pelos profissionais de saúde: a falta de recursos humanos, de materiais, de reconhecimento, baixos salários, alta demanda, dentre outras queixas. Neste caso, nossa leitura apontou para a defesa modalizada pela projeção que os levam a duvidar da capacidade de modificar, inovar e realizar um serviço de qualidade. Os verbos se apresentaram no subjuntivo, em especial, no hipotético, ou seja, o não real, de maneira que sonham com o “*se*” e dizem: “*se tivessem mais profissionais, mais recursos*”, “*se os salários fossem melhores*”, “*se tivéssemos o devido reconhecimento*”. O subjuntivo e o hipotético não expressam o atual e o efetivo, não no dado *existo* da consciência presente e sim na realidade psíquica. Enviam ao imaginário, ao sonho, que serve para suportar a vida, o presente negado, a realidade dolorosa. Além da negação e da projeção, como forma de amenizar a culpa, adveio uma dolorosa e recalcitrante neurose da dúvida. A dúvida os paralisa e os faz acreditar que a realidade não pode ser modificada.

Ficam entre o “*não*” e o “*sim*”, o “*ruim*” e o “*bom*”, como ocorre na neurose da dúvida, e entre o querer, o poder e o dever. O vocabulário ausente nesta classe é: gozar ($\chi^2 = 18 / 0\%$); amar ($\chi^2 = 11 / 32,3\%$); prazer ($\chi^2 = 10 / 25\%$), por isso o título da classe ‘trabalho e desprazer’. Veja a UCE de maior χ^2 da classe ($\chi^2 = 42$), já citada no capítulo 3:

(demanda) e (minima), e (eles) ficam la cagando grilo! tem (quatro) (psicologas) no (CAPS_AD) e (duas) (psicologas) no caps de (saude) mental! E um contratempo, la nao tem (demanda), aqui tem (mais) de quatrocentos (na) (fila) de (espera). (UCE nº78)

(falta) de (profissionais). se (tivesse) (mais) (profissionais) teria (mais) (grupos) (terapêuticos), ne (o) tratamento (seria) melhor. porque a secretaria de (saúde) não tem essa política da parte preventiva da (saúde) mental. (UCE nº 36)

A palavra “se” como o exemplo do condicional. “*Se tivesse mais profissionais...o tratamento seria melhor*”. O “se” não existe; é um desejo do falante e a previsão, ou hipótese, de que se tivessem (subjuntivo) mais profissionais, as coisas seriam diferentes. O “*tivesse*” não existe, está no hipotético.

Quanto ao verbo amar, os entrevistados têm opiniões muito semelhantes ao pensamento aristotélico que, como evidenciamos, permanece vivo por tantos séculos, exatamente por ser tão comum. Esta constatação reafirma nossa teoria de que a atividade “amar” faz parte do cotidiano do homem comum. Todos concordam com a importância do amor e do quanto é necessário para a vida. O amor tem grande amplitude na semântica. Segundo nossos informantes, amar deve estar tanto no ambiente privado (família, amigos, cônjuge) quanto no espaço público (trabalho, por exemplo). O amor é mais do que um sentimento nobre; é uma atividade, uma ação e traz sentido à vida de cada um. O amor envolve o outro e o compartilhar da vida. Para compartilhar é necessário ter intimidade. Também reacendendo o que escrevemos na introdução deste estudo, que para ter intimidade é necessário estar implicado com o outro, ter empatia. cremos que é esta intimidade, implicação e empatia no trabalho nos CAPS que conduzirão o mover de cada um para as transformações que melhorem a vida laborativa destes CAPS. O amor está também ligado ao gozar a vida. O gozo se diferencia do amor por ser sentido no corpo próprio. Não sem surpresa, vimos os quatro verbos do nosso estudo serem acompanhados de outros verbos que descobrimos serem os modalizadores de potência (poder) e de obrigações (dever) das atividades amar, gozar, trabalhar e comunicar por símbolos. Os verbos páthicos querer, poder e dever parecem constituir o centro do dilema dos entrevistados.

Quanto à classe ‘comunicar’, nossos entrevistados revelam ter dificuldades em se expressar, mesmo sendo este verbo considerado “fundamental”. Se a comunicação, mediada pela linguagem, é um problema para profissionais de saúde mental, que lidam diretamente com o sofrimento humano, o trabalho necessariamente será comprometido. Pois a compreensão, a escuta e a empatia fazem parte deste trabalho, em especial.

O querer faz o mover para a locupletação, ou seja, o gozo da conquista e do prazer em mudar uma realidade que não parece em nada favorável.

Com relação à classe ‘trabalho e prazer’, ficou evidente a importância do confronto entre os métodos de estudo. Somente a análise lexical feita sobre as referências absolutas do corpus do texto, através de sintagmas e lexemas definidos por convenção, não é capaz de trazer à luz a compreensão das referências relativas, das figuras de linguagem, das metáforas que dão sentido e significado às frases e parágrafos. Neste caso, a análise lexical aponta a classe ‘prazer’ ao vocabulário mãe, pai e filha, por exemplo, mas que ao ler o texto ao nível da frase e do parágrafo, entende-se que não é sobre família e prazer que os sujeitos falam, mas do usufruto do mesmo, como vimos no capítulo 3. Nesta classe e também categoria, o prazer não está na atividade do trabalho, mas no fruto do mesmo.

Gozar a vida não aparece como categoria ou classe isolada, mas distribuído nas atividades de trabalhar, amar e comunicar. Isto nos leva a pensar sobre a censura e o pensamento do homem capitalista no discurso de que o gozo é fútil e o “dever” em ser útil é obrigatório em todos os momentos, inclusive em períodos de descanso. De qualquer forma, o gozo está lá, potencialmente intrínseco em nossos profissionais, parte dos seus desejos na busca incessante da felicidade.

Desejamos que esta leitura traga reflexão à vida cotidiana de nossos leitores e que Deus os livre de tão sofrida neurose de dúvida que mostramos ao longo desta dissertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, P. (org.). **Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

ARISTÓTELES. **Poética**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martim Claret, 2010.

BARCLAY, W. **As obras da carne e o fruto do espírito**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Nova Vida, 1985.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3.ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BASAGLIA, F. (Org.). **A Instituição Negada: relato de um hospital psiquiátrico**. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral**. Campinas: Pontes, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. **III Conferência Nacional de Saúde Mental**. Caderno Informativo. 1. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Relatório Final da IV Conferência Nacional de Saúde Mental: Intersectorial**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

CHANPLIN, R.R.; BENTES, J.M. **Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia**. São Paulo: Associação Religiosa, 1997.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C.; SZNELVAR, L.I.; LACMAN, S. **Christophe Dejours: da psicopatologia á psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008a.

DEJOURS, C.; SZNELWAR, L.I.; MASCIA, F.L. **Trabalho, tecnologia e organização: avaliação do trabalho submetido à prova do real, críticas aos fundamentos de avaliação**. São Paulo: Blucher, 2008b.

DESCARTES, R. **Discurso do método; as paixões da alma; meditações**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

DUBOIS, J. ET AL. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

DUCROT, O; TODOROV, T. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

EWELL, W.A; et al. **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Nova Vida, 1993.

FERREIRA, A.B.H. et al. **Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios. In: SALOMÃO, J. (dir.) **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)** v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1906- 1908. p. 189-194.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

GOIÁS. Secretaria de Estado da Saúde. Projeto de fortalecimento e apoio ao desenvolvimento institucional do SUS (REFORSUS). **Estruturação da Política Estadual de Saúde Mental**. Goiânia, 2002.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. 5 ed. São Paulo: Iluminuras, 2006.

IANNI, O. **Sociologia e Sociedade no Brasil**. São Paulo: Alfa-Ômega, São Paulo, 1975.

JASPERS, K. **Filosofia II**. Madri: Ediciones de La Universidad de Puerto Rico, 1959.

JASPERS, K. **Introdução ao pensamento filosófico**. Tradução: Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1971.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução: Lucimar A. Cobi Anselmi e Fulvio Lubisco. São Paulo: Martin Claret, 2009.

KERBRAT-ORECHIONE, C. **Análise da conversação: princípios e métodos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KERBRAT-ORECHIONE, C. **La enuncianión em Le lenguaje**. Buenos Aires: Hachette, s/d.

KIERKEGAARD, S. **Diário de um sedutor**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução: Freda Indursky. Campinas: Pontes Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.

MARTINS, F. **Psicopathologia II: Semiologia Clínica**. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, 2003.

MARTINS, F. **Psicopathologia I: Prolegômenos**. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2005.

MARTINS, F. **Metáforas símiles de L. Szondi e Jaques Schotte**. [Texto inédito], s/d.

MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 2. ed. São Paulo: Contexto: 2000.

MARX, K. **O capital**. São Paulo: Difusão editorial, 1984.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image et son public**. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.

MOSCOVICCI, F. **Desenvolvimento Interpessoal**. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

NASCIMENTO, A.R.A.; MENANDRO, P.R.M. Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada. **Estudos e pesquisas em psicologia: UERJ**. Rio de Janeiro, v.2, n.2.p.72-88 2006.

NOËL-JORAND, M.C.; REINERT, M.; GIUDICELLI, S.; DASSA, D. Discourse Analysis In Psychosis: Characteristics of Hebephrenic Subject's Speech. **Journées Internationales d'Analyse Statistique des Données Textuelles: JADT**. França, v.5. 2000.

ONFRAY, M. **A razão gulosa: filosofia do gosto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

OURY, J. **O Coletivo**. São Paulo: Hucitec, 2009.

PLATÃO. **Diálogos**. Tradução: José Cavalcante de Souza; Jorge Paleikart e João Cruz da Costa. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PLATÃO. **Lísis**. Tradução: Francisco de Oliveira. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

ROCHA, Z. O amigo, um outro si mesmo: a Philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. **Psichê: ano X**. São Paulo, n. 17, p. 65-86. 2006.

ROTELLI F. A instituição inventada. Tradução: Maria Fernanda de Silvio Nicácio. **Per la salute mentale: Centro Studi e Ricerche per La Salute Mentale della Regione Friuli Venezia Giulia**. Itália, 1988. v. 1.

SÁ, C. P. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria In: SPINK, M.J. (Org.) **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SARTRE, J.P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 1987.

SARTRE, J.P. **Crítica da razão dialética**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, s/d.

SPINK, M. J. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

VERGOTE, A. **Dette et désir**: deux axes chrétiens et la dérive pathologique. Paris: Seuil, 1978.

APÊNDICES

Apêndice I - Lista de tabelas e quadros

Quadro 01- Referência absoluta e Referência relativa em lingüística. Kerbrat-Orecchione (s/d, p.51).

Quadro 02- Referências dêiticas em relação às categorias: tempo, pessoa e espaço, relacionados aos verbos utilizados, como critérios psicopatológicos: gozar, amar, trabalhar e comunicar, que são ações que se efetivam com a noção de pessoa no tempo e no espaço.

Quadro 03: Característica e estrutura dos CAPS

Quadro 04: Sujeitos participantes do estudo

Quadro 05: Análise das respostas dos sujeitos

Figura 01: primeira classificação descendente (classe 1: trabalhar e desprazer; classe 2 comunicar; classe 3 amar; classe 4: trabalhar e prazer)

Figura 02: Repartição das UCEs entre as classes

Figura 03: Classificação hierárquica ascendente da Classe: Trabalho e desprazer

Figura 04: Classificação hierárquica ascendente da Classe 2: Comunicar

Figura 05: Classificação hierárquica ascendente da Classe 3: Amar

Figura 06: Classificação hierárquica ascendente da Classe 4: Trabalho e prazer

Figura 07: Análise Fatorial de Correspondência (Classes, formas reduzidas e eixos).

Figura 08: Análise fatorial de correspondência e contribuições

Apêndice II - Lista de siglas e abreviaturas

APACS - Autorização de Procedimento de Alto Custo/Complexidade

APUD - Citado por, segundo

CAPS - Centro de Atenção Psicossocial

CAPS I - Centro de Atenção Psicossocial de referência para municípios com população entre 20.000 e 70.000 habitantes, atendimento diário de adultos com transtornos mentais severos e persistentes.

CAPS II - Centro de Atenção Psicossocial de referência para municípios com população entre 70.000 e 200.000 habitantes, atendimento diário de adultos com transtornos mentais severos e persistentes.

CAPS III - Centro de Atenção Psicossocial de referência para municípios com população acima de 200.000 habitantes, atendimento diário de adultos com transtornos mentais severos e persistentes..

CAPSi - Centro de Atenção Psicossocial de referência para municípios com população acima de 200.000 habitantes, para atendimento diário a crianças e adolescentes com transtornos mentais.

CAPSad - Centro de Atenção Psicossocial de referência para municípios com população acima de 100.000 habitantes para usuários de álcool e drogas.

Et AL. - Demais autores e/ou colaboradores

PSF - Programa Saúde da Família

UC - Unidade de Contexto, entendida como representação elementar, um sentido ou um enunciado mínimo em um discurso. Tal enunciado é postulado como uma idéia de um indivíduo psíquico, sendo que essa idéia se refere a um objeto, mas também, ao mesmo tempo, ao próprio sujeito.

UCE - Unidade de Contexto Elementar, definida segundo critérios de tamanho do texto (número de palavras analisadas) e pontuação.

UCI - Unidade de Contexto Inicial, é a unidade a partir da qual o programa efetuará a fragmentação inicial.

CAH - Classificação Hierárquica Ascendente

APÊNDICE III - Característica dos CAPS (infantil; álcool e drogas e CAPS II)

CAPS INFANTIL			
Equipe	Descrição do espaço físico	Rotinas da unidade	Clientela atendida e Nº atendimentos
02 enfermeiras (uma delas é coordenadora da unidade) 01 terapeuta ocupacional 01 fonoaudióloga 02 psicólogas 01 médico psiquiatra 01 médico pediatra 03 téc. em enfermagem 02 aux. Serviços gerais	02 consultórios (atendimento individual) 04 salas de atendimento de grupo 01 cozinha 01 recepção 01 sala de limpeza e depósito 01 administração 01 farmácia	Atendimentos de grupo: 2 ^a , 3 ^a e 4 ^a com a enfermeira e a TO. (grupo informativo). Psiquiatra: 3 ^a 4 ^a e 5 ^a . Pediatra: todas as manhãs (exceto às 6 ^a). Fonoaudióloga: 3 ^a 4 ^a e 5 ^a . Psicólogas: 2 ^a e 5 ^a . Admissão: através de postos de saúde, escolas e conselho tutelar. É feita uma triagem (quinzenalmente) com os pais e toda a equipe pra admissão na unidade, chamada acolhida. Visitas domiciliares são realizadas mensalmente	Atendimentos em torno de 350 crianças ao mês e uma lista de espera de 300. Com três faltas consecutivas e não justificadas, o usuário é cortado do serviço e colocado no final. Não costumam faltar.

CAPS II			
Equipe	Descrição do espaço físico	Rotinas da unidade	Clientela atendida e Nº atendimentos
02 enfermeiras; 01 terapeuta ocupacional; 03 psicólogas (uma é coordenadora da unidade); 01 médico; 01	03 consultórios (atendimento individual); 04 salas de atendimento de grupo; 01 cozinha; 01 refeitório; 01 recepção;	Atendimentos de grupo (psicoterapêutico e terapêutico (terapia comunitária) e atendimentos individuais (sempre quando necessários), visitas domiciliares.	Adultos portadores de transtorno mental leve ou moderado e grave ou severo, por contingência. Média de 300 atendimentos mês. Absentéismo ocorre por pela dificuldade finan-

assistente social; 01 téc. em enfermagem; 01 téc. administrativo; 01 aux. serviços gerais	01 sala de equipe; 01 sala administração; 01 sala de limpeza e depósito; 01 farmácia.	ceira para o transporte.
--	--	--------------------------

CAPS ad			
Equipe	Descrição do espaço físico	Rotinas da unidade	Clientela atendida e N° atendimentos
01 enfermeira 01 terapeuta ocupacional 04 psicólogas (uma delas é coordenadora da unidade) 01 médico psiquiatra 05 téc. em enfermagem 01 aux. serviços gerais	01 consultório (atendimento individual); 01 sala de atendimento de grupo; 01 cozinha em conjunto com 01 área de convivência; 01 recepção; 01 sala de limpeza e depósito; 01 administração em conjunto 01 farmácia.	Atendimentos de grupo: grupo de família; grupo tabagismo; grupo terapêutico; atendimentos individuais. Atendimento médico (individual), oficinas (cozinha terapêutica; mosaico; artesanatos (cahecol, tapete, decoupage); grupos (família; tabagismo; múltiplas drogas (de adolescentes e de adultos); grupo alcoolismo (não está em funcionamento no momento) e abstinência. Admissão: acolhida, ou triagem, feita pela equipe de enfermagem e pela enfermeira.	Dependentes de substâncias psicoativas (álcool, múltiplas drogas e tabaco) e seus familiares. Mesmo tendo o CAPS infantil, a unidade atende crianças e adolescentes dependentes de substâncias psicoativas. Média de atendimentos ao mês 80, mas APAC abertas, no momento 47. Muito tem APAC aberta, mais em vigência ainda (30). O absenteísmo é altíssimo, mas a unidade não tem uma estatística desse número.

Apêndice IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA- IP
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA – PCL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não participará da pesquisa e não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UniEVANGÉLICA pelo telefone (62)3310-6736.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do projeto: A vida cotidiana na assistência em saúde mental: experiências vivenciadas por profissionais de saúde

Pesquisador responsável: Priscila da Silva Antonio

Telefone para contato: (62) 8135-0025

Prezado senhor,

O objetivo desta pesquisa é conhecer as questões do seu dia-a-dia, ou seja, como você lida com o tempo, as pessoas (você e os outros) e com o espaço, através dos verbos de ações: amar, sentir prazer, trabalhar e comunicar. Para isso, necessitarei que você fale sobre algumas questões do cotidiano sobre os verbos acima. Esta entrevista será realizada em um ambiente reservado na própria instituição e gravada em aparelho MP3, para que eu possa analisar o conteúdo com maior facilidade. Seu nome será mantido em segredo e apenas os pesquisadores terão acesso a toda a entrevista, pois utilizaremos apenas fragmentos da mesma.

Guardaremos todo material da entrevista (CD para arquivo e entrevista impressa) em um lugar seguro por cinco anos e depois queimaremos, sendo que mais ninguém terá contato com esse material. Esta pesquisa será apresentada em uma defesa de dissertação de mestrado e poderá ser publicada em revistas científicas ou apresentada em congressos científicos.

Gostaríamos de informar que você poderá se sentir incomodado em responder alguma pergunta, se isso acontecer, não precisa respondê-la. O benefício esperado com a pesquisa é conhecer o cotidiano das pessoas participantes da pesquisa, por este motivo, a sua participação será muito importante para nós, além de possibilitar a sua reflexão sobre o cotidiano.

Você poderá se recusar em participar da pesquisa tranquilamente ou se retirar dela a qualquer momento, sem que isso lhe traga algum prejuízo. Se quiser desistir da pesquisa ou tiver alguma dúvida, basta ligar.

Desde já, agradecemos a sua participação.

Atenciosamente,

Priscila da Silva Antonio (pesquisadora): _____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG nº _____, abaixo assinado, concordo voluntariamente em participar do estudo 'A vida cotidiana na assistência em saúde mental: experiências vivenciadas por profissionais de saúde', como sujeito. Declaro ter sido devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Priscila da Silva Antonio sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação. A mim foi dada a oportunidade de fazer perguntas e recebi telefones para entrar em contato, caso tenha dúvidas. Fui orientado para entrar em contato com o CEP-UniEVANGÉLICA (fone 62 3310-6736), caso me sinta lesado ou prejudicado. Foi me garantido que não sou obrigado a participar da pesquisa e posso desistir a qualquer momento, sem qualquer penalidade. Recebi em cópia deste documento.

Anápolis, ____ de _____ de _____.

Assinatura do sujeito.

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

ANEXO



ASSOCIAÇÃO EDUCATIVA EVANGÉLICA
UniEVANGÉLICA
Um Novo tempo
Sempre

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E AÇÃO COMUNITÁRIA.
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Anápolis, 7 de junho de 2010.

OFÍCIO 080/ 2010 – CEP

Número de Protocolo: 0052 / 2010

Título do projeto: A vida cotidiana na assistência em saúde mental: experiências vivenciadas por profissionais de saúde

Pesquisador responsável: Priscila da Silva Antonio

Senhor (a) Pesquisador (a) Responsável,

O protocolo de pesquisa encaminhado por V.Sra. a este Comitê, avaliado no dia 7/6/2010, recebeu parecer **APROVADO**, significando que as atividades de pesquisa envolvendo seres humanos já podem ser iniciadas.

Relembramos que deverão ser encaminhados relatórios anuais (parcial e final) a este Comitê de Ética, para fins de acompanhamento, tomando como referência a data de aprovação do Projeto no CEP. Os relatórios, em formato eletrônico (doc ou pdf), deverão ser encaminhados ao e-mail cep@unievangelica.edu.br com identificação do número do protocolo.

Colocamo-nos à total disposição para solucionar as dúvidas que porventura surgirem.

Cordialmente,

Silvia Tronconi

Sílvia Mara Maloso Tronconi
Coordenadora do CEP- UniEVANGÉLICA

UniEVANGÉLICA
CENTRO UNIVERSITÁRIO
Associação Educativa Evangélica

Avenida Universitária, Km. 3,5 Cidade Universitária - Anápolis-GO - CEP 75070-290 - Fone: (62) 3310-6600 - FAX: (62) 3318-6388

"...grandes coisas fez o Senhor por nós; por isso estamos alegres." (Sl 126:3)